



MÃES NAS UNIVERSIDADES

Reflexões do Projeto Maternagem,
Mídia e Infância

Maria Collier de Mendonça
Carolina Dantas de Figueiredo

ORGANIZADORAS





MÃES NAS UNIVERSIDADES

Reflexões do Projeto Maternagem,
Mídia e Infância

Maria Collier de Mendonça
Carolina Dantas de Figueiredo

ORGANIZADORAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

Vice-Reitor: Alamanda Kfoury Pereira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Thais Porlan de Oliveira

Vice-Diretor: Rogério Duarte do Pateo

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenadora: Sônia Caldas Pessoa

Vice-Coordenadora: Geane Carvalho Alzamora

SELO EDITORIAL PPGCOM

Coordenação editorial acadêmica:

Ângela Cristina Salgueiro Marques

Tiago Barcelos Pereira Salgado

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Jorge Cardoso (UFRB UFBA)
Benjamim Picado (UFF)	Kati Caetano (UTP)
Cezar Migliorin (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (CasperLíbero)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Marcel Vieira (UFPB)
Eneus Trindade (USP)	Mariana Baltar (UFF)
Fátima Regis (UERJ)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fernanda Duarte (NCSU/EUA)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)

Esta obra foi selecionada pelo Conselho Editorial do Selo PPGCOM/UFMG após avaliação por pareceristas ad hoc.

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo PPGCOM/UFMG, disponíveis em:

<https://seloppgcomufmg.com.br/termos-de-uso/>

www.seloppgcomufmg.com.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901

Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M186 Mães nas universidades [livro eletrônico] : reflexões do projeto Maternagem, Mídia e Infância / organizadoras Maria Collier de Mendonça, Carolina Dantas de Figueiredo. — 1. ed. — Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2026.
il. color.

Formato: PDF.
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-85915-58-8

1. Maternidade — Ensino superior. 2. Mulheres na educação superior. 3. Sociologia educacional. I. Mendonça, Maria Collier de. II. Figueiredo, Carolina Dantas de.

CDD 306.43

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI: <https://doi.org/10.64275/mu24mc09>

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFGM, 2026.

CO-COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ettore Stefani de Medeiros

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Ettore Stefani de Medeiros

Mariana Cardoso Carvalho

WEBSITE E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Daniel Melo Ribeiro

ASSISTENTE EDITORIAL

Marina Carrano Leis

Rannyson da Silva Moura

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

Bruno Guimarães Martins

DIAGRAMAÇÃO

Daniel Augusto Borges Silva

Iara Mendes dos Santos

Apoio:



Dedicamos este livro a todas as mães estudantes, servidoras,
professoras e pesquisadoras das universidades brasileiras.

▮ AGRADECIMENTOS

Às mães que participaram das rodas de conversas e a todas as pessoas que participaram do nosso programa de rádio e demais atividades do projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância. Ao Coletivo Maternidades UFPE. Ao Parent in Science. À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) pelas bolsas de incentivo acadêmico (BIA) concedidas a Ikaro Reis e Maria Luiza França e à bolsa de pós-graduação, concedida a Júlia Cardouzo. À Pró-reitoria de Extensão da UFPE, pelas bolsas PIBEXT concedidas a Nina Carreiro, Maria Luiza de Medeiros, Izabeli Soares e Leila Fialho. Ao Programa de Iniciação Científica da UFPE, pelas bolsas PIBIC Propesqi-Af e/ou CNPq, concedidas a Ikaro Reis, Eduarda Micaely, João Victor Fernandes, Izabeli Soares e Leila Fialho. À CAPES, pela bolsa de pós-graduação concedida à Lilian Santiago. À equipe da Rádio Universitária Paulo Freire: Yvana Fechine, Catarina Apolônio, Igor Silva, Paula Reis e Ana Veloso. Aos colegas do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em

Comunicação: Rogério Covaleski, Soraya Barreto, Rodrigo Carreiro, Ana Paula Campos, Bruno Nogueira e Adriana Santana. À Direção do Centro de Artes e Comunicação: Murilo Silveira e Chico Lacerda. Aos diálogos inspiradores com Brenda Guedes, Débora Santos, Rodrigo Lopes, Nirvana Lima, Camila Infanger, Vanessa Suany, Milena Freire, Luana Fontel, Mithaly Corrêa, Napê Nunes, Juliana Márcia, Gisela Castro, Andrea O'Reilly e Joana Maria Pedro. À PROAES UFPE: Cinthia Kalyne Alves e Juliana Melo. E à reitoria da UFPE: Alfredo Gomes e Moacyr Araújo.

■ SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
<i>Maria Collier de Mendonça, Carolina Dantas de Figueiredo</i>	
Maternidade como tema de pesquisas e estudos interdisciplinares	25
<i>Maria Collier de Mendonça</i>	
Não era pra ser agora? Agora e com um bebê: a universidade também é nosso lugar	39
<i>Bruna Patrícia</i>	
Fala mãe! Ser mãe na graduação	45
<i>Maria Luiza França da Silva</i>	
Maternidade nas produções do DCOM UFPE	57
<i>Marília Felix de Carvalho</i>	

Fala mãe! Uma conversa com mães pós-graduandas e servidoras da UFPE <i>Maria Luiza França da Silva</i>	65
Ser mãe na pós-graduação <i>Carolina Dantas de Figueiredo</i>	75
O MEC e as políticas de permanência para mães universitárias <i>Ikaro José Felix dos Reis</i>	85
Perspectivas e possibilidades para mães na carreira acadêmica <i>Carolina Dantas de Figueiredo</i>	93
Políticas de apoio às mães na UFPE: por onde começar? <i>Juliana Melo</i>	101
Mães universitárias: experiências e diálogos em circulação no Instagram <i>Maria Nina Santana Carreiro, Maria Collier de Mendonça</i>	113
Influenciadores digitais mirins: do brincar ao empreender <i>Raphaella Almeida Costa</i>	125
Maternagem, trabalho de cuidado e a redação do ENEM <i>Ikaro José Felix dos Reis</i>	133
Homens maternam? <i>João Victor Fernandes Santana de Oliveira, Maria Luiza de Medeiros Pereira da Silva, Maria Nina Santana Carreiro</i>	143

Rodas de conversas na ação extensionista do Maternagem, Mídia e Infância: ampliando o diálogo sobre permanência materna na UFPE	151
<i>Maria Collier de Mendonça, Carolina Dantas de Figueiredo, Marília Felix de Carvalho, Ikaro José Felix dos Reis, Aline Enatally de Melo Menezes, Gisele Maria da Silva Ramos</i>	
Maternagem, Mídia e Infância: um panorama da quinta temporada na Rádio Paulo Freire	161
<i>Júlia Monteiro Cardouzo</i>	
Produção simultânea do curso de extensão e da sexta temporada do programa Maternagem, Mídia e Infância na Rádio Paulo Freire em 2025	177
<i>Leila Maria Fialho, Izabeli Soares dos Santos, Maria Collier de Mendonça, Júlia Cardouzo, Eduarda Micaely, Carolina Dantas de Figueiredo, João Victor Fernandes, Ainoã Oliveira, Lilian Santiago, Hallena Lemos e Silva, Gustavo Limeira de Lacerda</i>	
SOBRE AS AUTORAS E AUTORES	187

APRESENTAÇÃO

MARIA COLLIER DE MENDONÇA
CAROLINA DANTAS DE FIGUEIREDO

Ser mãe na universidade brasileira ainda significa enfrentar barreiras estruturais invisíveis, porém profundamente determinantes. Entre jornadas contínuas de trabalho (doméstico, materno, acadêmico e remunerado), ausências de políticas de inclusão, permanência e equidade necessárias para estudantes com filhos e desigualdades históricas de gênero, muitas mulheres têm suas trajetórias acadêmicas interrompidas ou drasticamente impactadas.

Foi diante desse cenário que nasceu o Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância (MMI), uma iniciativa coordenada pelas professoras Maria Collier de Mendonça e Carolina Dantas de Figueiredo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O projeto articula ensino, pesquisa e extensão para divulgar a produção científica sobre maternidade, maternagem, infância e mídia, e também ampliar o diálogo a conscientização social sobre os desafios, dificuldades e desigualdades vivenciadas pelas mães na educação superior brasileira.

Desde a primeira reunião presencial com mães universitárias, realizada em dezembro de 2022, foi possível identificar que ser mãe na universidade é uma experiência marcada por desafios como sentimentos de cansaço, sobrecarga, solidão e redução de produtividade. Ao mesmo tempo, emergem sentimentos de esperança, desejo de transformação e orgulho. Entre dificuldades e potências, torna-se evidente que a igualdade de oportunidades ainda não é uma realidade para as mães no ambiente universitário. O MMI debate imagens, mensagens e valores socioculturais que circulam nas mídias sobre maternidade, maternagem e infância, considerando implicações éticas e influências da cultura do consumo, do patriarcado e do neoliberalismo nas experiências cotidianas de mães, pais, crianças e adolescentes. Nosso trabalho se fundamenta em pesquisas sobre maternidade e maternagem nas mídias e em estudos sobre mídia e infância, articulando um referencial teórico interdisciplinar que envolve estudos maternos e estudos de comunicação.

Contudo, diferentemente de uma proposta voltada exclusivamente à divulgação científica ou à realização de atividades extensionistas, este projeto foi concebido a partir da compreensão de que ensino, pesquisa e extensão constituem dimensões indissociáveis da universidade pública. Inspirado na concepção freireana de extensão como prática dialógica (Freire, 1983) e nas discussões contemporâneas sobre comunicação pública da ciência, comunicação comunitária e estudos maternos, o projeto compreende a comunicação como espaço de produção compartilhada de conhecimento. Dessa maneira, realizamos ações que visam a promoção da igualdade de gênero e de oportunidades e, consequentemente, o bem-estar de discentes, docentes e servidoras que são mães. No campo da comunicação pública, além da presença radiofônica, o perfil do projeto (@mmi.ufpe) agrega mais de 1.800 seguidores no Instagram, veiculando conteúdos que atingem até 28 mil visualizações. Assim, programas de rádio e podcasts, rodas de conversa, postagens em redes sociais, ações de divulgação científica, encontros on-line com mães universitárias, participações em eventos e publicações nacionais e internacionais não são

apenas estratégias de difusão de informações – mas funcionam também como dispositivos metodológicos de escuta, reflexão e elaboração coletiva de saberes acerca das condições de inclusão, progressão e permanência de pessoas que maternam nas universidades brasileiras. Nosso público-alvo inclui discentes, docentes, servidoras e pesquisadoras da UFPE e de outras instituições, além de mães, pais, profissionais da educação, organizações da sociedade civil e órgãos governamentais interessados na temática.

Este livro reúne reflexões a partir de ações promovidas pela equipe do MMI para dar visibilidade às experiências e dificuldades das mães, estudantes, professoras, pesquisadoras e servidoras técnico-administrativas nas universidades brasileiras e, particularmente, na Universidade Federal de Pernambuco. Em particular, a iniciativa do programa radiofônico *Maternagem, Mídia e Infância*. Produzido por estudantes de graduação, pós-graduação e docentes da UFPE, este programa tem sido veiculado desde 2021 na Rádio Paulo Freire, emissora escola da UFPE. Seu intuito é ampliar o debate público envolvendo a universidade, a sociedade e a divulgação da produção científica acerca dessa temática, tecendo um diálogo contínuo e interdisciplinar sobre a necessidade de elaboração de políticas para mães estudantes. Além de estimular a conscientização social sobre a necessidade de promoção da equidade de oportunidades para pessoas que maternam na academia brasileira, o projeto também discute questões ético-legais relacionadas aos estudos das infâncias e adolescências nas mídias tendo em vista o atual contexto tecnocultural, consumista e neoliberal.

Ao longo de seis temporadas na rádio, aprendemos que ser mãe na universidade é uma vivência atravessada por múltiplas interseccionalidades — raça, renda, escolaridade, localização geográfica, sexualidade, condição de deficiência, entre outras — que afetam as trajetórias de estudantes, professoras e servidoras técnico-administrativas de maneiras desiguais. Conforme dados da PNAD Contínua (IBGE, 2022), as mulheres brasileiras dedicam cerca de 21 horas semanais ao trabalho doméstico e de cuidados, enquanto os homens gastam apenas 11 horas

semanais com esse tipo de trabalho. Ainda citando a PNAD Contínua (IBGE, 2023) muitas jovens brasileiras abandonam seus estudos antes mesmo de ingressarem no ensino superior porque precisam trabalhar para sobreviver ou cuidar de suas filhas ou filhos. Nesse cenário, não há dúvidas de que um diploma de graduação ou pós-graduação é fundamental para abrir portas para que elas consigam salários melhores e possam se tornar financeiramente independentes, o que é importantíssimo em tempos marcados pela feminização da pobreza e por altos índices de violência contra mulheres e crianças.

Evidencia-se aqui que a maternidade não pode ser tratada como um aspecto periférico no contexto atual, pois se trata de uma dimensão estruturante que impacta as vivências de milhões de mulheres nas universidades brasileiras. Como nos lembram Silva *et al.* (2024), a participação das mulheres na ciência diminui à medida que elas avançam na carreira acadêmica, perfazendo um gráfico em forma de tesoura que ilustra um decréscimo relevante na produtividade científica, frequentemente atribuído aos impactos da maternidade e do trabalho de cuidado centrados nas mulheres (Silva *et al.* 2024). Nesse contexto, pesquisadoras do movimento *Parent in Science* ressaltam que o impacto da parentalidade não é igual para todas as pessoas, pois as mães brasileiras necessitam de quatro ou mais anos para retomarem o seu ritmo de produção acadêmica após o parto. Entretanto, essa mesma desaceleração não ocorre com os homens (Carpes *et al.*, 2022).

Com base nos pilares da extensão universitária e na participação de mais de 20 estudantes de graduação e pós-graduação na co-autoria dos capítulos, as reflexões aqui apresentadas partem de diálogos realizados nos episódios veiculados pela Rádio Paulo Freire ou nas rodas de conversas organizadas pela nossa equipe com as mães da UFPE. O resultado desse esforço colaborativo promove a circulação de saberes que emergiram a partir da escuta de experiências maternas, dificuldades rotineiras e sugestões necessárias para a implementação de políticas voltadas à

promoção da equidade de oportunidades para as mães universitárias, gerando impacto social.

Os capítulos que compõem esta obra foram elaborados a partir da sistematização dessas experiências. As discussões desenvolvidas nos programas radiofônicos, nas rodas de conversa, nas atividades formativas e nos encontros promovidos pelo projeto constituíram um *corpus* empírico analisado pelas autoras e autores à luz da literatura sobre maternidade, mídia, infância, gênero e políticas universitárias. Assim, embora o livro preserve o caráter de relatos de experiências, ele ultrapassa a simples descrição das atividades realizadas ao propor interpretações sobre os desafios enfrentados por mães universitárias e sobre o potencial da comunicação como instrumento de transformação social, política e infraestrutural.

O programa *Maternagem, Mídia e Infância* constituiu-se como um laboratório permanente de comunicação da ciência. Ao reunir pesquisadoras, estudantes, ativistas de movimentos sociais, educadoras, artistas, gestoras públicas e mães universitárias para debater sobre maternidade, maternagem, mídia, infância e equidade de gênero, o programa produziu um espaço de circulação de saberes capaz de conectar conhecimento científico com experiências vividas. Nesse sentido, o rádio deixa de ser compreendido apenas como veículo de divulgação e passa a operar como ambiente de escuta, mediação e produção coletiva de conhecimento.

Ao longo de cinco anos, o MMI transformou-se em um espaço de formação, visibilidade e aprendizados mútuos. Inserido no contexto da pós-graduação, este livro sintoniza critérios que serão levados em conta na próxima avaliação quadrienal da CAPES. Tais critérios valorizam, por exemplo, as políticas de apoio à maternidade, à parentalidade e à equidade de gênero, bem como a integração de ações extensionistas e de divulgação científica na pós-graduação para aumentar o impacto social dos programas de pós-graduação.

No decorrer do tempo, o MMI tornou-se um espaço de formação cidadã, dando visibilidade às necessidades de transformação social. A trajetória do projeto demonstra como iniciativas extensionistas podem

integrar ensino e pesquisa e, ao mesmo tempo, mobilizar a comunidade acadêmica e a gestão universitária para pensar e desenhar transformações relevantes para as universidades a várias mãos. Atuais estudantes de pós-graduação, egressas e egressos do PPGCOM UFPE têm participado das atividades do MMI. Parte desse grupo está engajado em discussões com o governo, a academia e a sociedade civil sobre a necessidade de formulação de políticas públicas e novas leis referentes à equidade de gênero, educação midiática e uso ético das plataformas digitais e da inteligência artificial generativa. Nossa equipe participou de debates com representantes de mais de 40 coletivos de mães universitárias, incluindo o Coletivo Maternidades UFPE. Também conversamos com redes de pesquisa nacionais (como a RECRUA - Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências) e internacionais (como a IAMAS - International Association of Maternal Action and Scholarship). Acompanhamos os fóruns materno-universitários, realizados on-line nas cinco regiões do país, para o levantamento de informações que auxiliaram o Grupo de Trabalho de Estudos Técnicos para Criação da Política Nacional de Permanência Materna no Ensino Superior (nomeado pelo MEC, Portaria nº 2.005/2023) e do Grupo de Trabalho Parentalidade na Assistência Estudantil da UFPE (Portaria nº 1542/2025), vinculado à PROAES da UFPE. Tais fóruns objetivaram o desenvolvimento de estudos sobre políticas de apoio à maternagem/paternagem para reduzir a evasão e promover a permanência de estudantes com filhos.

O MMI é, portanto, uma iniciativa que alia desenvolvimento acadêmico e profissional à formação da consciência cidadã de discentes e docentes, evidenciando consequentemente o potencial transformador da universidade pública. Por meio da escuta ativa de mães estudantes, professoras e servidoras, elaboramos sugestões de políticas institucionais e estimulamos ações concretas a partir da mobilização do comitê de governança da nossa universidade, como o engajamento para a criação do grupo de trabalho institucional, a inclusão de cotas para mães nos editais PIBIC FACEPE 2026 e PIBEXT UFPE 2026 e a inauguração, em

19 de março de 2026, da Cuidoteca da UFPE. Para além dos programas de rádio, nossas produções técnicas e científicas (tais como relatórios e apresentações, relatos de experiência, capítulos de livros, trabalhos em anais de eventos e artigos publicados em periódicos internacionais) reforçam a necessidade de aprendermos com quem vivencia cotidianamente os desafios da maternidade num ambiente acadêmico marcado por lógicas excludentes, produtivistas e patriarcais.

Ao articular ações extensionistas, escuta, produção e disseminação de conhecimento, o projeto abre caminhos para a construção da equidade de gênero no ensino superior, reafirmando o papel da universidade pública como agente de justiça social, inovação e transformação coletiva. Por esse motivo, é importantíssimo continuarmos atuando cotidianamente para tornarmos estes espaços de educação mais inclusivos para todas as pessoas que nela desejem estudar, pesquisar ou trabalhar. Ao reunirmos reflexões, experiências e evidências científicas que demonstram o quanto ainda é difícil ser mãe na universidade, visamos contribuir para a documentação, continuidade e ampliação do debate sobre equidade de gênero e de oportunidades no ensino superior de graduação e pós-graduação, para além do campo da comunicação.

A principal contribuição desta obra reside na articulação entre três dimensões que raramente aparecem integradas na literatura brasileira: os estudos sobre maternidade e maternagem, a comunicação pública e comunitária e a experiência extensionista universitária. Mais do que documentar uma trajetória institucional, o livro evidencia como práticas comunicacionais podem constituir instrumentos de diagnóstico social, produção de conhecimento e incidência política na formulação de ações voltadas à permanência de mães no ensino superior. Dessa forma, os capítulos reunidos oferecem não apenas um registro da experiência do MMI, mas também um conjunto de reflexões que pode subsidiar pesquisas futuras e inspirar iniciativas semelhantes em outras instituições.

Parte dos capítulos¹ são versões modificadas, ampliadas e atualizadas de resumos expandidos ou trabalhos previamente publicados em anais de

eventos, incorporando novos referenciais teóricos, discussões e resultados decorrentes do desenvolvimento de atividades do MMI. Reunir esses estudos em um único volume constitui uma estratégia de sistematização do conhecimento produzido, permitindo que reflexões antes dispersas em outros produtos acadêmicos passem a compor um material de referência mais amplo, articulado e acessível. Essa organização atende a um propósito acadêmico e social: oferecer uma obra de consulta para estudantes de graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadoras e pesquisadores, extensionistas, gestoras e gestores universitários, bem como para grupos que desenvolvem projetos semelhantes em outras instituições de ensino superior. Ao consolidar diferentes etapas do projeto em um único livro, buscamos preservar a memória da experiência, registrar o percurso de construção coletiva do projeto e disponibilizar um referencial que possa inspirar novas pesquisas, ações extensionistas e políticas institucionais voltadas à promoção da equidade de gênero e da permanência de pessoas que maternam na universidade.

Dessa maneira, reafirmamos o nosso compromisso com a defesa da construção de uma universidade que acolha a diversidade de trajetórias maternas e parentais. Assim, este livro visa contribuir para a documentação, continuidade e ampliação dos debates sobre equidade de gênero e de oportunidades no ensino superior de graduação e pós-graduação para além do campo da comunicação. Convidamos a comunidade acadêmica brasileira a reconhecer a maternidade como uma questão coletiva, cujas dimensões sociopolíticas exigem respostas infraestruturais e normativas junto a transformações culturais nas instituições de ensino superior e órgãos de fomento científico brasileiros. Dessa maneira, reafirmamos a nossa defesa da construção de um ambiente universitário que acolha a diversidade de trajetórias maternas e parentais para que as pessoas envolvidas no trabalho de maternagem possam oferecer para si mesmas, suas filhas e filhos, melhores condições de vida, novas perspectivas e oportunidades de realização profissional, que a consciência crítica e formação cidadã poderão lhes proporcionar por meio da educação superior.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. Os resumos expandidos ou textos preliminares que resultaram na escrita dos capítulos 9, 10, 14, 15 e 16 estão citados nas referências desses respectivos capítulos.

Referências

CARPES, Pâmela Billig Mello et al. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 31, n. 2, p. e2022354, 2022. <https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200013>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PNAD Outras formas de trabalho: Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 3 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PNAD Contínua. Uma em cada quatro mulheres de 15 a 29 anos não estudava e nem estava ocupada em 2023. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 22 mar. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39531-uma-em-cada-quatro-mulheres-de-15-a-29-anos-nao-estudava-e-nem-estava-ocupada-em-2023>. Acesso em: 3 abr. 2026.

PARENT IN SCIENCE. Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade. Levantamento realizado pelo Movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à Covid-19. Informativo Parent in Science, 03 jul. 2020. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/>. Acesso em: 5 set. 2023.

SILVA, Roberta et al. Gender and the scissors graph of brazilian science: from equality to invisibility. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, [S. l.], v. 18, n. especial, p. 1–14, 2024. DOI: 10.21713/rbpg.v18iespecial.2011. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/2011>. Acesso em: 3 abr. 2026.

Maternidade como tema de pesquisas e estudos interdisciplinares

MARIA COLLIER DE MENDONÇA

No dia 3 de maio de 2023, discutimos a maternidade como tema de pesquisas e estudos interdisciplinares no episódio do Programa Maternagem, Mídia e Infância, apresentado pelas extensionistas Aline Melo e Gisele Ramos, estudantes de graduação no Departamento de Comunicação da UFPE, na Rádio Paulo Freire. Conversamos com Camila Infanger, doutoranda em Ciência Política na Universidade de São Paulo (USP) e integrante do Movimento *Parent in Science*, e Maria Collier de Mendonça, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professora do Departamento de Comunicação da UFPE e coordenadora do projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância.

Inicialmente, Gisele Ramos convidou Camila Infanger a apresentar o *Parent in Science* e contar aos ouvintes como o movimento atua no Brasil e no exterior. Camila explicou que o *Parent in Science* é formado por cientistas, sendo a maioria mães e poucos pais, esclareceu que o movimento surgiu para ampliar a discussão sobre a parentalidade e, sobretudo, a maternidade no universo acadêmico brasileiro. Segundo a pesquisadora,

Apesar de várias movimentações que já existiam nas universidades e grupos acadêmicos, o *Parent in Science* surgiu para trazer inclusive dados sobre quem são as mães cientistas, que tipos de necessidades existem e também para entender como essa discussão pode chegar aos tomadores de decisão, como os órgãos financiadores das ciências, ou mesmo para que os periódicos possam discutir melhor esse tema e entendê-lo como algo que pode ser objeto de pesquisa, além de uma demanda da comunidade acadêmica (Infanger, 2023, informação verbal).

Em seguida, Aline Melo ressaltou que o *Parent in Science* tem promovido debates sobre questões importantes, como também liderou iniciativas e realizou conquistas que geraram mudanças efetivas no cenário acadêmico brasileiro. E, nesse momento, pediu a Camila Infanger para falar dessas mudanças. A pesquisadora retomou o histórico do *Parent in Science*, movimento que existe desde 2016, lembrando que o grupo levantou dados pioneiros sobre quantas mães existiam no contexto acadêmico brasileiro. Tendo em vista que as mulheres-mães são as principais cuidadoras das crianças, o objetivo do movimento tem sido discutir os impactos da sobrecarga materna sobre as mães acadêmicas brasileiras, a partir dos resultados de pesquisas quantitativas. Ao confirmar que mesmo as mulheres que dividem o trabalho de maternagem com os pais ou outros cuidadores sentem-se exaustas em função de suas jornadas contínuas de trabalho (doméstico, materno, acadêmico e remunerado), o núcleo central do *Parent in Science* ampliou o debate público sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres-mães nas trajetórias de estudos e carreiras acadêmicas, que não são lineares. Dessa maneira, por meio de publicações acadêmicas e da promoção desse debate nas redes sociais digitais, o *Parent in Science* conseguiu formalizar a inclusão da licença-maternidade no *Curriculum Lattes* e, em 2023, entregou à CAPES uma carta solicitando a inclusão de informações sobre a maternidade na Plataforma Sucupira. Adicionalmente, o movimento lançou o Programa Amanhã, no qual mães estudantes e pesquisadoras podem concorrer a bolsas de estudos para incentivar sua permanência e progresso acadêmico. Nas palavras de Camila:

Uma grande conquista foi a inclusão da licença-maternidade no *Lattes* [...] Atualmente, a gente pleiteia a inclusão da maternidade na Plataforma Sucupira, para que o período da licença-maternidade não seja computado nem seja, eventualmente, uma penalização para os programas de pós-graduação que aceitem a licença-maternidade para o bem-estar das cientistas. E mais, a gente tem o Programa Amanhã, que chega em nossas beneficiárias (Infanger, 2023, informação verbal).

O Programa Amanhã foi criado a partir de uma vaquinha on-line e de recursos conquistados quando o *Parent in Science* ganhou o Prêmio *Inspiring Women in Science*, da Revista *Nature* em 2021. A primeira edição deste Programa beneficiou mães estudantes de pós-graduação e deu prioridade a mães racializadas (pretas, pardas e indígenas), mães-solo e mães de crianças com deficiência. Na segunda edição, o Amanhã concedeu bolsas para mães-estudantes de graduação, em virtude dos riscos de perdas do potencial científico de alunas mães, que engravidam na graduação, desistem dos cursos e, conseqüentemente, desconsideram a carreira acadêmica. “A gente pode ter cientistas muito poderosas, com habilidades acadêmicas muito valiosas, que não permanecem na academia por não terem condições adequadas para conciliação da maternidade com a carreira acadêmica”, disse Camila Infanger (Infanger, 2023, informação verbal).

Aline Melo enfatizou como a existência do *Parent in Science* é fundamental para o avanço dos estudos maternos e científicos. Depois disso, pediu à professora Maria Collier de Mendonça, coordenadora do Projeto Maternagem, Mídia e Infância, para contar aos ouvintes como nós estudamos maternidade e maternagem na UFPE. Então, Maria explicou o significado da palavra mãe e os conceitos de maternidade e maternagem, a partir dos referenciais teóricos do feminismo matricêntrico (O’Reilly, 2016):

A gente entende que mãe é qualquer pessoa adulta engajada no trabalho materno, independente do gênero. Isso é importante porque é uma maneira de você desvincular o exercício da maternagem do sexo e do vínculo biológico com a criança, ou com o filho ou filha adulta que ne-

cessite de cuidados. Porque quando a gente individualiza esse tipo de cuidado e esse tipo de função, a gente aumenta ainda mais a sobrecarga materna. Então, a gente se baseia em dois conceitos: maternidade e maternagem. O conceito de maternidade parte das ideias de Adrienne Rich, Andrea O'Reilly e Sara Ruddick. Está ligado ao poder biológico e aos significados simbólicos e culturais da maternidade. Em contrapartida, o conceito de maternagem envolve todas as práticas de cuidado e ações que são contínuas. A gente também fala em jornada contínua, o que aconteceu muito na pandemia. As pessoas, que a gente considera mães, cuidam das crianças ou adultos que necessitam ser cuidados e fazem o trabalho não remunerado da maternagem. A gente entende os dois conceitos como sendo complementares. E o nosso programa escolheu a palavra maternagem justamente para lembrar que esse trabalho materno precisa ser compartilhado. E ele é, sim, um assunto de todas e de todos nós (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

Gisele Ramos lembrou, então, que Maria Collier costuma dizer que os estudos maternos são interdisciplinares e pediu à professora para explicar como este campo está sendo desenvolvido no Brasil. Maria ressaltou que estamos vivendo um momento de expansão dos estudos maternos e relatou sua experiência de pesquisa:

Quando comecei o mestrado, eu me sentia muito solitária. Pouco a pouco, fui descobrindo que essa sensação ocorria justamente em função da interdisciplinaridade, porque eu não conseguia encontrar pessoas estudando maternidade e maternagem no campo da comunicação e semiótica, que era onde eu estava. Na verdade, a gente via trabalhos na saúde pública, na psicologia social; às vezes, na história, na antropologia ou nas ciências sociais. Mas nos estudos relacionados à mídia, comunicação e consumo, não existiam pesquisas sobre isso. Por conta dessa falta, eu fui bater no Canadá. Hoje em dia, a gente vê um cenário muito diferente (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

A professora Maria observou que houve um crescimento dos coletivos maternos, formado por estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e servidoras que são mães, durante a pandemia da Covid-19. Essas mulheres se reuniram virtualmente porque, naquela época, a sobrecarga materna afetou drasticamente as mulheres envolvidas com as

universidades. Tendo colaborado com o projeto de pesquisa liderado pela professora Milena Freire de Oliveira-Cruz, na Universidade Federal de Santa Maria durante a pandemia; Maria, Milena e o grupo de pesquisa Comunicação, Gênero e Desigualdades (UFSM/ CNPq) entrevistaram mais de 2000 mulheres-mães na pandemia. E as palavras-chaves de como elas se sentiam na pandemia eram cansaço e exaustão (Collier de Mendonça; Oliveira-Cruz, 2020).

Conforme relatou Collier de Mendonça, muita gente estava se sentindo sozinha, enquanto pesquisava a maternidade, porque a atual estrutura universitária é muito departamentalizada e está dividida em diferentes áreas de conhecimento, que computam suas métricas e índices de produtividade. Mas quando estudamos a maternidade e a maternagem é indispensável incluir a interdisciplinaridade, porque

Ser mãe envolve o dia a dia, a história, a cultura, as mídias, as políticas públicas, os direitos, as artes... De maneira que dialogamos com a pedagogia, a psicologia social ou a saúde pública. Não dá para você dizer que os estudos maternos pertencem a um campo do saber e eu acho isso muito interessante! Apesar de estarmos mais ligadas aos campos das ciências sociais aplicadas e das ciências humanas, a gente tem essa interdisciplinaridade (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

No entanto, a interdisciplinaridade dos estudos maternos é, ao mesmo tempo, uma grande vantagem e uma grande dificuldade. Pensando nisso, Maria Collier sintetizou três temáticas centrais abordadas nos estudos maternos, segundo Andrea O'Reilly (2010). A primeira delas é a discussão crítica de políticas públicas, leis, ideologias e imagens que sustentam sentimentos maternos de opressão e sobrecarga, contribuindo para a permanência de valores patriarcais na cultura atual. A segunda são os estudos das experiências e práticas de maternagem, por exemplo, pesquisas etnográficas ou pesquisas históricas para entender por que o trabalho do cuidado é tão desvalorizado e não é remunerado. E, a última são as repercussões do que o tornar-se mãe desencadeia nas identidades, subjetividades, autoestimas e autoimagens das mulheres.

Em outras palavras, os modos como a cultura da maternidade e as práticas de maternagem vão transformando as identidades e subjetividades das mães. A terceira temática dialoga com a psicologia e os estudos das mídias, entre outras áreas.

Depois disso, ainda citando O'Reilly (2013), Maria enfatizou que do mesmo jeito que a cultura da maternidade patriarcal foi construída, ela pode ser desconstruída se evidenciarmos diversas práticas e narrativas de maternagem; como também se criticarmos os modos como as mídias, a publicidade ou o jornalismo reiteram imagens, mensagens e valores culturais da maternidade patriarcal:

É nesse sentido que o Maternagem, Mídia e Infância propõe o debate sobre o que as mídias produzem e disseminam a respeito das rotinas cotidianas das mães. Afinal, hoje em dia, a gente vive em um ambiente permeado pelas mídias, pelas mensagens publicitárias e jornalísticas, o tempo inteiro, né? Usamos a internet e o celular para se estudar, para se informar, para se divertir. Então a mídia acaba construindo, propagando e reforçando valores culturais, imagens, mensagens que moldam o que é ser criança e o que é ser mãe na atualidade. Então o nosso campo de estudos dialoga com a cultura de consumo e com o neoliberalismo [...] Como Camila estava dizendo, debatemos, sobretudo, as desigualdades de gênero e de oportunidades que a academia oferece para as mulheres que são mães (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

A seguir, Aline e Gisele pediram para Camila Infanger falar de sua pesquisa de doutorado, a qual aborda os impactos da maternidade para mulheres universitárias. Nesse momento, Camila enfatizou que o atual conceito de ciência nasceu no Ocidente, numa sociedade patriarcal. Nas palavras da pesquisadora, naquela época “a ciência era feita, produzida e dirigida a um público de homens brancos ocidentais. E, muito provavelmente, nenhum deles se identificava com outro gênero que não fosse hétero...” (Infanger, 2023, informação verbal).

Tempos depois, algumas mulheres, geralmente pertencentes às elites socioeconômicas, começaram a trabalhar como cientistas, ao contrário das mulheres de camadas mais vulneráveis que não tinham essas possi-

bilidades. A própria Camila questionou, por muito tempo, como seria possível trabalhar, fazer mestrado e seguir carreira acadêmica, tendo que abdicar de seu emprego e salário fixo para cursar a pós-graduação. Quando nasceu seu primeiro filho, a pesquisadora precisou fazer cálculos somando o valor da bolsa de estudos à renda do marido para ter certeza de que seria viável continuar estudando. Nesse momento, ela refletiu sobre sua posição de privilégio e destacou que uma mãe solo certamente não conseguiria tomar tal decisão. Afinal, até pouco tempo atrás, as alunas de pós-graduação não tinham direito à licença-maternidade e suas bolsas eram cortadas logo após o nascimento dos filhos:

Eu não sei o que eles imaginavam! Como alguém que vive exclusivamente da bolsa, vai perder a bolsa justamente quando tiver acabado de ter um filho? Quando você não pode fazer absolutamente nada para ganhar dinheiro! Isso era uma questão fora do escopo deles. Era um problema que eles nem percebiam, porque consideravam algo pessoal (Infanger, 2023, informação verbal).

Camila nos lembrou que a inserção das mulheres na carreira científica é relativamente recente, pois, por muito tempo, as mulheres ocupavam posições de objetos de estudos, em vez de sujeitos produtores de conhecimentos científicos. “Nossos corpos e comportamentos eram estudados na medicina, psiquiatria e psicologia geralmente a partir de vieses patriarcais e masculinos. Durante séculos, mulheres não tinham voz, até chegarem onde estão atualmente” (Infanger, 2023, informação verbal).

As participantes do episódio concordaram que a transformação das mulheres de objetos a sujeitos do fazer científico ainda não se consolidou. Prova disso: os homens ainda ocupam a maioria das posições de liderança e prestígio acadêmico. Mais adiante, Camila destacou que a expansão dos estudos sobre a participação das mulheres e das mães nas ciências são conquistas recentes e muito importantes, porque além de autoras de suas pesquisas, tais iniciativas possibilitam que os temas relacionados à equidade de gênero e ao desenvolvimento de políticas de

apoio às mulheres e às mães nas universidades conquistem o espaço e reconhecimento acadêmico de que necessitam.

Ainda que a inclusão das mulheres como sujeitos produtores de pesquisas científicas nos ambientes acadêmicos esteja se processando, atualmente nós, mulheres-mães, temos de enfrentar várias dificuldades e muitos desafios que não são individuais porque afetam desde as estudantes de graduação até as professoras titulares. Pensando nisso, Camila afirmou que é preciso questionar o *status quo*:

Todo mundo que quiser fazer ciência pode ter esse acesso. Podem ser mulheres que não tenham com quem deixar os filhos. Podem ser mulheres que queiram praticar a maternagem [...] porque o que influencia e impacta a nossa vida enquanto cientista é a nossa maternagem. É como você escolhe fazer [...] E a gente é julgada de qualquer forma, né? Eu nunca vi alguém falar: “essa mãe faz tudo certo. Nossa, essa mãe, aí, tá perfeita!” Então, voltando para minha pesquisa, a gente fica olhando quais políticas existem para acomodar, conciliar e entender que as crianças e a reprodução de pessoas é uma questão social! Não é uma questão de gênero! Então não se pode impedir que mulheres com ambições acadêmicas tenham filhos (Infanger, 2023, informação verbal).

Logo depois, Camila mencionou que a licença-maternidade, para bolsistas de pós-graduação, era uma política pública de 2017 na data do episódio.¹ No entanto, em maio de 2023, já existiam outras políticas institucionais que não eram governamentais. Em seguida, Camila Infanger citou possibilidades de soluções como auxílios para mães ao retornarem da licença-maternidade; editais com prorrogações dos períodos de submissão e fatores de correção para inclusão das mães, etc. De maneira que as equipes gestoras das universidades e agências de fomento científico compreendam que a maternidade envolve a gravidez, a licença-maternidade, a amamentação e o retorno das mães às atividades acadêmicas. Por esse motivo, é essencial criar políticas para retenção do potencial científico das mães nas universidades, sobretudo quando elas voltam a estudar, pesquisar e/ou lecionar, mas têm de cuidar de crianças pequenas e certamente precisarão de apoios como abonos de faltas ou extensão de

prazos para entrega de trabalhos, quando as crianças adoecem, mediante apresentação de atestados médicos.

Em seguida, Gisele perguntou a Maria qual foi o tema de sua pesquisa de doutorado. A professora respondeu que pesquisou a maternidade na publicidade brasileira e canadense, pois quando engravidou, passou a observar os modos como a publicidade se dirigia às mães e grávidas nas revistas brasileiras e canadenses:

Era muito estranho ver mulheres tão passivas! A maneira como as marcas se dirigiam para as mulheres-mães me incomodava. Parecia que a gente voltava 300 anos na história! A maneira como as mães olhavam para os bebês, a maneira como as mulheres grávidas apareciam nos anúncios. Eu dizia para o meu orientador que as imagens das mães e bebês na publicidade pareciam imagens da Virgem Maria amamentando o Menino Jesus, sabe? Aquilo me incomodou de uma maneira tão grande que eu quis pesquisar o tema! Então a experiência particular da maternidade, em minha vida, despertou meu olhar sobre o tema. E eu quis saber três perguntas basicamente: o que é ser mãe hoje em dia? Quais são os ideais maternos que predominam na publicidade de mídia impressa nas revistas brasileiras e canadenses? E como as mães e grávidas interagiam com aquelas mensagens e imagens? Eu construí um diálogo interdisciplinar, privilegiando os campos dos estudos maternos, da psicanálise e da sociologia. E procurei enriquecer a compreensão desses contextos em São Paulo e em Toronto (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

Maria analisou anúncios de revista, veiculados no Brasil e Canadá de 2006 a 2013, procurou entender significados associados ao ser mãe na publicidade e como isso era percebido por mulheres grávidas e mães de crianças, em ambos países. Ao comparar duas culturas, aparentemente muito diferentes, a professora aprendeu que pelo fato de Toronto e São Paulo serem grandes metrópoles, existiam pontos de encontro e aspectos específicos em cada cidade. Oscar Angel Cesarotto, psicanalista e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), orientou sua pesquisa no Brasil. E, no Canadá, Maria Collier contou com

a coorientação de Andrea O'Reilly, professora titular da York University e referência mundial nos estudos maternos.

A pesquisa foi realizada como bolsa CAPES no Brasil e Canadá. A professora destacou que o Canadá deu direito à escola pública e gratuita para sua filha Mariana, que tinha oito anos naquela época, o que foi muito importante para ela e seu marido, Fábio Mosaner, praticarem a maternagem no contexto que ela estava pesquisando.

Maternar no Canadá foi quase um estudo etnográfico! Meu marido também foi e a gente viveu uma rotina totalmente diferente lá. Fizemos amigos canadenses, vivemos o dia a dia naquela cidade, indo à escola, a eventos e reuniões de pais. Foi super interessante e super importante para nós, sabe? (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

Ao longo do diálogo, aprendemos com Camila Infanger, que o Movimento *Parent in Science* faz e divulga pesquisas quantitativas, porque a produtividade científica é mensurada quantitativamente, logo, para combater as desigualdades de gênero e de oportunidades atuais, é preciso levantar as estatísticas e divulgar os números! Assim, são levantados argumentos e evidências necessários para embasar a criação de políticas de apoio às mães, bem como a publicação de editais que ofereçam oportunidades igualitárias para mães estudantes e cientistas. Por outro lado, ao ouvirmos Maria falar da interdisciplinaridade e amplo escopo dos estudos maternos, percebemos que essa mistura quantitativa e qualitativa é extremamente necessária para que possamos compreender sensivelmente o que é ser mãe na universidade e como podemos pesquisar a maternidade, tornando-a uma temática relevante perpassando as ciências exatas, sociais, humanas, biológicas, entre outros campos do saber.

Em sua última fala, Camila destacou que o levantamento realizado pelo *Parent in Science* com 15.000 pesquisadoras e pesquisadores, durante a pandemia da Covid-19, comprovou o quanto as mulheres estavam sofrendo maiores impactos do que os homens durante o período de distanciamento social; especialmente as mulheres negras e aquelas que

eram mães de crianças pequenas. Ela também se lembrou que a ausência de dados sobre quantas são as mães e quantos são pais acadêmicos leva, frequentemente, equipes gestoras das universidades e agências de fomento a desconsiderar suas necessidades:

Em 2017, eu perguntei isso a uma agência financiadora de São Paulo, mas eles não sabiam quantas mulheres tiravam licença-maternidade. Então, quando você não sabe quantas são, como você vai ter uma política direcionada a elas? A gente sugeriu, por exemplo, que um evento científico financiasse a recreação infantil. Mas, eu ouvi: “Será que esse povo, que vem aqui, tem filho?” E respondi: “Bom, elas não vêm aqui porque não podem trazer. Se você oferecer recreação, vai ver o público que você pode atender!” Precisamos pensar em quantas mulheres não têm condições adequadas para produzir ciência, participar da academia, aparecer e mostrar que a nossa maternagem e maternidade existem (Infanger, 2023, informação verbal).

Nesse momento, Aline e Gisele encerraram o episódio e agradeceram aos ouvintes e à participação de Maria e Camila.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. A licença maternidade foi atualizada em 2024 com a publicação da nova Lei Federal nº. 14.925/2024, que se tornou conhecida como Lei Mães Cientistas.

Referências

COLLIER DE MENDONÇA, Maria. *A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto*. 2014. 338 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4644>. Acesso em: 18 jul. 2024.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ, Milena. The Challenges of Being a Mother and an Academic Researcher during the COVID-19 Pandemic in Brazil. *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://jarm.journals.yorku.ca/index.php/jarm/article/view/40621>. Acesso em: 18 jul. 2024.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria. Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 31, n. 1, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2021v31n1.54296. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/54296>. Acesso em: 18 jul. 2024.

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: maternidade como tema de pesquisa e estudos interdisciplinares. Entrevistadas: Camila Infanger e Maria Collier de Mendonça. Entrevistadoras: Aline Melo e Gisele Ramos. [S.l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 4 mai. 2023. Programa de rádio e podcast. Disponível em: https://youtu.be/BCThyB3fVjA?si=FZFrPb-t-rO7_jkr. Acesso em: 03 abr. 2026.

O'REILLY, Andrea. *Twenty-first Century Motherhood: Experience, Identity, Policy, Agency*. New York: Columbia University Press, 2010.

O'REILLY, Andrea. "It Saved My Life": The National Association of Mothers' Centres, Matricentric Pedagogy and Maternal Empowerment. *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*, [S. l.], v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <https://jarm.journals.yorku.ca/index.php/jarm/article/view/36839>. Acesso em: 3 apr. 2026.

O'REILLY, Andrea. *Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice*. Bradford: Demeter Press, 2016.

Não era pra ser agora? Agora e com um bebê: a universidade também é nosso lugar

BRUNA PATRÍCIA

Não era pra ser agora?

Embora o acesso das mulheres à educação seja amplamente reconhecido como uma das principais conquistas do último século, essa presença ainda se dá sob condições desiguais, especialmente quando atravessada pela maternidade. É nesse cenário que a experiência de mães na universidade revela não apenas desafios singulares, mas também os limites estruturais das instituições acadêmicas. Nesse sentido, é importante dizer que este texto nasce de uma fala e carrega ainda os ecos de uma roda de conversa sobre maternidades na universidade, realizada no contexto da semana pedagógica do Centro de Educação da UFPE.

Entre 2023 e 2025, retorno a uma mesma roda de conversa sobre maternidades na universidade. Na primeira vez, estava grávida e com um filho pequeno nos braços; na segunda, volto com dois filhos. Me chamo Bruna, sou psicóloga de formação, pesquisadora da educação e mãe de Heitor e Miguel. Participei pela primeira vez da roda de conversa “Mães na universidade”, durante a semana pedagógica do Centro de Educação,

em 2023. Naquele momento, estava grávida de Miguel e maternando Heitor, então com 1 ano e 7 meses. Em 2025, retorno a essa mesma roda, agora intitulada “maternidades na universidade”, com Miguel também com 1 ano e 7 meses e Heitor com 3 anos e 7 meses.

Na primeira participação, em 2023, eu me preparava para a seleção do mestrado em Educação. Minha trajetória, no entanto, não é uma exceção. Como primeira mulher da família a acessar o ensino superior, inscrevo-me em um movimento mais amplo que diz respeito ao acesso das mulheres à educação, reconhecido como uma das principais conquistas do último século, responsável por reduzir e, em muitos contextos, reverter desigualdades historicamente construídas no campo formativo escolar. No entanto, esse avanço não garante, por si só, condições igualitárias de permanência, especialmente quando atravessado pela maternidade e, de forma ainda mais intensa, quando se trata de maternidades periféricas, negras e marcadas por desigualdades históricas de raça e classe.

Dados e pesquisas vêm apontando a maternidade como um dos principais fatores de evasão de mulheres mães na pós-graduação, especialmente em contextos marcados pela ausência de políticas institucionais de cuidado e permanência. No entanto, na dissertação de mestrado de Ivana Moura, essa experiência não pode ser compreendida apenas entre evasão ou permanência (Moura, 2024). Muitas de nós seguimos, mas em condições precárias, instáveis e tensionadas, o que tem sido compreendido como formas de inserção marcadas por uma espécie de “afiliação parcial” à universidade. Ainda assim, seguimos ocupando esses espaços, muitas vezes à revelia de estruturas que nunca foram pensadas para nós, mães. É por essa razão que escrevo não só com palavras, mas com marcas no corpo, no tempo e no afeto. Escrevo, portanto, como quem carrega mochilas e fraldas, anseios de escrita e noites maldormidas. Como quem revisa artigos com uma criança no colo. Como quem pensa o mundo enquanto cuida de outro mundo que chama de mãe incontáveis vezes ao longo do dia.

Na universidade, me ensinaram a pensar, a escrever, a argumentar. Mas foi no maternar que aprendi a escutar o silêncio. A ler nas entrelinhas do choro. Aprendi o que não está nos livros: o saber do corpo que embala, da comida que esfria, do tempo que escapa. Ser mãe na universidade é viver na fronteira entre o prazo e o cuidado, entre a pesquisa e o choro que interrompe, mas também ensina. É habitar uma encruzilhada onde as exigências se multiplicam e o tempo parece sempre insuficiente. No caminho, ouvi frases que ainda ecoam: “Com um bebê tão pequeno... por que agora?” “Você precisa se organizar para dar conta...” “Dois filhos pequenos?” Essas palavras não vieram como conselhos, mas como sentenças. São marcas de uma instituição que não foi pensada para nós.

Maternidades insurgentes na universidade

Maternar, para mim, é resistir à lógica da produtividade com um colo quente. É recusar, com o corpo e com o afeto, a racionalidade que transforma o tempo em mercadoria, lógica que, como aponta Ailton Krenak (2020), reduz a própria experiência da vida a uma dimensão mercantil, projetando sobre ela tudo aquilo que somos capazes de viver. É habitar um outro ritmo, um tempo que não se mede, mas se vive.

Nesse sentido, a experiência materna se dá em contrafluxo, tensionando as temporalidades produtivistas que organizam a vida acadêmica. Enquanto mãe e pesquisadora, produzo conhecimento nos intervalos do cochilo, entre mamadas, entre noites fragmentadas. Pesquiso sem bolsa, carregando investigações junto com fraldas, boletos e brinquedos. Nesse percurso, compreendo que minha experiência não é apenas vivida, mas também criadora de conhecimentos outros.

O maternar nos desloca dessa engrenagem produtiva e nos ensina um outro tempo, um tempo gestante. Um tempo que não é linear, nem acelerado, nem eficiente, mas feito de pausas, repetições, interrupções e presença. Um tempo que escapa às lógicas dominantes e nos aproxima de outras formas de existir e de habitar o mundo. Nesse sentido, reforçamos

o que aponta Krenak (2022) ao questionar modos de vida que são orientados pela lógica da competição e da produtividade, nos convocando a pensar em formas de viver que não se estruturam pela ideia de vencer, já que, para que alguns vençam, outros necessariamente precisam perder. Essa ruptura com a lógica dominante também se aproxima das reflexões de Lugones (2014), ao nos ajudar a compreender que outras formas de vida e de relação não organizadas pela hierarquia, pela dominação ou pela produtividade são possíveis e já existem, ainda que frequentemente invisibilizadas. A experiência materna, portanto, atravessada por esse tempo gestante, nos insere nessa outra lógica: a de resistir, de aprender a partilhar o que se tem, a sustentar a vida em comum, a colocar o coração no ritmo da terra.

É por essa razão que chamo de maternidade insurgente essa forma de existência que emerge desse entrelaçamento entre corpo, tempo e cuidado. Assim, maternar na universidade é um ato político. É confrontar estruturas ainda sustentadas por lógicas patriarcais, coloniais e produtivistas. Como aponta Ramón Grosfoguel (2016), as universidades ocidentalizadas foram historicamente constituídas a partir de hierarquias epistêmicas que deslegitimam saberes não alinhados à racionalidade dominante. Ser mãe na universidade é insurgir-se contra uma cientificidade moderna que insiste em separar corpo, afeto e cuidado da produção de conhecimento. Essas violências, muitas vezes sutis, operam como mecanismos de exclusão, disciplinando corpos que desviam da norma produtiva.

Ainda assim, seguimos. Porque cada página escrita com um bebê no colo é também um gesto de resistência. Mas esse corpo que resiste não é abstrato. Veio da UR-7 Várzea, periferia do Recife. Estudou a vida inteira em escola pública. Trabalhou desde cedo, vendendo churros, fazendo faxinas. De onde eu vim, terminar o ensino médio já seria um grande feito. Chegar à universidade pública, quase improvável. E ainda assim, insisto em permanecer, com dois filhos pequenos e pesquisando, certa que meu corpo é território atravessado por classe, maternidade e luta, como

anuncia a Anzaldúa [...] “por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta” (Anzaldúa, 2000, p. 232).

As palavras de Gloria Anzaldúa me atravessam como uma flecha acesa, ela ecoa: [...] “Escrevam com suas línguas de fogo... Ponham suas tripas no papel” (Anzaldúa, 2000, p. 232). E é por isso que escrevo, e é por isso que também pesquiso. Com olhos de quem viu demais. Com ouvidos que escutam o silêncio. Com um corpo que cuida e pensa. Minha escrita é feita de leite, lágrimas e sonho. Porque escrever, para mim, é existir. E resistir.

Considerações normais ou por uma universidade plural e materna

Não basta reconhecer a presença de mães na universidade, é preciso transformar as estruturas que historicamente as invisibilizam e precarizam. A permanência, por si só, não é suficiente quando atravessada por sobrecarga, silenciamento e desigualdades persistentes. Diante disso, torna-se urgente a construção de políticas institucionais comprometidas com a equidade, que incluam a ampliação de políticas de permanência voltadas às mães, à flexibilização de prazos e exigências acadêmicas, ao reconhecimento da maternidade como dimensão legítima e produtiva da construção do conhecimento e à criação de espaços institucionais de cuidado, que sustentem a vida para além da lógica produtivista.

Ao mesmo tempo, experiências coletivas já em curso apontam caminhos possíveis. O Coletivo Maternidades da UFPE se constitui como um espaço fundamental de pertencimento, escuta e fortalecimento entre mulheres-mães na universidade, evidenciando que, diante das ausências institucionais, são também os vínculos e as redes de apoio que tornam possível permanecer.

Mais do que garantir acesso ou permanência, trata-se de reconfigurar a própria universidade, tornando-a um espaço verdadeiramente plural, onde a maternidade não seja obstáculo, mas parte constitutiva da vida acadêmica.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 229, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 3 abr. 2026.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 25–49, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 3, p. 935–952, set./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2014000300013>

MOURA, Ivana de Oliveira Eugênio de Souza. *Trajetórias universitárias e maternidade: a condição da mulher mãe no ensino superior*. 2024. 101 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/2412524_2024_completo.pdf. Acesso em: 30 mar. 2026.

Fala mãe! Ser mãe na graduação

MARIA LUIZA FRANÇA DA SILVA

A temática de mães na graduação tem suscitado interesse na produção científica nacional e internacional. Nessa perspectiva, a dissertação de mestrado intitulada *Mulheres, mães e universitárias: uma pesquisa sobre as políticas de permanência para estudantes que se tornam mães nas Universidades Públicas Paulistas*, desenvolvida por Ananda Raquel Joaquim (2023) objetivou identificar e analisar as políticas estudantis para alunas mães em três universidades paulistas. Durante o estudo, a autora entrevistou mães para investigar as políticas existentes e levantar quais ações ainda são fundamentais para a permanência delas nas universidades. Pesquisas focadas nas dificuldades das mulheres mães no âmbito acadêmico permitem a reflexão da comunidade universitária sobre o tema.

Outrossim, as produções de rádio do projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância colaboram com a abertura de diálogo sobre as vivências das mães graduandas, possibilitando um diálogo para a exposição dos problemas e desafios a serem mitigados caso hajam ações institucionais

voltadas para a construção de ambientes com características acolhedoras para mães e seus filhos.

Em 06 de dezembro de 2023, o projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância veiculou na Rádio Universitária Paulo Freire o programa intitulado *Fala mãe! Uma conversa com mães graduandas*, quinto programa da quarta temporada do projeto. O objetivo foi retratar as vivências das mães graduandas, suas dificuldades, desafios e também as coisas boas relacionadas ao fato de serem mães e estudantes da Universidade Federal de Pernambuco. Um bate-papo relevante para o avanço do debate sobre inclusão, permanência e progresso das mães na universidade. Para esse diálogo tivemos como convidadas: Anne Tavares, mãe de Bento e estudante de graduação em Jornalismo na UFPE; e Kamila Brito, mãe de Luiz e estudante da graduação em licenciatura em Pedagogia na UFPE. A apresentação do episódio foi realizada pelas extensionistas do projeto, a graduanda de Jornalismo da UFPE, Paula Roberta Lima, e a graduanda em Psicologia da UFPE, Maria Luiza França, bolsistas de iniciação acadêmica do programa BIA/ FACEPE.¹

A primeira pergunta versou sobre “as dificuldades enfrentadas por ser mãe na graduação”. Anne Tavares reflete sobre a ausência de políticas assistenciais que assegurem os direitos das mães durante a graduação. Quando não ocorre essa formalização de forma institucional, esclarecida e fomentada, as iniciativas de amparo às mães se tornam vulneráveis.

Kamila Brito falou sobre os problemas da faculdade, como ir às aulas, entregar trabalhos em dia e estudar em paralelo às demandas envolvendo as necessidades do filho, o que provoca sofrimento emocional. Além disso, os adoecimentos da criança, requerendo afastamento da escola ou da creche, exigem que essa cuidadora se ausente da universidade, ou não consiga realizar as atividades no tempo estipulado pela disciplina. Essas situações implicam em uma carga de sentimentos, que promove entraves nesse permanecer no ambiente universitário. Mesmo com dificuldades, quando o discurso é direcionado sobre a importância de as

mães ocuparem seu espaço na universidade, elas trazem esse permanecer como um ato revolucionário.

E assim é bem difícil, bem cansativo. Porém, eu digo que é aqui e a partir daqui que desconstruo algumas coisas que aconteceram comigo. E agora, como mãe, que eu vejo e busco um futuro de qualidade para mim, para o meu filho. É isso que me motiva, que de fato revoluciona, de eu permanecer aqui, resistir, coexistir nesse espaço (Brito, 2024, informação verbal).

Ao refletir sobre a importância de termos mães ocupando a universidade, Anne Tavares mencionou que o curso superior proporciona a capacitação profissional dessas mães, para que elas possam ingressar no mercado de trabalho e buscar melhores oportunidades para seus filhos e para si mesmas, além de demonstrarem sua existência. Kamila Brito acrescentou que, apesar de não possuírem uma estrutura mínima, como um banheiro adequado para troca de fraldas, ou a empatia daqueles que olham com um senso de julgamento, permanecer na universidade é a maneira que elas encontram para transformarem sua existência: “Aqui na universidade já é um espaço de barreira, então se manter aqui também é um espaço de resistência. É um momento de falar assim, nós estamos aqui e podemos sim ocupar esse espaço” (Anne Tavares, 2024, informação verbal).

Nas falas das convidadas, ficou notória a carga emocional e psicológica dentro da vivência na maternagem. Maria Luiza França aproveitou este gancho para refletir sobre os impactos do cenário pandêmico evidenciando com maior intensidade a jornada múltipla e, muitas vezes, solidária do cuidado materno. A pandemia se tornou um marco no debate sobre os cuidados maternos e seus impactos na saúde mental e física, revelando também as formas que as mães encontram para permanecer nas atividades laborais e acadêmicas. Em síntese, ser mãe na universidade tem uma carga ambivalente de sentimentos que se tornou mais expressiva por conta dos impactos da pandemia. O artigo intitulado *Maternagem, Mídia e infância principais desafios e aprendizados do projeto MMI* (Collier

de Mendonça *et al*, 2022), discute como a pandemia levou muitas mães à exaustão, pois elas tiveram que lidar com a continuidade dos estudos, o cuidado com os filhos e os sentimentos gerados pelo distanciamento social.

Anne Tavares relatou que, durante a pandemia, mesmo quando havia uma rede de apoio no cotidiano, durante as aulas de modo *online*, não foi possível separar o ambiente familiar dos estudos, então a criança acompanhava as aulas, muitas vezes buscando maior contato com sua cuidadora e demandando que a atenção fosse dividida. Com isso, o sentimento de exaustão que já era presente, tornou-se ainda mais constante, visto que, ao mesmo tempo que era necessário continuar as atividades acadêmicas, a criança estava em processo de desenvolvimento, de querer contato social, brincar e gastar a energia da idade. Kamila Brito endossou que o componente emocional é um fator de grande importância para as mães, que lidaram com o prosseguimento da graduação ou com a entrada no ambiente acadêmico. Reprovação em disciplinas e os sentimentos de insuficiência e insegurança conflitam com o sentimento de conquista por ingressar em uma universidade federal, de realizar um sonho e vislumbrar um futuro melhor para sua família: “E é resiliência, está aqui o tempo todo. É resiliência, é coexistência. É esse pulsar que me faz estar aqui. E é por Luís mesmo, e por mim, claro também, né? Na melhoria da qualidade de vida e tudo mais” (Brito, 2024, informação verbal).

Mesmo em meio aos desafios e dificuldades que o ambiente universitário provoca no cotidiano das mães, o programa questiona sobre “quais seriam os pontos bons de ser mãe na UFPE?”. Kamila Brito destacou as transformações que a maternidade gera na identidade, vivências, perspectivas de futuro, sonhos, e conhecimento de si. Para ela, ocupar espaço em um ambiente de produção de conhecimento implica em profundas mudanças, como ter uma melhor qualidade de educação. A título de exemplo, a graduanda de pedagogia reitera a educação como um ato de afeto e acolhimento, em oposição à violência, com base em suas experiências na graduação na parte teórica, prática e vivencial. Esse conhecimento

adquirido modifica o relacionamento entre mãe e filho, permitindo uma quebra de paradigmas antes vivenciados por essa mulher.

Para Anne Tavares, a maternagem também influencia o olhar para o mundo com mais calma, visto que apresenta um cotidiano intenso, arrebatador e com problemas, em que algumas situações perdem o sentido de urgência. A graduanda argumentou que a maternidade proporcionou a aquisição da maturidade necessária para compreender os temas que despertam maior interesse na universidade e maior percepção sobre quais objetivos traçar no âmbito acadêmico e profissional.

Eu acho que consigo olhar para as coisas não só da universidade, mas para tudo com mais serenidade. A maternidade é uma coisa tão louca, tão intensa, que às vezes tem um problema, você fala assim, esse problema aí, ele é muito pequeno, não preciso me importar com isso (Tavares, 2024, informação verbal).

Outrossim, ao longo do discurso das mães se tornou notório os entraves para direcionar a atenção exclusivamente aos estudos, atividades e trabalhos acadêmicos, com isso, Paula Roberta Lima indagou sobre a opinião das mães em relação ao auxílio creche e edital de vagas na creche Paulo Rosas, que ocorre por sorteio. Kamila Brito destacou a importância de escolas e creches para conseguir frequentar as aulas com uma maior qualidade na questão da assimilação do conteúdo. Entretanto, a escassez de vagas na creche, poucas bolsas de auxílio e o calendário escolar distinto das atividades e horários acadêmicos, demonstram a carência da ampliação de políticas existentes e também criação das mesmas. Como complementação, Anne Tavares relatou que possui uma rede de apoio que colabora no sentido de prover uma escola privada com uma boa localização, permitindo que ela estude nos horários necessários.

Em contrapartida, esse cenário não é a vivência da maioria que assume o cuidado infantil. Kamila Brito, que depende de creches e escolas da rede pública, demonstrou a ambivalência da instituição de ensino onde sua criança está matriculada ser próxima da sua residência e ao mesmo

tempo longe da UFPE, gerando atrasos na participação das aulas. Muitas vezes, também a carga horária escolar das crianças é incompatível com a grade curricular da graduação. Assim, um fator que teria um grande impacto na melhor qualidade do cotidiano dessas estudantes e crianças, seria a ampliação do Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas, que se localiza no campus e é resultado de uma parceria entre a Prefeitura da Cidade do Recife e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e atende crianças do grupo 0 (berçário) até o grupo 5.

Cinquenta por cento das vagas da creche são destinadas aos dependentes de alunos e servidores da UFPE. Essas vagas destinadas ao público universitário são designadas através de sorteio entre técnicos administrativos, professores, graduandos e pós-graduandos, não possuindo um foco específico nas mães na graduação. Salienta-se, que discutir as fragilidades e entraves da maternagem no cenário das Instituições de Ensino Superior (IES), especialmente na Universidade Federal de Pernambuco, é uma maneira de demonstrar que essa população existe e resiste na academia e por isso é necessário um olhar mais sensível e humanizado para os entraves encontrados pelas mães na universidade.

Deveria se ter um olhar mais sensível para com as mães da universidade e a universidade começasse a apropriar mais de quem são as mães da universidade. Ter um olhar mais voltado para essas mães para começar a pensar nessa possível melhoria da permanência das mães aqui na universidade (Brito, 2024, informação verbal).

Ademais, ao debater sobre as intervenções necessárias para iniciar um ambiente universitário acolhedor para mães e filhos, Anne Tavares expôs que as políticas se mostram frágeis, não alcançando o público destinado. Como por exemplo o auxílio creche e o acompanhamento especial disponibilizado pela UFPE, que não atua como uma licença maternidade, visto que a aluna dá prosseguimento às atividades remotamente, em paralelo aos cuidados demandados por um recém-nascido. Nesse caso também, as demandas emocionais e psicológicas provenientes do puerpério não são consideradas. De modo geral, é notória a insuficiência das políticas

vigentes, demonstrando que as mesmas devem ser readequadas e aprimoradas para o cenário da nossa universidade.

Outra questão de grande relevância são as queixas das estudantes-mães em função da ausência de uma legislação que as ampare no caso de afastamentos por doença e internação dos filhos, o que implica na dependência da empatia e flexibilidade por parte dos professores para evitar reprovações por falta.

Acho que o MMI faz muito isso com esse programa de rádio, com exposição e tudo mais, de sensibilizar toda a comunidade acadêmica sobre o papel das mães na sociedade e a presença delas aqui na universidade. Que precisamos estar aqui e dar continuidade ao curso (Brito, 2024, informação verbal).

Paralelamente, adentrar na graduação como mãe ou tornando-se mãe ao longo do processo, é abdicar de vivências e oportunidades, para que o sonho de ensino superior seja alcançado. Para que se construa essa realidade, Kamila Brito propôs a criação de espaços que acolham as crianças em cada centro acadêmico, enquanto as mães assistem às aulas, pois frequentemente os horários das aulas são incompatíveis com os horários das creches ou a disponibilidade das redes de apoio, geralmente compostas por outras mulheres (mães, avós, tias, irmãs, etc.). Dessa maneira, dividir a atenção do conteúdo com as demandas das crianças se torna uma fonte estressora.

O calendário acadêmico da UFPE muitas vezes torna-se incompatível com os calendários letivos das creches e escolas. Por esse motivo, eventualmente durante as férias escolares, é necessário que as crianças acompanhem as rotinas de mães na universidade. A compatibilidade dos calendários letivos é uma reivindicação presente no discurso das mães. Ademais, o critério atual para se ter direito ao auxílio-creche é ser bolsista da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES), logo, essa política de permanência ainda não atende mães que não são bolsistas.

Mediante o exposto, com os desafios e dificuldades que permeiam a inclusão, permanência e progresso maternos, existe a resiliência por parte das mães. Desse modo, para finalizar o programa, questionou-se “qual seria o recado direcionado a outras mães graduandas na universidade?”. Anne Tavares respondeu que vivenciar a graduação é uma luta constante, com várias batalhas a serem travadas, mas a resistência é ocupar esses espaços, concluir o curso e voltar para uma pós-graduação. Inclusive, a frase que as mães mais expuseram ao relatar os seus sonhos foi “resistir e não desistir”.

Fiquem na universidade, terminem o curso, voltem para a pós-graduação. Eu acho que o olhar de quem materna dentro da universidade é completamente diferente para tudo, para todas as pesquisas que a gente vai fazer, todos os trabalhos, a convivência com os colegas, a convivência com os professores. Então, resistam o quanto conseguirem e continuem os cursos e voltem para a pós-graduação (Tavares, 2024, informação verbal).

Para Kamila Brito, a permanência e progresso também é possível por meio de uma união de mães, que relatam as suas dores e anseios, para que essa caminhada não seja solitária. Esse encontro pode acontecer por meio de um coletivo ou de rodas de conversas, para que essas demandas sejam ouvidas, respeitadas e acolhidas em suas particularidades. Assim, a convivência com outras mães incentiva a criação de uma rede de apoio para auxiliá-las na continuidade da graduação.

Eu acredito que nós, mães da universidade, a gente precisa se encontrar. A gente formar um coletivo, formar rodas de conversa para a gente se ouvir, desabafar. Porque o falar já descarrega nas experiências vivenciadas com outras mães. Já nos ajuda a nos dar força, permanecer aqui (Brito, 2024, informação verbal).

Promover um espaço de diálogo sobre a maternagem na universidade é ampliar esse debate. Quando as mães possuem voz ativa para expressarem os entraves vividos, ao mesmo tempo em que se transformam,

elas acabam formando redes de apoio com outras mães. Desse modo, mudanças estruturais como banheiros que permitam trocas de fraldas, instruções normativas mais claras sobre o acompanhamento da saúde dos filhos e seus desdobramentos, tornam-se essenciais para que as mães concluam suas graduações e sintam-se encorajadas, não só a terminarem seus estudos com qualidade, mas também a voltarem para cursos de pós-graduação.

Agradecimentos

A autora deste capítulo agradece à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco e à Pró-reitoria de Extensão da UFPE (PROEXT UFPE) pela bolsa BIA/ FACEPE.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. O Programa de Bolsas de Incentivo Acadêmico (BIA), de natureza afirmativa e assistencial, faz parte da Política Institucional da UFPE desde 2004 e se destina aos estudantes egressos de escola pública que obtiveram as melhores classificações no último processo seletivo para os diversos cursos da UFPE. O Programa se desenvolve por meio de uma parceria firmada entre a Pró-Reitoria de Extensão da UFPE (PROEXT) e a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

Referências

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; COVALESKI, Rogério Luiz; LOPES, Rodrigo Phelipe; GUEDES, Brenda; CARVALHO, Marília Félix de; SANTOS, Viviane Maria dos. Maternagem, Mídia e Infância: principais desafios e aprendizados do projeto @mmi. ufpe. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p.140-149, jul. - dez., 2022. Disponível em: <https://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/12082>. Acesso em: 23 maio 2024.

JOAQUIM, Ananda. *Mulheres, mães e universitárias: uma pesquisa sobre as políticas de permanência para estudantes que se tornam mães nas universidades públicas paulistas*. Dissertação (Mestrado em Educação), Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, p. 208, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/dc069537-ce92-4f44-bccc-d6a994855129/content>. Acesso em 02 maio 2024.

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *Fala, Mãe! Uma conversa com mães graduandas da UFPE*. Entrevistadas: Anne Tavares, Kamila Brito. Entrevistadores: Maria Luiza França, Paula Roberta Lima. [S.I.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 7 mar. 2024. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=99SHjiBQ6uQ&t=298s>. Acesso em: 03 abr. 2026.

PARENT IN SCIENCE. Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade. Levantamento realizado pelo Movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à Covid-19. *Informativo Parent in Science*, 03 jul. 2020. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/>. Acesso em: 5 set. 2023.

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS DA UFPE. *CMEI*. Disponível em: <https://www.ufpe.br/progepe/qualidade-de-vida/cmei>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS DA UFPE. *Auxílio Creche*. Disponível em: <https://www.ufpe.br/proaes/auxilio-creche>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPE. *Programa BIA*. Disponível em: <https://www.ufpe.br/proexc/bia>. Acesso em: 28 abr. 2024.

Maternidade nas produções do DCOM UFPE

MARÍLIA FELIX DE CARVALHO

No dia 26 de abril de 2023, o quinto episódio da terceira temporada do programa “Maternagem, Mídia e Infância”, na Rádio Paulo Freire, discutiu as produções realizadas por estudantes de graduação do Departamento de Comunicação da UFPE que tratavam da temática da maternidade. Colocamos em evidência três produções específicas: os trabalhos de conclusão de curso em Jornalismo das alunas Sara Nascimento e Elizabeth Bandeira e interprogramas produzidos por alunos do sexto período de Jornalismo em 2023.

O episódio destacou de que forma esses trabalhos discutiram o tema da maternidade e maternagem, assim como a importância dessas construções para a formação dos estudantes. Na apresentação do programa, estavam as estudantes Aline Melo (Jornalismo) e Gisele Ramos (Rádio, TV e Internet). As convidadas eram as alunas concluintes de Jornalismo Sara Nascimento e Marília Felix. A também concluinte em Jornalismo, Elizabeth Bandeira, enviou um depoimento em áudio, reproduzido ao longo do programa.

O primeiro diálogo foi estabelecido com Sara que explicou como aconteceu a escolha da maternidade no tema do seu trabalho de conclusão de curso (TCC). O seu trabalho foi um documentário com o título “Heranças de Afetos: o Laço que nos Percorre”, que mostrou a relação entre parteiras tradicionais e as gestantes durante o processo de preparação para o parto. A aluna disse que o despertar para a temática surgiu quando conheceu uma parteira na universidade. Ela ouviu a explicação de como aconteciam as práticas tradicionais de acompanhamento do parto e do modelo de intimidade, formulado entre a gestante e a parteira. Na mesma época, Sara entrou em contato com uma pessoa que havia realizado o parto tradicional e de como isso havia sido afetuosos para ela. A partir disso, a aluna decidiu transformar essa relação de afeto da parteira com a gestante no seu tema de TCC.

O trabalho de Sara também buscou refletir sobre a escolha das gestantes pelo parto tradicional em oposição ao parto hospitalar. Essa preferência acaba sendo o resultado de muitas pessoas após registros de violência obstétrica. Segundo Tesser, Knobel, Andrezzo, Diniz (2015), a violência obstétrica pode ser entendida como diversas formas de violência durante o cuidado obstétrico profissional. Entre os tipos de violência estão maus tratos físicos, psicológicos e verbais; procedimentos médicos desnecessários; excessos de intervenção médica nos partos e falta de liberdade das mulheres.

Numa pesquisa de opinião realizada pela Fundação Perseu Abramo (2010), em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC), os principais tipos de violência obstétrica relatados foram a realização de exames de forma dolorosa, a ausência de medicamentos para alívio da dor, gritos, falta de informação, negação do atendimento, xingamentos e humilhações. Ainda de acordo com a pesquisa, das entrevistadas que tiveram filhos naturais na rede pública ou privada, 28% responderam ter sofrido algum tipo de violência no atendimento ou durante o parto.

Segundo a Fundação Oswaldo Cruz “adolescentes, mulheres solteiras, de baixo nível socioeconômico, de minorias étnicas, migrantes e as que

vivem com HIV são particularmente propensas a experimentar abusos, desrespeito e maus-tratos” (Fiocruz, 2023, p.6) em atendimentos antes ou durante o parto. Para Diniz *et. al.* (2015 *apud* Fiocruz, 2023), a violência obstétrica pode chegar a consequências extremas como partos desumanos, complicações na saúde das pacientes, traumas psicológicos e, em alguns casos, mortes por negligência.

Nesses aspectos, a aluna Sara contou que as histórias de parto ouvidas antes do documentário eram relatos de violência em partos hospitalares e, por isso, buscou trazer a existência do afeto construído nas relações entre as gestantes e as parteiras. Sara, no referido episódio, falou:

Eu resolvi fazer esse TCC sobre a relação de afeto entre parteira tradicional e gestante. Como essa relação é determinante na escolha do parto pela gestante? Porque entre todos esses tipos de parto, do parto hospitalar, o parto medicalizado, ela escolhe viver o nascimento na tradição. Então eu resolvi demonstrar como essa relação de afeto entre parteira e gestante influencia também na vivência da maternidade pela mãe e também na resistência da profissão de parteira através dos anos, porque é uma profissão milenar que continua resistindo (Nascimento, 2023, informação verbal).

Na construção do documentário, a aluna explicou que trouxe depoimentos diversos baseados na tradição, com entrevistas a parteiras tradicionais e com mulheres antes e após o parto. Destacou que as relações entre as gestantes e as parteiras são baseadas em confiança desde o primeiro mês de gravidez. E relatou que mesmo a insegurança das mães ao realizarem o parto em casa foi apaziguada com a presença das parteiras, que faziam trabalhos de massagem e cantos para acalmá-las. Sara também disse que o trabalho permitiu a transformação da noção da maternidade para ela e que, de alguma forma, a ensinassem o significado de maternar.

Durante o programa, os ouvintes escutaram também o depoimento em áudio de Elizabeth Bandeira, outra concluinte em jornalismo da UFPE. O trabalho de conclusão de curso da aluna consistiu numa série de perfis com mães, cujo título era “As transmutações pessoais no tornar-se mãe:

como as mulheres vivem a maternidade na contemporaneidade?”. Elizabeth contou que o tema da maternidade desperta o seu interesse desde a infância, ao observar as mulheres da sua família durante as gestações e durante o próprio relacionamento íntimo com a mãe.

Esses fatores foram fundamentais para que ela escolhesse o tema da maternidade no TCC. Um dos seus focos no trabalho foi observar como aconteciam as mudanças físicas e mentais das mulheres a partir do tornar-se mãe. Um dos destaques também foi a cobrança social pelas mulheres se transformarem em mães perfeitas em meio às demandas profissionais e pessoais. Nesse sentido, Elizabeth ouviu as histórias de cinco mulheres com diferenças econômicas e de configurações familiares diferentes para entender como aconteciam as mudanças pessoais após a maternidade.

Em seguida, para também explorar a diversidade, o programa abordou outra produção do Departamento de Comunicação. Os alunos do sexto período do curso de Jornalismo realizaram uma série de interprogramas sobre a maternidade para ser veiculada na TV Universitária, durante a disciplina Introdução à Televisão, ministrada pela professora Yvana Fechine. Juntamente com os técnicos do Laboratório de Imagem e Som (LIS) da UFPE, os alunos foram divididos em grupos para produzir sete interprogramas. Em cada um deles, foi trazido um perfil diferente da maternagem.

Com o título “Maternidades Plurais”, os interprogramas discutiram diferentes conceitos em cada episódio: o primeiro mostrou a maternagem ao trazer um menino criado pela madrasta; o segundo abordou a temática da adoção; o terceiro episódio falou sobre mães homoafetivas; o quarto foi sobre mães de filhos com deficiência; o quinto trouxe a maternidade solo como o tema central; o sexto episódio retratou a luta das mães trabalhadoras; o sétimo falou sobre a maternidade na universidade. Os programas apresentaram diferentes personagens e contextualizaram suas histórias. Após a edição final, os interprogramas foram veiculados nos intervalos comerciais da TV Universitária e disponibilizados no canal do YouTube do LIS - Laboratório de Imagem e Som da UFPE.

A aluna Marília Felix de Carvalho, que atuou como consultora das produções televisivas, explicou no Programa de Rádio Maternagem, Mídia e Infância que o principal aprendizado dos vídeos foi a construção da maternidade como algo plural. Mesmo que o senso comum imagine a maternidade associada sobretudo à questão biológica, como se fosse uma vivência semelhante para todas as mães, foi possível perceber como o exercício da maternagem é diferente para cada pessoa.

Segundo Collier de Mendonça *et al.* (2022), o termo maternagem se origina do termo *mothering*:

O termo *mothering*, por sua vez, resulta da fusão do verbo to mother (RUDDICK, 1989) com o sufixo -ing, indicando ação e processo contínuo. Assim, a palavra maternagem é o termo que melhor traduz o conceito de *mothering* para o português, por incluir o sufixo latino -agem, que expressa ação ou resultado de ação. Nessa perspectiva, áreas como a psicologia e o serviço social já utilizam o termo maternagem para designar cuidados com crianças ou adultos, realizados pelas mães ou outros cuidadores (Collier de Mendonça *et al.*, 2022, p. 143).

Nos três projetos realizados por estudantes do Departamento de Comunicação da UFPE sobre maternidade, as semelhanças destacaram-se, principalmente, porque todos ressaltaram a pluralidade das experiências maternas e trouxeram um novo olhar sobre o “ser mãe”. Também é possível perceber como a construção dos trabalhos foram importantes para a formação profissional e cidadã das autoras e autores. Ao entrarem em contato com diferentes fontes, elaborarem roteiros de entrevistas e editarem os materiais, os estudantes puderam colocar os aprendizados adquiridos durante o curso de Jornalismo em prática.

Ao final do programa, Sara destacou um dos relatos que mais a impactou durante a construção do documentário, quando presenciou um parto:

Presenciar o parto no final do documentário foi muito transformador, né? Eu entrevistei essa mulher, Indira. Ela aparece no documentário algumas semanas antes de parir e me contou todo o percurso dela como mãe e com a maternidade. Ela havia tido um filho no hospital tradicionalmente, com várias violências que percebeu depois. Indira teve outro

parto, um segundo parto tradicional, com uma parteira que já está falecida. Ela se mudou para o Recife há dois meses, estava grávida e procurou uma parteira que pudesse acompanhá-la, porque após ter esse acompanhamento na tradição, ela não queria voltar para o pré-hospitalar. Então, estava muito decidida a ter esse parto tradicionalmente. Aí ela conseguiu uma parteira e uma aprendiz de parteira que também a acompanharam. Essa história foi muito particular porque um parto é imprevisível. A gente não sabia se ia conseguir acompanhá-lo. Então, num determinado dia, ela me mandou uma mensagem dizendo que vai acontecer hoje. Ela já tinha autorizado (Juliana Nascimento, 2023, informação verbal).

Esse relato foi uma demonstração de como os trabalhos práticos exercidos na graduação são importantes para a construção do conhecimento estudantil e comunitário sobre maternidade e maternagem. Na finalização do episódio, as alunas destacaram que essa temática, de fato, inspira futuras produções e diferentes abordagens sobre a gravidez, o parto, a maternidade e a maternagem contemporâneas.

Agradecimentos

A autora deste capítulo agradece à Pró-reitoria de Cultura da UFPE pela bolsa de iniciação à criação cultural (BICC).

Referências

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; COVALESKI, Rogério Luiz; LOPES, Rodrigo Phelipe; GUEDES, Brenda; CARVALHO, Marília Félix de; SANTOS, Viviane Maria dos. *Maternagem, Mídia e Infância: principais desafios e aprendizados do projeto @mmi. ufpe. Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p.140-149, jul. - dez., 2022. Disponível em: <https://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/12082>. Acesso em: 23 maio 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente. Postagens: *Violência Obstétrica: conceitos e evidências*. Rio de Janeiro, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/violencia-obstetrica-conceitos-e-evidencias/>. Acesso em: 23 maio 2024.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *MULHERES BRASILEIRAS E GÊNERO NOS ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADO*. Agosto de 2010. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/publicacao/pesquisa-mulheres-brasileiras-e-genero-nos-espacos-publico-e-privado-2010/>. Acesso em: 23 maio 2024.

LIS - LABORATÓRIO DE IMAGEM E SOM DA UFPE. Série de Interprogramas Maternidades Plurais. Projeto produzido por estudantes do sexto período de Jornalismo da UFPE, para a disciplina Introdução à Televisão no semestre 2-2022, lecionada por Yvana Fachine. YouTube, 20 de abril de 2023. Disponível em: <https://youtu.be/LaaXfOgK1c0?si=LgYwgkmq6DKUMbmE>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: maternidade nas produções do DCOM UFPE. Entrevistadas: Sara Nascimento e Elizabeth Bandeira. Entrevistadoras: Aline Melo e Gisele Ramos [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 26 abr. 2023. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/a9L5V-cZC1I?si=H9FSgMsbizh38U8L>. Acesso em: 23 ago. 2024.

NASCIMENTO, Sara Graciane Barros do; SANTANA, Adriana (Orient.). *Herança de afetos: o laço que nos percorre* (Documentário). 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: https://youtu.be/Q1oFBR5pINo?si=QuWO__QDz1tiIfsi. Acesso em: 27 jun. 2024.

SANTOS, Elizabeth Bandeira de Melo. *As transmutações pessoais no tornar-se mãe: como as mulheres vivem a maternidade na contemporaneidade* (Série de Perfis). 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

TESSER, Charles Dalcanale; KNOBEL, Roxana; ANDREZZO, Halana Faria de Aguiar; DINIZ, Simone Grilo. Violência obstétrica e prevenção quaternária: o que é e o que fazer. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 35, p. 1-12, abr. - jun. 2015. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1013>. Acesso em: 23 maio 2024.

Fala mãe! Uma conversa com mães pós-graduandas e servidoras da UFPE

MARIA LUIZA FRANÇA DA SILVA

Em 07 de março de 2024, o projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância veiculou na Rádio Universitária Paulo Freire o programa intitulado *Fala mãe! Uma conversa com mães, pós-graduandas e servidoras da UFPE*, décimo episódio da quarta temporada do projeto. Um debate relevante sobre inclusão, permanência e progresso das mães na universidade. Para esse diálogo tivemos como convidadas: Bruna Patrícia Silva, mãe de Heitor e Miguel, que participa do Coletivo Maternidades UFPE. Formada em Psicologia e pós-graduada em Saúde da Família, também pela UFPE e atualmente é mestranda em Educação na UFPE; e Juliana Melo, mãe de Benício, participa do Coletivo Maternidades UFPE, graduada em Geografia pela UFPE. Servidora Técnico administrativa, alocada na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Pernambuco (PROAES), onde está trabalhando com o desenvolvimento do futuro Programa de Apoio à Permanência para Mães na UFPE. A apresentação do episódio foi realizada por Carolina Figueiredo, que é Professora do Departamento de Comunicação da UFPE (DCOM) e vice

coordenadora do projeto de extensão MMI, juntamente com a extensionista do projeto, graduanda em Psicologia da UFPE, Maria Luiza França, bolsista de iniciação acadêmica do programa BIA/ FACEPE.¹

A fim de estimular um diálogo fluido, para retratar as vivências maternas, a primeira pergunta explorou como é ser mãe, servidora e estudante, respectivamente, na UFPE, tendo em vista a busca pela conciliação das tarefas domésticas, trabalho e os estudos. Bruna refletiu sobre as dificuldades de conciliar as várias demandas referidas acima, como também os desafios de cuidar de duas crianças pequenas. Explicou que a menor delas se alimenta exclusivamente do leite materno, por ter somente quatro meses; em virtude disso, ela costuma ordenhar o leite quando sai para assistir às aulas, então orienta seu companheiro e sua mãe para ofertarem-no ao bebê. Além disso, seus estudos ocorrem nos intervalos de sono das crianças. E ela procura manter contato com amigos e docentes que sejam sensíveis e compreensivos com suas prováveis ausências em função dessas dificuldades.

Juliana fala sobre as diversas transformações que a gestação promove, gerando um cotidiano intenso, que gera grandes impactos em vários aspectos da vida. Quando a criança nasce, as necessidades de cuidado e atenção direcionadas a ela tornam-se crescentes. As tarefas domésticas, os cuidados maternos, juntamente com os estudos, provocam desgastes físicos e mentais. Com relação às suas experiências como servidora, enfatiza o apego sentimental à UFPE, menciona sua excelência no ensino, citando o reconhecimento internacional. Mas, em relação ao apoio às mães, ressalta que existe uma certa dificuldade na adequação dos ambientes institucionais para que se tornem mais acolhedores para as mães e seus filhos, seja na infraestrutura ou nas políticas assistenciais. Ao trabalhar na reitoria, Juliana descansava no chão para aliviar as dores na lombar, em razão do peso da barriga. Em paralelo, a sua vivência como discente, que retornou a graduação na metade da gestação, trouxe à tona dificuldades porque as aulas aconteciam em diversos prédios e ela necessitava subir escadas e circular frequentemente pelo campus. Ao

entrar no acompanhamento especial, Juliana decidiu desistir do curso, pois não conseguiu acompanhar as atividades das disciplinas, nem os trabalhos propostos.

E quando eu entrei no acompanhamento especial foi que eu desisti mesmo, porque ninguém consegue acompanhar esse acompanhamento. Ele não tem nada de especial, sério. E no meu caso, eu estava grávida de 37 semanas com dores lombares e eu não conseguia ficar sentada. Então como é que a pessoa vai estudar desse jeito? (Melo, 2024, informação verbal).

Apesar das adversidades expostas nos discursos das convidadas, elas ressaltam o desejo de permanência na universidade como uma forma de resistência. Nesse sentido, Maria Luiza indaga sobre qual é a importância de ter mães ocupando a universidade e o que as motiva a permanecer nesse espaço. Juliana reflete sobre a abertura que a gestão institucional está se propondo, a ouvir as demandas maternas e a fazer as mudanças necessárias. Ao entender os entraves vivenciados em seu próprio cotidiano, a servidora buscou se aproximar dessa temática ao conhecer o Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância (MMI) na exposição *Lugar de mãe é na universidade*, que foi exibida no Centro de Artes e Comunicação (CAC) de 08 a 24 de março de 2023.

A partir da exposição, Juliana começou a se engajar no debate sobre as carências e invisibilidades relacionadas à maternidade na universidade. O filho de Juliana teve dificuldades na introdução alimentar, rejeitava a alimentação de sólidos e só aceitava o leite materno, por isso, ela solicitou remoção da PROGEPE para a biblioteca do CAC e redução da carga horária. A servidora ressaltou que não são todos os chefes que redirecionam seus servidores tendo em vista suas necessidades de maternagem, mas também destacou que sua experiência lhe confirmou a importância da sensibilização da comunidade acadêmica sobre as necessidades de apoio das mães, estudantes e servidoras, na universidade; de maneira que a instituição possa assegurar a permanência dessas mães com qualidade.

Mas a gente não pode desanimar. Até porque um dos princípios da UFPE é a democratização da educação e a equidade de oportunidades de acesso. E é dever da UFPE garantir a permanência das servidoras e estudantes mães nos espaços acadêmicos. E isso inclui os nossos filhos também (Melo, 2024, informação verbal).

Para Bruna, resistir na universidade é demonstrar para a sociedade que mulheres e mães podem ser pesquisadoras e estudantes. Por muito tempo, o papel das mulheres se restringia ao de ter filhos, o que era uma forma do patriarcado apagá-las da história. Então, ao ingressar na carreira científica e acadêmica, a mestranda almeja se tornar uma referência para os seus filhos.

É ocupar esse lugar, a gente também deve resistir e dizer que a gente pode ser pesquisadora, a gente pode estudar, a gente pode, além de ser mãe, fazer isso pelos nossos filhos também, para eles terem essas referências. Assim que a minha mãe estuda, minha mãe não é só mãe. E então acho que isso faz a gente não fazer com que a maternidade afogue a gente, engula a gente (Silva, 2024, informação verbal).

Depois disso, a professora Carolina mencionou a licença maternidade que as professoras e servidores têm direito, correspondente a seis meses, o que considera um tempo relativamente curto tendo em vista o período de desmame e introdução alimentar, no qual podem ocorrer dificuldades, como relatou Juliana.

No caso de Carolina, a professora precisou ordenhar leite ao retornar às atividades laborais, sem que houvesse um local adequado na universidade, necessitando, portanto, da sensibilização dos outros profissionais do departamento em que trabalha. Já Bruna precisou retornar ao mestrado, com um bebê de quatro meses, sem apoio institucional, contando apenas com uma rede de apoio formada pelo pai e a avó da criança.

Bruna considera-se privilegiada por morar perto da universidade e ressalta que não é sua primeira experiência de maternagem na universidade. Quando estava grávida do primeiro filho, trabalhava como servidora no CAV (Centro Acadêmico de Vitória). Por Vitória ser uma

cidade menor, quando ela retornou à universidade, o filho já estava com seis meses e o aleitamento ocorria sem problemas. Em contrapartida, com o segundo filho, está sendo uma situação mais delicada, pois o cansaço de ter dois filhos pequenos, juntamente com os estudos do mestrado, impactam a produção de leite.

Dando continuidade à conversa, Carolina pede a Juliana para nos falar sobre sua atuação na PROAES e pergunta como ela se sente ao contribuir para mudanças importantes de médio e longo prazo para as mães na universidade. A servidora responde que o trabalho está direcionado a políticas de permanência para mães na UFPE, porém ainda existem alguns entraves, como a ausência de dados qualitativos e quantitativos acerca dessas mães estudantes da UFPE. Desse modo, atualmente, os esforços estão direcionados para mapear e conhecer essas mulheres, compreender o que elas sentem, sofrem e quais são as suas realidades, para - dessa forma - iniciar o trabalho de implementação de políticas assistenciais adequadas e ativas, contribuindo para uma cultura institucional que tenha um olhar específico e sensível para esta temática.

Em seguida, Bruna comenta sobre os desafios de seu ingresso recente na pós-graduação e como tem se esforçado para se adaptar à essa nova vivência. Ela expõe os sentimentos de cobrança em prol da produtividade e a dificuldade em lidar com diversas demandas para cuidar dos filhos e do cotidiano intenso e arrebataador. Assim, ela busca organizar os horários dos grupos de estudos e atividades acadêmicas, para que não coincidam com as atividades de cuidado materno.

É tudo muito intenso. Eu tô retornando ainda, é uma sensação que o trem tá andando e eu estou tentando subir nesse trem, acompanhar esse trem. Que é o trem da produtividade, que é a universidade, né? Então a gente tá se cobrando sempre (Silva, 2024, informação verbal).

Bruna foi uma das participantes da Roda de Conversa “Trabalha, estuda e cuida? Maternidades na universidade e maternidade e vida acadêmica podem coexistir”, realizada no dia 30 de agosto de 2023, como parte

da programação da Semana Pedagógica 2023 do Centro de Educação da UFPE, campus Recife. A atividade foi coordenada pela professora Dayzi Oliveira (CE-UFPE), contou com a mediação de Vitória Edla (estudante de Letras na UFPE) e a participação de Bruna Patrícia e outras mães, servidoras da UFPE (Luciana Calado, professora no CE-UFPE; Kássia de Oliveira, professora no Departamento de Anatomia e coordenadora do Projeto Amamentar, e Maria Collier de Mendonça, professora no Departamento de Comunicação e coordenadora do @mmi.ufpe). Após esta roda de conversa, um grupo de mães e servidoras da UFPE criou o Coletivo Maternidades na UFPE, cujo grupo de WhatsApp já conta com mais de oitenta mães.

A professora Carolina indaga sobre como está a movimentação desse coletivo, quais os seus objetivos e o planejamento para ações futuras. A mestranda relata que, ao ouvir as mães sobre suas experiências na graduação, pós-graduação, como servidoras ou professoras, surgiu a necessidade de formalizar e estruturar um coletivo que abarcasse os três campuses da Universidade Federal de Pernambuco, sendo eles: Recife, Caruaru e Vitória. Com isso, as mães estão utilizando o coletivo como um espaço para falar sobre as suas dificuldades, buscando indicações de creches, escolas ou de como proceder em razão de questões de acompanhamento especial, ou do auxílio-creche, criando assim uma rede de apoio na universidade, direcionando o diálogo para as intervenções mais urgentes a serem realizadas para dessa forma construir um ambiente acolhedor para mães de bebês e crianças pequenas. Além disso, Bruna pontua a importância de ter vagas na creche, espaços em cada centro acadêmico para que as crianças possam ficar durante as aulas da mãe e um espaço para ordenha que seja confortável, seguro e acolhedor, visto que atualmente a universidade não dispõe dessa estrutura. Portanto, o coletivo se empodera para pressionar, mostrar que as mães existem e que é necessária uma adequação dos espaços para incluir mães e filhos.

Juliana pontua a necessidade da intervenção visando a empatia da comunidade acadêmica, para que ao adentrar nos espaços de salas de aula,

ou dos centros acadêmicos, as mães não sejam recebidas com um olhar de julgamento ou espanto. No âmbito estrutural, é pontuado novamente a importância de fraldários, salas de amamentação e para ordenha. Outro fator são as vagas de creche, visto que o Centro Municipal de Educação Infantil Professor Paulo Rosas, que é resultado de uma parceria entre a Prefeitura da Cidade do Recife e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e atende crianças do grupo 0 (berçário) ao grupo 5, não atende à demanda total de professoras, alunas e servidoras, sendo 50% das vagas da universidade e 50% destinadas ao público em geral. As vagas destinadas ao público universitário são divididas através de sorteio entre técnicos administrativos, professores, graduandos e pós-graduandos. Diante da limitação de vagas ofertadas à UFPE, é proposta a criação de uma creche da própria universidade, que pudesse acolher essas crianças e, ao mesmo tempo, possibilitar a atuação de graduandas da educação infantil, estudantes de Psicologia, Fisioterapia e outras especialidades.

Ao pontuar os destaques do diálogo ao longo do programa, Bruna salienta a empatia como um fator primordial para mudança, por ter impacto em como as pessoas direcionam o olhar a essas mães, e a integração das mesmas. Para Juliana, é um momento de confiança, pois o movimento de mães está crescendo, e elas possuem muita potência na maternagem, ao descobrir habilidades e qualidades que auxiliam nesse processo.

O programa finaliza reiterando a importância da abertura de diálogo. É necessário que haja espaços em que as mães sejam ouvidas conforme as suas vivências, dificuldades, particularidades e o lugar que ocupam. A temática da maternidade na academia é uma pauta que não se esgota, por existirem múltiplas vivências nos cuidados maternos, com isso o Projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância permanece dialogando sobre inclusão, permanência e progresso das mães na universidade.

Agradecimentos

A autora deste capítulo agradece à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco e à Pró-reitoria de Extensão da UFPE (PROEXT UFPE) pela bolsa BIA/ FACEPE.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. O Programa de Bolsas de Incentivo Acadêmico (BIA), de natureza afirmativa e assistencial, faz parte da Política Institucional da UFPE desde 2004 e se destina aos estudantes egressos de escola pública que obtiveram as melhores classificações no último processo seletivo para os diversos cursos da UFPE. O Programa se desenvolve por meio de uma parceria firmada entre a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE (PROExC) e a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). *V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras*. Brasília, 2019.

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *Fala mãe! Uma conversa com mães pós-graduandas e servidoras da UFPE*. Entrevistadas: Bruna Patrícia e Juliana Melo. Entrevistadoras: Carolina Figueiredo [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 07 mar. 2024. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=99SHjiBQ6uQ&t=299s>>. Acesso em: 07 abr. 2026.

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS DA UFPE. *CMEI*. Disponível em: <https://www.ufpe.br/progepe/qualidade-de-vida/cmei>. Acesso em: 25 abr. 2024.

Ser mãe na pós-graduação

CAROLINA DANTAS DE FIGUEIREDO

Os desafios de ser mãe na universidade são múltiplos e se estendem por diversas áreas e níveis. Temos percebido ao longo do projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância a invisibilização das mães nos espaços acadêmicos e a quase inexistência de políticas públicas e institucionais que garantam melhores condições às mães, assim como às suas crianças, no ambiente universitário. Isto se reflete, naturalmente, na capacidade de progressão na vida acadêmica das mulheres que têm filhos. Embora dados da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES, 2011) indiquem que as mulheres constituem maioria dos servidores e estudantes das universidades brasileiras, desconsideram-se as necessidades particulares das mães nos espaços acadêmicos o que pode ampliar as dificuldades das mães na universidade e dificultar seu progresso na carreira acadêmica.

De forma mais específica, a respeito das estudantes, não há acolhimento para aquelas que se tornam ou já são mães. Luana Fontel (2019, p. 90) fala explicitamente de “processos de expulsão” das discentes que têm

filhos. Entendemos aqui que tais processos de expulsão são simbólicos. A falta de apoio adequado, às demandas de cuidado que uma ou múltiplas crianças exigem, condições econômicas e familiares, entre outros fatores, atuam como dificuldades no percurso acadêmico. De maneira que as atribuições das estudantes-mães acabam alterando seu ritmo de participação em atividades como eventos, projetos de pesquisa e extensão, mas também influem nas decisões tomadas sobre a quantidade de disciplinas cursadas por semestre.

Nesse sentido, é sempre necessário olhar as estatísticas atentamente. Mesmo havendo equilíbrio entre a quantidade de mulheres e homens nas universidades, com discreta vantagem numérica para as mulheres, isso não garante condições igualitárias de permanência e progressão. Tabak (2002) demonstra que as mulheres se sentem menos encorajadas a seguir carreiras científicas. Goulden *et al* (2011) demonstram que mulheres citam com mais recorrência a maternidade como fator determinante para seguirem ou não a carreira acadêmica. Em pesquisa feita pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em parceria com o Instituto Serrapilheira, ficou evidente que os efeitos das assimetrias de gênero nas universidades estendem-se em longo prazo. Embora o número de doutoras tenha aumentado no país, isto não se reflete ainda no aumento do número de mulheres como docentes (Agência Brasil, 2023). A pesquisa evidencia o chamado “efeito tesoura”, fenômeno no qual há um “corte drástico entre o número de mulheres na pós-graduação e o de cientistas reconhecidas por sua produtividade acadêmica” (UFJE Notícias, 2021). Este corte pode ser assimétrico, considerando-se diferentes cursos e áreas do conhecimento, mas está presente em múltiplos contextos.

Antes de avançarmos, cabe considerar que a assimetria e o efeito tesoura se fazem notar não só em dados concretos, mas no imaginário que constituímos a respeito de ciência e da pós-graduação. A série *The Big Bang Theory* exibida de 2007 a 2019, produzida pelo canal de televisão estadunidense CBS, reproduziu e disseminou um imaginário sobre pós-

-graduação e pesquisa no qual o protagonismo masculino é prevalente. Este comentário poderia ser uma mera nota de rodapé, não fosse o fato de a série ter tido mais de 15 milhões de espectadores por episódio apenas nos Estados Unidos (Adorocinema, s.d) e de estar hoje disponível em diversas plataformas de *streaming*. Ao final da série é um personagem masculino, que começa a narrativa como um pesquisador celibatário e sem família, quem ganha um prêmio Nobel, o que remete à realidade do prêmio. Ao longo da sua história, apenas 6,7% dos vencedores foram mulheres na mais cruel expressão não só do efeito tesoura, mas da invisibilização como um todo das mulheres em grupos de pesquisa e laboratórios no mundo inteiro. Não obstante, este assunto não se esgota aqui.

Em 05 de abril de 2023, o Programa Maternagem, Mídia e Infância veiculou na Rádio Universitária Paulo Freire o episódio intitulado “Ser mãe na pós-graduação”, segundo episódio da terceira temporada (a temporada 2023.1) do projeto. A proposta foi debater a realidade enfrentada pelas mães nos programas de pós-graduação, ouvindo suas narrativas cotidianas.

Para este programa, convidamos Luciana Calado, mãe, graduada em Ciências Biológicas, mestra em Ecologia e Conservação, mestra em Antropologia Social, doutoranda em Antropologia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, na época, professora substituta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A apresentação foi feita pelas extensionistas e estudantes de Rádio, TV e Internet da UFPE, Aline Melo e Gisele Ramos, e pela professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFPE, Maria Collier de Mendonça. Cabe ressaltar que Maria atravessou mestrado, doutorado e pós-doutorado sendo mãe. O programa contou com uma coluna (previamente gravada) de Camila Infanger, doutoranda em Ciência Política da USP e pesquisadora do Parent in Science, movimento que discute a parentalidade na academia brasileira. O programa apresentou também um depoimento previamente gravado da doutoranda em Comunicação Social no PPGCOM/UFPE, Débora Santos.

O episódio começa com as saudações iniciais das apresentadoras, exposição do tema e introdução da entrevistada aos ouvintes. Luciana se identifica, inicialmente, não a partir da sua profissão ou pesquisa, mas sim como mãe, filha e neta. Antes mesmo que qualquer indagação seja feita, ela fala que isso se deve ao fato de aprender a construir cotidianamente histórias de luta com essas mulheres e explica que isso se dá numa perspectiva de humanização dos espaços ocupados por ela. A primeira pergunta, a título de contextualização, refere-se a “como é fazer pós-graduação com uma criança em casa?”. Luciana responde imediatamente que é “extenuante”, especialmente como mãe solo. E destaca que o cuidar é um trabalho invisibilizado que perpassa a vida das mulheres especialmente nos ambientes domésticos. A entrevistada explica que entrou no doutorado durante a pandemia, em 2021, e que conseguiu concluir os créditos com dificuldades, com apoio da escola e sua família, especialmente de sua mãe, o que inclui suporte financeiro.

Luciana recebeu apoio não só por cuidar da filha, mas também da sua mãe, paciente oncológica, no que ela chamou de “jornada infinita”, incluindo madrugadas, finais de semana e até mesmo os horários de cochilo da filha. O pai da criança contribuiu ocasionalmente com o suporte, o que não tornou o período menos desafiador, já que em muitas horas “vagas” Luciana trabalhou com revisão e editoração de textos para produzir uma renda extra.

A professora Maria Collier teceu então algumas considerações sobre o contexto da maternagem na pandemia, referindo-se à pesquisa liderada por Milena Freire de Oliveira-Cruz na Universidade Federal de Santa Maria, que entrevistou mais de duas mil mães (Collier de Mendonça; Oliveira-Cruz, 2020). Segundo a docente, o termo “jornada contínua” (Green; O’Reilly, 2021) foi usado recorrentemente em pesquisas sobre maternagem pandêmica, de maneira que o relato de Luciana sintoniza os aprendizados da pesquisa.

Luciana explica que a formação acadêmica e suas demandas são mais um “ter que estar disponível” e “ter que dar conta de tudo” que são so-

madros a outras responsabilidades. Além disso, a autocobrança tem um peso tremendo, afetando os processos psicológicos dessas mulheres. Ela e Maria falam então da saúde mental materna, de como ela foi impactada no pós-pandemia e como esse impacto se estende ao longo do tempo.

Neste momento, a entrevista é brevemente interrompida para a coluna de Camila Infanger após chamada da professora Maria Collier. Camila destaca que é essencial lançar luzes sobre as mães na pós-graduação, pois em muitos casos esta etapa da formação acadêmica coincide com a idade reprodutiva das ingressantes nos programas. Em termos de direitos, no caso das bolsistas a Lei nº 13.536 de 2017 prevê a manutenção de bolsas durante um período de 120 dias, equivalente à licença-maternidade (Parent in Science, 2023). Esta orientação jurídica foi atualizada em 2024 com a publicação da Lei nº 14.925/2024 que ampliou a licença para 180 dias (Lei Mães Cientistas).

Após a entrada de Camila, a aluna Aline Melo enfatizou a necessidade de uma transformação cultural que envolva as coordenações dos programas de pós-graduação para que as mães possam ser adequadamente acolhidas, especialmente em face da pausa provocada pela licença-maternidade. Luciana concordou com Camila e explicou que, no caso dela, os desafios da maternidade acabaram por se converter em objeto de pesquisa, em função dos “muros” que ela encontrou ao longo da sua jornada como pós-graduanda. Tendo engravidado durante o mestrado em Antropologia, ela se viu confrontada com o medo de perder a bolsa e com a percepção de que sua produtividade cairia. No doutorado, ela conseguiu viver uma nova experiência contando com suporte da coordenação do curso e do seu orientador, o professor Pedro Nascimento, que reiterou a perspectiva da própria Luciana de humanizar os espaços. Entretanto, Luciana destacou que é importante considerar o acesso e permanência de mães nas pós-graduações como parte de políticas públicas e não advindas meramente da boa-fé de pessoas e programas, lembrando que a “desprivatização” do cuidado com as crianças é imprescindível. Ela também comentou que é necessário garantir que as mães exerçam seus

direitos constitucionais mesmo na pós-graduação, que o cuidado é um tipo de trabalho e que o Estado deve se responsabilizar por esse cuidado implementando políticas públicas na área.

O episódio seguiu com o depoimento gravado de Débora Santos, que afirmou que um dos seus principais desafios como mãe é conseguir encontrar o equilíbrio entre a maternagem e as tarefas da pós-graduação. Ela disse que teve apoio do PPGCOM/UFPE ao fazer a prova de seleção ainda amamentando, assim como o suporte do seu companheiro, mas que a pandemia dificultou seus estudos, já que a criança teve que ficar em casa com a suspensão das atividades escolares. Na sua percepção, as demandas acadêmicas são impactadas pela maternidade, ainda que o ambiente da pós-graduação seja, de certo modo, mais gentil à maternagem do que a iniciativa privada. Maria Collier concordou com Débora sobre as mudanças que a maternidade traz, assim como a sobreposição entre o relógio biológico e a maternidade, o que leva às mães ao acúmulo de atividades. Em adição, nota-se o peso das relações de poder e gênero que atribuem tarefas e responsabilidades exclusivamente para as mães. A partir das reflexões de Maria, Luciana lembra que o trabalho de cuidado afeta emocionalmente as mulheres e considera que as jornadas “múltiplas, infinitas e incessantes” devem ser propriamente consideradas porque as demandas das mães são diferentes das demandas de outras minorias. Maria concorda e diz que o diálogo é necessário para que os avanços continuem.

O episódio chega ao fim e deixa clara a vulnerabilidade das mães na pós-graduação, que ainda dependem da boa vontade de orientadores(as) e coordenadores(as) dos programas, devido à ausência de políticas públicas necessárias para sua permanência e progresso acadêmico. Sem isso, por mais que haja paridade no ingresso de homens e mulheres na pós-graduação, o efeito tesoura continuará em vigor. Nesse caso, os homens continuarão avançando na carreira acadêmica em maior quantidade e em maior velocidade do que as mulheres; subindo em púlpitos para receber mais prêmios, liderando mais grupos de pesquisa e ocupando

mais cargos de professores titulares e reitores: o que não só reforçaria as assimetrias vigentes, como também estimularia a prevalência do pensamento patriarcal como regra na academia.

Referências

ADOROCINEMA. *The Big Bang Theory*: Audiência nos USA baseada na primeira transmissão. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-3247/audiencias/>. Acesso em 24 abr. 2024.

AGÊNCIA BRASIL. *Mulheres com doutorado crescem, mas são sub-representadas na docência*. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-05/mulheres-com-doutorado-crescem-mas-sao-sub-representadas-na-docencia>. Acesso em 24 abr. 2024.

ANDIFES. *Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação nas universidades federais brasileiras*. Brasília, 2011. Disponível em: https://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf. Acesso em 24 abr. 2024.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ, Milena. The Challenges of Being a Mother and an Academic Researcher during the COVID-19 Pandemic in Brazil. *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://jarm.journals.yorku.ca/index.php/jarm/article/view/40621>. Acesso em: 27 jun. 2024.

FONTEL, L. *Mães na universidade: performances discursivas interseccionais na graduação*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

GREEN, Fiona J.; O'REILLY, Andrea (Ed.). *Mothers, mothering, and COVID-19: Dispatches from the pandemic*. Bradford: Demeter Press, 2021.

GOULDEN, M.; MASON, M. A.; FRASCH, K. Keeping women in the science pipeline. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 638, n.1, p. 141-162, 2011.

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *ser mãe na pós graduação*. Entrevistadas: Débora Santos e Luciana Calado. Apresentadoras: Aline Melo e Gisele Ramos e Maria Collier. [S.l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 05 abr. 2023. Programa de rádio e podcast. Disponível em: https://youtu.be/BCThyB3fVjA?si=FZFrPb-t-rO7_jkr. Acesso em: 06 abr. 2026.

PARENT IN SCIENCE. *Manual para mães na graduação e pós-graduação*. Jul. 2023. <https://www.parentinscience.com/documentos>. Acesso em 27 jun. 2024.

TABAK, Fanny. *O Laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino*. Rio de Janeiro:- Garamond, 2002.

UFJF NOTÍCIAS. *Efeito Tesoura*. 04 mar. 2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2021/03/04/efeito-tesoura/>. Acesso em 24 abr. 2024.

T03 EP02 - Ser mãe na pós graduação. Entrevistadas: Luciana Calado e Débora Santos. Entrevistadores: Maria Collier, Aline Melo e Gisele Ramos [S. l.]: produtora? dez. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5tdXDipmNmht5rsRYnrwGY?si=He3wnZVqTQ2K9AM1tKoMEQ>. Acesso em: 23 agosto 2024.

O MEC e as políticas de permanência para mães universitárias

IKARO JOSÉ FELIX DOS REIS

Dando início aos diálogos que permeiam as políticas de permanência das mães universitárias, no segundo episódio da quarta temporada do programa Maternagem, Mídia e Infância (@mmi.ufpe), discutimos a publicação da Portaria nº 2.005/2023, assinada pelo ministro da Educação Camilo Santana, que instituiu um Grupo de Trabalho nacional para o desenvolvimento de políticas de permanência para mães nas instituições de ensino superior brasileiras. A portaria, que instituiu um Grupo de Trabalho composto por representantes do Ministério da Educação e Cultura (MEC), representantes dos coletivos de mães e pais das instituições de ensino superior, da CAPES, da SBPC, da ANDIFES, da ANPG, da UNE e de secretarias de educação, entre outras entidades, foi considerada de grande relevância, visto que se faz necessário pensar na inclusão de mulheres-mães nas universidades e também em políticas educacionais de permanência que contribuam para o progresso das mães nas universidades.

Convidamos Camila Infanger, que é mãe de Fausi e Violeta, integrante do movimento *Parent In Science*, doutoranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP), além de ser pesquisadora sobre a temática de maternidade na academia e a inserção de mulheres na carreira científica, Vanessa Suany que também é mãe, antropóloga, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), co-fundadora do coletivo de mães da UFSC e presidente da Associação de Mães Pesquisadoras, Estudantes e Trabalhadoras (AMPET). Também convidamos a professora Maria Collier de Mendonça que é mãe de Mariana, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC São Paulo, professora no programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), coordenadora do projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância, e pesquisadora associada à *International Association of Maternal Action And Scholarship* (IAMAS). Conduzindo a conversa, tivemos os extensionistas do projeto Maternagem, Mídia e Infância e estudantes de graduação em Ciências Sociais Ângela Simões e Ikaro Reis. Tendo sido Ângela bolsista da Pró-reitoria de Extensão e Cultura e Ikaro, bolsista de iniciação acadêmica do Programa BIA/ FACEPE.

Apresentando como tema as políticas de permanência para mães universitárias, e se baseando na publicação da portaria que busca instituir GTs para estudar o desenvolvimento de políticas institucionais de permanência materna, iniciamos o diálogo de um tema que deve estar em constante discussão. As políticas educacionais existem para garantir o direito ao acesso a uma educação de qualidade e também à permanência universitária por meio de editais de apoio e auxílio estudantil. Existem diversas políticas educacionais voltadas à permanência dos mais variados grupos que compõem as universidades, no entanto, quando se trata da permanência materna, essas políticas institucionais se mostram escassas e até mesmo ineficientes.

Com o andamento do diálogo, Vanessa Suany ressaltou a importância da criação da Portaria n. 2005/2023 do MEC, que instituiu o Grupo de

Trabalho para colaborar com o desenvolvimento da Política Nacional de Permanência Materna nas Instituições de Ensino Superior (IES):

A importância desta portaria vem trazer para a gente enquanto sociedade e sobretudo população acadêmica também a importância e visibilidade da maternidade dentro do ensino superior, por ser uma categoria que acaba se diluindo entre as outras categorias estudantis. Essa portaria evidencia a questão da maternidade dentro das universidades e o quanto que a maternidade é apagada e negligenciada (Suany, 2023, informação verbal).

Tão importante quanto instituir políticas de permanência materna no ensino superior, é entender as particularidades e individualidades dos grupos de mães a serem assistidas, porque a criação de tais políticas requer a escuta contínua das demandas trazidas pelas mães-estudantes. Dando continuidade à conversa, questionou-se sobre como o trabalho do GT do MEC poderá contribuir para futuras experiências das mães na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bem como em outras universidades do Nordeste. Nesse momento, a professora Maria Collier de Mendonça comentou características nordestinas e aprendizados relatados a equipe do nosso projeto por mães estudantes da UFPE:

Quando a gente pensa no Nordeste, acho que o principal ponto é que a gente mora numa região que é extremamente pobre, na qual a maioria das famílias são chefiadas por mulheres. Então, a gente está vivendo um fenômeno que a gente chama de feminização da pobreza, sobretudo a partir da pandemia [...] É importante a gente pensar que para completar a graduação, elas precisam de uma rede de apoio para cuidar dos filhos (...) E o que acontece na prática é que o que a gente tem escutado de relatos, às vezes de professores, às vezes de coordenadores, de colegas, de familiares, dizendo “tranque sua faculdade porque você engravidou” (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

O Grupo de Trabalho que visa discutir e propor políticas de permanência materna é composto por representantes dos coletivos maternos, da União Nacional dos Estudantes (UNE), Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e tam-

bém representantes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e membros representantes de outras secretarias relacionadas ao Ministério da Educação. Ao longo da conversa, as participantes esclareceram o papel que os coletivos de mães universitárias desenvolvem, por terem representantes ligadas diretamente aos temas das políticas públicas debatidos. De acordo com Camila Infanger:

A gente, na base, na ponta, entende as necessidades e consegue compartilhar as nossas realidades para que elas sejam consideradas no desenho dessas políticas, nas eventuais repercussões que vão vir de uma portaria como essa. Eu acho que os coletivos universitários, eles estão no centro disso tudo, né? [...] Os coletivos universitários, são muito capazes de levantar demandas, de mostrar o número de mães que compartilham a mesma realidade e de entender que não é uma questão individual daquela mãe que a gente fala assim: Ai, a guerreira que pôs a cara a tapa, que mostrou a realidade dela. Mas sim um grupo que se mobiliza e se mostra como parte da academia, então eu entendo como essencial essa participação de coletivos universitários para denunciar e provocar as autoridades dentro e fora da academia sobre o que está acontecendo com as mães nas universidades (Infanger, 2023, informação verbal).

O debate sobre políticas de permanência materna é algo que merece ser amplamente discutido, de modo que essa Portaria é importante não só para as mães, mas para todos os grupos universitários, porque a luta por uma educação mais democrática no ensino superior requer a participação de todos os grupos que compõem a comunidade acadêmica. Quando se trata da produção de ciência é de extrema importância observar a diversidade de abordagens e perspectivas, levando sempre em consideração que a sociedade é heterogênea e composta pelos mais variados grupos. Assim, pensar na ciência e pensar na educação considerando uma pluralidade de vieses é enriquecedor, tendo em vista a função social das universidades públicas em produzir conhecimento científico e dialogar com a comunidade. Nas palavras de Camila Infanger e Vanessa Suany:

É bom para a ciência, é bom para a cultura produtivista da ciência, que as mães estejam na academia, que as mães progridam na carreira

acadêmica, que a gente tenha mecanismos de retenção para que a gente permaneça na ciência. Então, a diversidade de perspectivas é que as mães podem trazer a força de mostrar que quem produz ciência também pode produzir gente, pode fazer o trabalho reprodutivo é muito importante para a ciência, para todas as pessoas (Infanger, 2023, informação verbal).

Então esse movimento que esses coletivos fizeram de conseguir ir até o MEC e trazer esse debate para o centro, a maternidade para esse centro é fundamental, pois dentro das instituições é como se a maternidade fosse algo apagado, como se não existisse e a academia fosse um lugar estéril sem crianças (Suany, 2023, informação verbal).

Na V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES, estudo realizado em 2018 pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), foi mapeado o perfil socioeconômico dos estudantes de graduação das universidades federais. Em 2014, segundo a ANDIFES, mais de 50% dos estudantes das universidades federais brasileiras eram mulheres e cerca de 13% eram mães-estudantes. De acordo com dados do último Censo, 49,1% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres no país, mas este percentual sobe para 53,9% em Pernambuco, indicando que as mulheres são responsáveis pela maioria dos domicílios em nosso estado (IBGE, 2022).

As mulheres precisam estar cada vez mais presentes na vida pública e no mercado de trabalho porque suas famílias dependem economicamente delas. Por esse motivo, as universidades precisam acompanhar essas mudanças e oferecer apoio institucional adequado às mães-estudantes.

Desde que a ANDIFES começou a fazer as pesquisas sobre o perfil sociocultural dos estudantes de graduação da universidade, a gente vê que as mulheres são maioria. Então, se mulheres são maioria, por que a maternidade nunca foi uma questão? Porque se existe o ideal de que a universidade é um lugar para pessoas jovens e sem filhos, que estão ali para serem formadas, no sentido de formar mesmo, de tu pegar e colocar essa pessoa dentro de uma forma, né? Isso acabou se reproduzindo ao longo desses anos. Então, a importância de uma portaria como essa,

a gente começa a pensar numa política e, num segundo passo, na implementação dessa política também (Suany, 2023, informação verbal).

Para tanto, é necessário dar continuidade ao trabalho de escuta de suas demandas, bem como implementar políticas de apoio para as mães universitárias. Além de tornar a universidade um ambiente mais democrático, evitando a exclusão de conhecimentos que podem ser perdidos quando determinados grupos são excluídos da produção científica, como é o caso das mães-estudantes universitárias.

Agradecimentos

O autor deste capítulo agradece à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco e à Pró-reitoria de Extensão da UFPE (PROEXT UFPE) pela bolsa BIA/ FACEPE e ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UFPE pela bolsa PIBIC Propesqi-Af que lhes foram concedidas.

Referências

ANDIFES - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR. *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES* - 2018. Brasília: ANDIFES, 2019.

Disponível em: <https://www.andifes.org.br/2019/05/27/v-pesquisa-nacional-de-perfil-socioeconomico-e-cultural-dos-as-graduandos-as-das-ifes-2018/>. Acesso em: 15 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Assuntos. Notícias. *MEC debate permanência materna no ensino superior*. Grupo de Trabalho que discute a realidade materno-estudantil e a elaboração da Política Nacional de Permanência Materna no País teve sua primeira reunião. Brasília, DF: MEC, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/mec-debate-permanencia-materna-no-ensino-superior>. Acesso em: 23 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria no. 2.005, de 14 de novembro de 2023. Institui Grupo de Trabalho com a finalidade de promover estudos técnicos relacionados à Política Nacional de Permanência Materna nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras. *Diário Oficial da União*, Brasília-DF, 17 nov. 2023, edição. 218, seção 1, p. 33. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-2.005-de-14-de-novembro-de-2023-523548409>. Acesso em: 23 maio 2024.

CAVENAGHI, Suzana; ALVES, José Eustáquio Diniz. *Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios*. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018. Disponível em: https://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32_1.pdf. Acesso em: 23 maio 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2022: Em 12 anos, proporção de mulheres responsáveis por domicílios avança e se equipara à de homens. *Agência IBGE Notícias*, Rio de Janeiro, 25 out. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41663-censo-2022-em-12-anos-proporcao-de-mulheres-responsaveis-por-domicilios-avanca-e-se-equipara-a-de-homens>

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *O MEC e as políticas de permanência para mães universitárias*. Entrevistadas: Camila Infanger, Maria Collier de Mendonça, Vanessa Suany. Entrevistadores: Ângela Simões, Ikaro Reis. [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 29 nov. 2023. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/4lHEihkJpSY?si=wo36QZU3NyVBnwcw>. Acesso em: 23 maio 2024.

Perspectivas e possibilidades para mães na carreira acadêmica

CAROLINA DANTAS DE FIGUEIREDO

A universidade é e deve ser percebida a partir das múltiplas oportunidades e caminhos que oferece na construção da carreira acadêmica. Embora as oportunidades sejam abertas para todas e todos, elas não se dão de forma equânime. Na verdade, em contextos específicos, determinadas questões e aspectos subjetivos incidem nas formas como ocorrem o ingresso e a construção de carreira nas universidades. O terceiro episódio da quarta temporada do programa Maternagem, Mídia e Infância se debruçou sobre as perspectivas e possibilidades para as mães na carreira acadêmica.

Para falar sobre o assunto foram convidadas as mães e professoras do Departamento de Comunicação Social da UFPE, Adriana Santana e Ana Paula Campos. A apresentação foi feita pela aluna extensionista Aline Mello e pela professora e coordenadora do projeto Maternagem, Mídia e Infância, Maria Collier de Mendonça. Maria abriu o programa lembrando que:

Quando falamos em possibilidades e perspectivas para mães na vida acadêmica, tratamos de várias questões bastante complexas, que se iniciam na transição do doutorado para o ingresso como docente ou pesquisadora de pós-doutorado, por exemplo. Isso costuma impactar a carreira e a produtividade das mulheres durante anos (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

Aline prosseguiu explicando que a questão da assimetria entre homens e mulheres na academia não é nova, mas ganha contornos e especificidades quando as mulheres-mães não são consideradas. Há, segundo o *Parent in Science*, uma redução gradual da quantidade de mães na vida acadêmica na medida em que a carreira avança, de modo que essas mulheres dificilmente chegam a cargos mais altos na carreira, ou chegam em menor quantidade do que os homens. A fala abaixo da pesquisadora Camila Infanger explica melhor essa questão.

A gente olha para além da inserção de mulheres e mães na ciência, mas pensando também na permanência. A gente precisa olhar para o efeito tesoura. Então, o efeito tesoura são esses gráficos que mostram como nós somos maioria desde a graduação. E conforme a gente avança em níveis de prestígio, a gente vai evadindo da carreira acadêmica realmente (Infanger, 2023, informação verbal).

A professora Adriana Santana foi convidada a falar após o comentário de Camila. Adriana tratou das dificuldades das mães progredirem na universidade a partir da sua própria experiência. Ela explicou que ter sido mãe durante o mestrado foi um choque de realidade e que, na sua percepção, as mulheres-mães acabam tendo que produzir muito mais para acompanhar a produtividade dos seus colegas homens. Além disso, deve-se considerar a carga emocional que o excesso de trabalho provoca.

Tendo trabalhado como jornalista e ministrado aulas durante o mestrado, ela, na verdade, utilizou sua licença-maternidade (tirada enquanto profissional celetista) para escrever a dissertação, já que há uma pressão permanente para conciliar o trabalho remunerado, com a maternagem e a pesquisa acadêmica.

Na ocasião da seleção do doutorado, Adriana tinha uma bebê recém-nascida e lembra que a banca lhe perguntou diretamente sobre sua capacidade de produzir nos níveis desejados porque era mãe e estava amamentando. Embora ela tenha sido aprovada no processo seletivo, a pergunta foi desconcertante e um lembrete que reafirmou o chamado “efeito tesoura”.

A experiência da professora Ana Paula foi ligeiramente diferente, embora o sentimento de frustração seja o mesmo. Ela teve filhos após o mestrado, porém já como docente, necessitou do apoio da mãe para amamentar seu filho no intervalo das aulas. Ana Paula destacou a importância das redes de apoio femininas e enfatizou que um professor jamais passaria pela paternidade na academia desta forma. A professora elaborou esta questão relatando que decidiu dar uma pausa de dez anos entre o mestrado e o doutorado por conta dos filhos. Isso porque, durante uma seleção de doutorado em que estava grávida, ela desmaiou, pois o local onde estava não tinha infraestrutura adequada para receber uma gestante.

Maria trouxe então sua própria experiência e relatou que ingressou no mestrado quando sua filha já estava com quatro anos, o que não impediu que ela tivesse dificuldades. O fato da sua idade reprodutiva ter coincidido com o doutorado e depois com o pós-doutorado acabou impedindo que ela tivesse um segundo filho. Segundo o relato de Ana Paula, ter filhos na universidade é ter que pedir desculpas o tempo inteiro; pedir desculpas pelos atrasos, pela presença das crianças na universidade, entre outros. A professora argumentou que a individualização da maternidade afeta as mães no dia a dia e as deixa numa situação muito desconfortável.

Adriana recordou que, quando entrou no doutorado e passou a receber bolsa, pôde abandonar o seu trabalho anterior. Isso não tornou a sua jornada, com duas filhas ainda pequenas, mais tranquila. Pelo contrário, ela entrou num nível de autocobrança e de produção que atualmente considera “insano”. Olhando hoje com distanciamento, ela julga que isso se deu pela introdução da pressão externa.

Eu entrei numa sanha louca de produção, mas tão louca, porque eu dizia não acredito em mim, porque eu sou mãe, então tenho que provar muito mais, minha gente. Eu produzia como uma louca, como uma pessoa insana, um monstro, um monstro (Santana, 2023, informação verbal).

Ana Paula endossou essa percepção sobre a autocobrança constante. Mesmo tendo ingressado no doutorado já como professora universitária, a pressão permaneceu ao ter que dar conta de tudo, aulas, escrita da tese e família. Nesse sentido, ela falou da sensação de frustração ao perceber que deveria ter produzido mais.

Neste ponto do episódio, Aline retornou ao roteiro e destacou a relevância deste assunto, pois as mulheres acabam enfrentando mais limitações profissionais do que os homens. Essas dificuldades, interrupções e assimetrias afetam não apenas suas vidas particulares, mas questões relativas à ciência e à docência, já que a produtividade das mulheres-mães é impactada negativamente. A academia é ainda muito marcada por questões de gênero, de modo que há menos patentes elaboradas por mulheres no Brasil e menos pesquisadoras de produtividade nos programas de pós-graduação brasileiros. Historicamente, existem bem menos reitoras mulheres nas nossas universidades do que reitores homens.

Maria indica que, segundo dados do *Parent in Science* e da Universidade Estadual Paulista (UNESP), embora existam equivalências entre homens e mulheres quanto às pessoas matriculadas nos programas de pós-graduação nas universidades brasileiras, os homens ainda ocupam muito mais vagas como docentes na graduação e na pós-graduação. Essa assimetria se torna ainda maior quando comparamos os percentuais de homens e mulheres que ocupam cargos mais altos, como professores titulares ou então cargos políticos e diretivos nas universidades como, por exemplo, pró-reitorias e reitorias. Tal desigualdade aumenta se tomamos como referências a presidência de órgãos científicos e agências de fomento como CAPES, CNPq ou mesmo posições nos ministérios.

A pesquisadora Camila Infanger, em mais uma fala gravada, aprofundou-se neste assunto indicando possíveis soluções para o quadro atual, tais como editais que apoiem o retorno das mulheres às atividades de pesquisa após a licença-maternidade, editais de submissão de propostas que contemplem dias extras para mães de filhos menores de cinco anos se inscrevem. Também é possível pensarmos na aplicação de fatores de correção, que multipliquem as notas das mães com filhos menores de cinco anos por 1,2 ou acrescentem bônus no caso de processos seletivos. Os eventos científicos também podem ser pensados para garantir que mães com filhos abaixo da idade escolar possam participar, por meio da oferta de espaços e profissionais de suporte ao cuidado das crianças durante as atividades acadêmicas.

Outras ações de caráter prático podem gerar impactos positivos. O auxílio mobilidade internacional com valores diferenciados para mulheres com filhos pode contribuir com a capacitação dessas mulheres, posto que é mais difícil e mais caro se deslocar em família. Camila destacou também que, embora a licença-maternidade já possa ser indicada no Currículo Lattes, os afastamentos dessa natureza, tanto de docentes quanto de discentes, não aparecem na Plataforma Sucupira que avalia os programas.

Em seguida, Aline mencionou a carga mental materna e o terceiro turno de trabalho das mães, que não são contabilizados no currículo acadêmico. Apenas em abril de 2021, o Currículo Lattes, que é uma plataforma de currículos acadêmicos fundada em 1999 e utilizada por toda comunidade acadêmica brasileira, passou a ter espaço para indicar a licença-maternidade. Então, Aline perguntou às entrevistadas se a maternidade cabe no Lattes.

Adriana destacou que nem a vida e nem a maternidade cabem no Lattes e que, embora a inclusão da licença maternidade seja relativamente recente, essa mudança foi simbólica. Ela esperou ansiosamente para incluir os três filhos na Plataforma, dando visibilidade a um aspecto da sua vida até então negligenciado na academia. A professora mencionou o vácuo que acontece após a licença-maternidade, como se as crianças

e o cuidado deixassem de existir. Ela mesma amamentou os filhos por mais de dois anos e considera que a produção intelectual neste período não só pode como deve ser reduzida, pois a amamentação e os demais cuidados com bebês e crianças devem se impor como prioridade.

Maria ressaltou que as mulheres que voltam da licença-maternidade não são as mesmas que saíram, porque suas necessidades mudam e isso requer condições de trabalho mais adequadas, além da aplicação dos fatores de correção, como Camila mencionou. Ana Paula acrescentou que a presença física das crianças deve ser considerada nos espaços acadêmicos e lembrou que, por diversas vezes, teve de levar os filhos às suas aulas. Adriana também recordou essa experiência e, olhando em retrospecto, agora com a filha mais velha já universitária, ela falou do sentimento de realização e da vontade de voltar à sua banca de seleção do doutorado para dizer que “conseguiu”. Para ela, “infelizmente a gente precisa brigar mais do que os outros. A gente precisa lutar mais do que os outros, produzir mais, fazer mais e ainda assim vão olhar de lado”. Os sentimentos de luta e frustração perpassam diferentes gerações de acadêmicas. Adriana lembrou-se com carinho de uma entrevista concedida por Isaltina Melo Gomes, professora e sua colega de departamento, na qual ela relatou ter perdido uma bolsa de doutorado por conta de suas duas filhas.

As informações trazidas por Camila, segundo Ana Paula, indicaram algumas ações oficiais muito interessantes para mudar a mentalidade da academia. Não obstante, tais ações precisam ser disseminadas e as pessoas conscientizadas. Do mesmo modo, a quantidade de procedimentos burocráticos precisa ser menor nas universidades, para que as mães realmente sejam acolhidas e consigam pôr em prática os seus direitos. Ana Paula recordou ainda que, quando estava grávida e já era professora, ouviu do seu coordenador de curso naquela época que ele sabia que ela iria “dar esse tipo de problema”.

Uma aluna que consiga ter, por exemplo, uma licença para acompanhar um filho, não só a sensibilidade da academia, mas os direitos que nós temos. Então é por aí. Isso eu achei importante também quando ela

fala da Sucupira, porque eu acho que é uma das grandes questões que a gente vê quando a aluna está na pós-graduação. Porque hoje a gente sabe que as alunas bolsistas têm direito à prorrogação de bolsa, apesar de que os programas como a Sucupira ainda não reconhecem (Campos, 2023, informação verbal).

A partir da fala de Ana Paula, Maria reforçou a importância das métricas de produtividade serem reformuladas diante das demandas da maternidade, assim como a necessidade de flexibilizar prazos de entrega e conclusão de cursos para mães. Adriana se referiu ao fato de ter perdido a oportunidade de publicar sua tese como livro, por ter solicitado prorrogação da defesa, mostrando novamente como as pesquisadoras acabam sendo “punidas” por serem mães. Aline aproveitou então para finalizar o episódio enfatizando que o tema é complexo e que para além das falas realizadas há muito ainda a ser dito e pensado a respeito.

Referências

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *Perspectivas e possibilidades para mães na carreira acadêmica*. Entrevistadas: Adriana Santana e Ana Paula Campos. Apresentadoras: Aline Melo e Maria Collier de Mendonça. [S.I.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 04 mai. 2023. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/4oxxAygDzhU?si=A-y9YFcLjgxnFYCX>. Acesso em: 03 abr. 2026.

PARENT IN SCIENCE. *Programa Amanhã*. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/amanha>. Acesso em: 03 maio. 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Censo sobre as diversidades UNESP 2021. Disponível em: <https://www2.unesp.br/Modulos/Noticias/36530/relatorio_censo2021_vf-1.pdf>. Acesso em 06 fev. 2025.

Políticas de apoio às mães na UFPE: por onde começar?¹

JULIANA MELO

No dia 10 de maio de 2023, a Rádio Paulo Freire veiculou o episódio “Políticas de Apoio às Mães na UFPE: por onde começar?” do Programa Maternagem, Mídia e Infância. Com a presença do Reitor da UFPE, professor Alfredo Gomes; da colaboradora do MMI e integrante do Movimento *Parent in Science*, Camila Infanger e apresentação da professora Maria Collier de Mendonça, coordenadora do Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância (@mmi.ufpe). O professor Alfredo Gomes é doutor em Educação pela Universidade de Bristol na Inglaterra, membro da diretoria executiva da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) e professor do Centro de Educação da UFPE. Camila Infanger é doutoranda em Ciência Política na Universidade de São Paulo, onde pesquisa políticas públicas voltadas à inclusão, permanência e progresso das mães nas universidades. Maria Collier de Mendonça é docente no Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, doutora e mestra em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Quando pensamos nas políticas de apoio às mães nas universidades, a grande questão é “por onde começar?”. Pensando nisso, o episódio debateu as principais demandas das estudantes de graduação, pós-graduação, servidoras e professoras que são mães; como também que soluções podem ajudar a UFPE a atendê-las. Segundo o professor Alfredo Gomes, de maneira geral, as condições de permanência são as questões mais importantes pensando nas demandas universitárias. Nas palavras do reitor:

O tema é extremamente importante e merecedor, portanto, de políticas públicas em âmbito nacional, dirigidas para as mães. E mulheres dentro da universidade é algo fundamental e necessário! Então a gente espera que o novo governo possa, portanto, estabelecer um diálogo em torno da temática para que nós possamos construir nacionalmente para as universidades públicas federais, mas também para o sistema de ensino superior de maneira geral, as boas e consistentes políticas para o longo prazo; para que a gente resolva as questões de desigualdades, tanto no acesso quanto na permanência em torno dessa matéria (Gomes, 2023, informação verbal).

O diálogo abordou necessidades de criação de bolsas de permanência e infraestruturas de suporte para as mães como a ampliação de vagas na Creche Paulo Rosas, conveniada com a UFPE, locais de apoio para amamentação no campus e acompanhamento das crianças que frequentam a universidade com suas mães e pais; para se garantir justamente a sua permanência, bem como para reforçar o sentimento de pertencimento das mães com a universidade. Ao final, o reitor convidou as professoras Maria Collier de Mendonça e Carolina Dantas de Figueiredo, da equipe do MMI para uma reunião de trabalho, que ocorreu no dia 8 de março de 2024, com o Comitê de Governança da UFPE. Nessa ocasião, demos início ao diálogo institucional sobre essas iniciativas com todas as equipes das pró-reitorias e diretorias integrantes da gestão da UFPE.

Eu sou Juliana Melo, mãe e servidora técnico-administrativa da Universidade Federal de Pernambuco. Bacharela em Ciências Geográficas pela UFPE e, atualmente, estou cursando uma especialização em Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas na Fundação Joaquim Na-

bucu (FUNDA)). Após ser mãe, em 2022, fui convidada pelo Professor Fernando Nascimento, na época pró-reitor para Assuntos Estudantis (PROAES) e atualmente Chefe de Gabinete na Reitoria da UFPE, para atuar na formulação de políticas de acolhimento para estudantes-mães da UFPE. Sigo trabalhando na PROAES, sendo liderada pela nova pró-reitora, professora Cinthia Kalyne de Almeida Alves.

Neste capítulo, compartilhamos o que temos feito na Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES) no que concerne a inclusão e permanência de estudantes-mães na UFPE. Mas, antes de iniciar, gostaria de fazer uma breve contextualização e, também, expressar a minha gratidão às professoras Maria Collier de Mendonça e Carolina Dantas de Figueiredo, do Departamento de Comunicação Social aqui da Universidade. Foi com a ajuda dessas mulheres que encontrei a minha missão profissional: auxiliar as mães em suas trajetórias acadêmicas e profissionais. E mais, graças ao @mmi.ufpe (Projeto de Extensão *Maternagem, Mídia e Infância* coordenado por ambas), encontrei fôlego e esperança para prosseguir academicamente, após a chegada do meu amado filho, Benício.

No final de 2021 engravidei do meu primeiro filho, Benício, aos 40 anos de idade. A partir daí, comecei a sentir na pele os percalços que toda mãe trabalhadora e estudante sofre com mobilidade, deslocamentos e adaptação ao mobiliário no ambiente profissional estando grávida. Desde então, comecei a me interessar por assuntos relacionados às maternidades nos âmbitos acadêmico e profissional.

As demandas que impactam a saúde física, mental e emocional das mulheres grávidas e que comprometem seu desempenho laboral são inúmeras. As gestantes lidam, cotidianamente, com questões físicas e psicológicas que as fragilizam e requerem atenção, cuidado e acolhimento. E a situação piora com o nascimento das filhas ou filhos. Pois, agora, além de lidar com suas próprias demandas, há infinitas exigências dos bebês.

Foi aí onde tudo começou, em 2023, já de volta às atividades, recebi o convite para a abertura da exposição Lugar de Mãe é na Universidade, realizada pela equipe do Projeto de Extensão *Maternagem, Mídia e*

Infância. O evento, inaugurado no dia 08 de março de 2023, na Galeria Capibaribe do Centro de Artes e Comunicação (CAC UFPE) e contou com a participação de discentes, docentes, reitor e vice-reitor da UFPE. Teve como objetivo dar visibilidade à temática da inclusão, permanência e progresso das mães na UFPE, trazendo à comunidade acadêmica as motivações e dificuldades vividas por mães que estudam e/ou trabalham na UFPE.



Figura 1: Abertura da exposição Lugar de Mãe é na Universidade

Fonte: Perfil do Instagram @mmi.ufpe (2024).

O evento foi um importante marco para aflorar o debate e dar início à elaboração de ações institucionais de apoio às mães universitárias. E mais, conectá-las às ações que já existem, como o belíssimo Projeto de Extensão ProAma (Projeto de Extensão Amamentar, coordenado pela professora Kássia de Oliveira, do Departamento de Anatomia da UFPE).

A Exposição Lugar de Mãe é na Universidade nasceu a partir dos aprendizados da reunião realizada no dia 14 de dezembro de 2022, sobre o tema da maternidade na universidade. Esse encontro aconteceu no miniauditório do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPG-

COM), do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. Foi organizado pela equipe do Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância (@mmi.ufpe) e contou com a participação de 15 mães estudantes, servidoras e professoras da universidade.

A repercussão da exposição Lugar de Mãe é na Universidade trouxe desdobramentos importantes para o impulsionamento e a consolidação da temática da maternidade na universidade. Pouco tempo depois, o MMI realizou, sob a coordenação e mediação da professora Maria Collier, um período de rodas de conversa, via *Google Meet*, com estudantes e servidoras dos três *campi* universitários (Recife, CAV e CAA). O intuito foi conhecer as estudantes-mães das outras regiões do nosso estado, que é dividido em três grandes áreas geográficas: Zona da Mata, Agreste e Sertão. Cada uma dessas regiões apresenta peculiaridades socioeconômicas bem distintas, que impactam o cotidiano das estudantes de formas diversas. Foram quatro dias de escuta e trocas, com compartilhamento de experiências e ideias, além de relatos emocionantes.

Comoventes também foram as narrativas de outras mães em um outro evento acadêmico que aconteceu na Semana Pedagógica, realizada no Centro de Educação da UFPE, entre os meses de agosto e setembro de 2023. As estudantes relataram, também em Roda de Conversa, inúmeras adversidades enfrentadas como os percalços financeiros, as violências físicas e simbólicas sofridas dentro e fora da universidade, a falta de rede de apoio e suporte acadêmico, entre outras questões que impossibilitam o alinhamento de estudos com os cuidados maternos. Foram aprendizados reveladores e muito marcantes.

A partir disso, nasceu outra grande iniciativa pró-estudantes-mães: a criação do Coletivo Maternidades da UFPE. Um espaço, inicialmente virtual, autônomo, apartidário, criado no WhatsApp pelas próprias estudantes, que já conta com a participação de 137 mães, no qual é possível construir, de forma coletiva e organizada, a pauta de reivindicações maternas. São abordados assuntos como: planos de ação e articulação, a importância de representações por centros acadêmicos, o trabalho de

sensibilização em toda a comunidade e a criação de fóruns de discussão, com focos acadêmicos e profissionais nas pró-reitorias e diretorias de centros. Além de permitir um espaço de debate seguro, respeitoso, sem repressões nem desconfortos; permitindo que essas mulheres conversem sobre suas fragilidades e medos decorrentes das rotinas e dificuldades maternas.

A Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis (PROAES) é responsável pela coordenação central das ações e programas de inclusão social para a permanência dos alunos na UFPE. No início de 2024, fui lotada na PROAES, desde então, venho me dedicando às ações de combate à evasão acadêmica de estudantes-mães. Para iniciar os trabalhos, precisávamos obter dados quantitativos e qualitativos acerca das condições das estudantes-mães que possuem vínculos ativos com a Universidade. Assim, com a autorização do então pró-reitor, professor Fernando, no dia 16 de fevereiro de 2024, via Instagram Institucional da PROAES, foi lançado um formulário Google com perguntas simples sobre moradia, curso, turno, quantidade de filhos e uma pergunta aberta para que as estudantes-mães pudessem expressar seus desejos e insatisfações, além de sugestões de melhorias.



Figura 2: Convocação da PROAES às mães-estudantes da UFPE

Fonte: Perfil do Instagram @proaesufpe (2024).

Em três dias, foram respondidos mais de 400 questionários. A partir desses dados, foi possível iniciar a elaboração do Programa para Permanência Materna (PROMATER), com edital e portaria em vias de publicação. Enfim, estávamos institucionalizando as ações de permanência materna na UFPE. Mudanças institucionais à vista!

Pouco tempo após a divulgação do formulário, o professor Fernando Nascimento foi convidado a compor a equipe de Gabinete do Reitor. Então, para substituí-lo, no dia 01 de março de 2024, a professora Cinthia Kalyne Alves assumiu o cargo como nova pró-reitora.



Figura 3: Notícia - professora Cinthia na liderança da PROAES

Fonte: Perfil do Instagram @proaesufpe (2024).

A professora Cinthia está dando continuidade às medidas já iniciadas na gestão do professor Fernando. Para nós, um imenso ganho, pois agora contamos com a liderança de uma mulher, que é mãe, acadêmica e excelente gestora. Graduada em Terapia Ocupacional pela UFPE (2000), Especialista em Saúde Coletiva (2003), Mestra em Saúde Pública (2008) e Doutora em Saúde Pública (2017) pela FIOCRUZ, a nova pró-reitora

observa que o desenvolvimento de políticas de permanência materna ainda é um desafio para as instituições de ensino.

Na UFPE, a constituição de um coletivo formado por estudantes que são mães, além de promover ajuda mútua, contribui para o planejamento das iniciativas de apoio por parte da PROAES. Este é um tema prioritário na agenda da atual gestão do reitor Alfredo Gomes e vice-reitor Moacyr Araújo. Estamos adotando este quesito em editais e projetos de extensão destinados à assistência estudantil, além de rever o alcance e limitações dos auxílios vigentes como o auxílio-creche. Estamos criando o auxílio pré-escolar e estudando auxílio para mães dos cursos noturnos, para mães atípicas ou de crianças com deficiência. E, em conjunto com a PROGEPE e o Sistema de Bibliotecas, estamos estudando ambientes destinados à lactação e amamentação, além de opções de contraturno que possam acolher crianças enquanto as mães estudam. Há muito por fazer, mas o importante é estar na agenda.

No primeiro semestre de 2024, realizamos a Primeira Edição do Concurso de Fotografia da PROAES, intitulado: “Resiliência e Empoderamento: A Jornada das Estudantes Mães na Universidade Pública”.



Figura 4: Divulgação do Concurso de Fotografia da PROAES

Fonte: Perfil do Instagram @proaesufpe (2024).

As fotografias precisavam retratar estudantes-mães gestantes ou com seu(s) filho(s) nascido(s), no contexto universitário. E o trabalho devia ser desenvolvido por duplas de mulheres, nas quais a estudante-mãe seria a modelo fotografada, com sua barriga grávida ou junto à(s) criança(s). A cerimônia de entrega da premiação foi realizada no Restaurante Universitário (RU) da UFPE, com a presença do reitor, professor Alfredo Gomes, da pró-reitora professora, Cinthia Kalyne, o gestor do RU, professor Ângelo Almeida e convidados. Foram escolhidas dez fotografias para a exposição no RU e a dupla vencedora foi contemplada com um prêmio no valor de mil reais, igualmente dividido. O objetivo do evento foi conhecer e aproximar as estudantes-mães, para melhorar seu senso de pertencimento e autoestima no ambiente acadêmico. Foi uma experiência muito enriquecedora, as fotos expostas deram visibilidade à presença das mães no corpo discente da UFPE, assim como ilustraram sensivelmente cenas cotidianas das estudantes-mães e suas crianças na UFPE.



Figura 5: Divulgação da foto vencedora do 1o lugar no Concurso de Fotografia da PROAES
Fonte: Perfil do Instagram @proaesufpe (2024).

Em meados de 2024, devido às paralisações das greves nas instituições de ensino superior federais, tivemos de reduzir o ritmo das ações. Mas, continuamos trabalhando para garantir uma educação participativa, democrática e equânime na UFPE.

Para finalizar, segue a fala da professora Cinthia Kalyne Alves sobre a criação do Núcleo de Equidade e Pertencimento da PROAES.

O senso de pertencimento, algo mais subjetivo, tem sido estudado como fator de engajamento estudantil às atividades acadêmicas, o que contribui para o sucesso acadêmico. Apesar de adotarmos o acolhimento universal como diretriz, ou seja, todos os estudantes acessam a PROAES, eles devem ser tratados com equidade, o que significa reconhecer as diferentes necessidades dos sujeitos individuais e coletivos. Tais necessidades não são apenas materiais, mas também simbólicas, além das acadêmicas. Lidar com essa dimensão mais sutil, e promover o senso de pertencimento na instituição é promover também a permanência. A política de cotas tornou a maioria um público que, historicamente, tinha pouco acesso ao ensino superior. Hoje, negros, estudantes oriundos de escola pública, PCD, indígenas e quilombolas, e estudantes de baixa renda já são a maioria. Apresentam dificuldades em se sentirem parte deste mundo acadêmico e nos desafia enquanto instituição responsável por operar o direito à educação pública gratuita de qualidade e socialmente referenciada. Ao interseccionarmos questões de gênero e condições como o de ser mãe/pai, reconhecemos que tais fatores somam-se em necessidades e devem ser priorizados. Estes novos estudantes e os coletivos organizados trazem uma nova pauta para a assistência estudantil em termos de permanência. E também para o ensino, pesquisa, extensão e formação docente. Esperamos que este Núcleo de Equidade e Pertencimento dialogue com as ações afirmativas e possa dar apoio aos coletivos identitários que já estão organizados. A Saúde Mental agradece. Ele é uma aposta de justiça social e formação cidadã, autônoma implicada com a transformação social. Uma UFPE antiracista, anticapacitista, antitransfóbica, antimisógina, antigordofóbica, antietarista, contribui para uma sociedade mais rica e plural (Alves, 2024, informação verbal).

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. Este capítulo foi previamente apresentado no evento Fazendo Gênero, 13, 2024, tendo sido publicado nos Anais do evento.

Referências

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *Políticas de apoio às mães na UFPE: por onde começar?*. Entrevistados: Alfredo Gomes e Camila Infanger. Entrevistadora: Maria Collier de Mendonça [S. l.[S. l.] : Rádio Paulo Freire UFPE, 10 mai. 2023. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://youtu.be/yQeVEI7NJeI?si=jlBBqiimuebxApfr>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MELO, Juliana Fernanda Carvalho de. Políticas de permanência para mães nas universidades: por onde começar? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 13., 2024, Florianópolis. *Anais eletrônicos [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2024. ISSN 2179-510X. Disponível em: <https://www.fg2024.eventos.dype.com.br/anais>. Acesso em: 8 abr. 2025.

PROJETO DE EXTENSÃO MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA @MMI.UFPE. *Instagram*: @mmi.ufpe. Disponível em: <https://www.instagram.com/mmi.ufpe/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ESTUDANTIS (PROAES UFPE). *Instagram*: @proaesufpe. Disponível em: <https://www.instagram.com/proaesufpe/>. Acesso em: 27 jun. 2024.

Mães universitárias: experiências e diálogos em circulação no Instagram¹

MARIA NINA SANTANA CARREIRO

MARIA COLLIER DE MENDONÇA

Introdução

Vivemos numa cultura permeada por valores consumistas e neoliberais, na qual a sobrevivência econômica depende da formação educacional e necessária inserção em um mercado de trabalho regido por valores competitivos e individualistas. Em virtude disso, conciliar a maternidade e a maternagem com os estudos e o trabalho remunerado torna-se um grande desafio para mulheres, que são estudantes universitárias. Consequentemente, relatos de sobrecarga, exaustão física e problemas de saúde mental são frequentes entre mães-estudantes universitárias brasileiras (Collier de Mendonça; Figueiredo, 2023; Della Barba, 2024).

A história dos movimentos feministas é estruturada por ondas, a partir de ênfases em momentos cronológicos e reivindicações específicas. Segundo Olívia Perez e Arlene Ricoldi, no Brasil, a quarta onda feminista teve início na década de 2010, caracterizando-se pela mobilização de coletivos feministas nas redes sociais digitais com pautas interseccionais, a princípio reunidas em páginas e comunidades no Facebook (Perez; Ri-

coldi, 2023). Conforme relata Juliana Márcia Santos Silva, neste cenário, os coletivos de mães universitárias expandiram-se durante a pandemia da Covid-19, em grupos de WhatsApp e perfis do Instagram (Silva, 2024).

No ambiente universitário, a construção de uma carreira, com um bom Currículo Lattes e reconhecimento profissional, exige uma longa preparação, muito tempo e dedicação para produção de trabalhos e publicações acadêmicas. Nesse contexto, vale ressaltar que as políticas de inclusão, permanência e progresso para mães, que são estudantes, pesquisadoras, servidoras técnicas ou docentes, são escassas. Além disso, as mães sofrem preconceitos por parte dos próprios colegas de trabalho ou de estudo; de forma que elas enfrentam várias dificuldades no cotidiano universitário (Collier de Mendonça *et al.*, 2024).

A pandemia da Covid-19 como um fator motivador de luta

Sem dúvidas, a pandemia da Covid-19 foi devastadora em diversas dimensões no cenário brasileiro, posto que desigualdades socioeconômicas, historicamente arraigadas ao nosso país, agravaram-se em função do atraso na vacinação da população, da postura negacionista frente à gravidade da pandemia, como também devido à falta de políticas de suporte à maternagem e ao trabalho de cuidado durante o governo Bolsonaro (Collier de Mendonça; Oliveira-Cruz, 2020). Fatores como o aumento do desemprego, a falta de redes de apoio e a transformação dos domicílios em locais de trabalho e estudo levaram as mães a quadros de esgotamento físico e mental, devido às sobrecargas de trabalho materno, doméstico e acadêmico (*ibid.*).

Inúmeros diagnósticos de depressão e de outros transtornos psíquicos foram registrados neste período de calamidade mundial, mas muitos deles permanecem afetando as mulheres até os dias de hoje (Della Barba, 2024). Apesar do contexto adverso, as redes sociais se transformaram em espaços de luta e compartilhamento de experiências. Segundo Silva (2024), a partir de 2020 vários coletivos e movimentos maternos foram criados

para debater as dificuldades de permanência materna nas universidades e iniciar lutas coletivas para reivindicar a criação de políticas públicas voltadas à inclusão, permanência e progresso das mães universitárias.

Os perfis de mães universitárias no Instagram

Muitos coletivos, movimentos e demais organizações de mães universitárias passaram a criar perfis na rede social Instagram desde a pandemia. Atualmente, segundo Silva (2024) há cerca de 40 perfis brasileiros de coletivos de mães universitárias ativos no Instagram, vinculados às universidades públicas de todo o país, que produzem diversos tipos de conteúdo digital. Com isso, a luta pelas políticas de inclusão, permanência e progresso maternos nas universidades tem alcançado mais visibilidade midiática e sensibilizando outros atores sociais como gestores públicos, políticos, ativistas e organizações não-governamentais.

Objetivos de pesquisa

Após apresentarmos uma breve contextualização da temática estudada em nosso projeto de iniciação científica, selecionamos cinco perfis de mães acadêmicas (incluindo coletivos, projetos de extensão, grupos de pesquisa) para compor o *corpus* de pesquisa, analisado neste capítulo.

A análise teve, portanto, dois objetivos específicos: primeiramente, analisar postagens selecionadas no *Feed* do Instagram dos perfis pesquisados para mapear assuntos e temas mais frequentes. Em seguida, destacar aprendizados sobre como os perfis estudados têm debatido as dificuldades maternas nas universidades e defendido as necessidades do desenvolvimento de políticas de inclusão, permanência e progresso das mães nas universidades, por meio do Instagram.

Procedimentos metodológicos

A metodologia de pesquisa envolveu uma revisão bibliográfica para contextualização do tema, seguida pela análise interpretativa das postagens feitas pelas mães universitárias.

O *corpus* de pesquisa foi composto por cinco perfis brasileiros de coletivos, projetos de extensão ou grupos de pesquisa de mães universitárias. Analisamos suas postagens veiculadas no *Feed* do Instagram de janeiro de 2022 a abril de 2025. Os critérios de seleção desses perfis incluíram números expressivos de seguidores, publicações próprias, visualizações, comentários e bons níveis de engajamento com suas audiências (curtidas, comentários ou compartilhamentos) nos últimos três anos. Além disso, com base no mapa dos coletivos de mães universitárias,² desenvolvido por Juliana Márcia Santos Silva (2024) ao longo de seu doutorado, selecionamos um perfil de cada região do Brasil para obter representatividade nacional.

Durante a análise, privilegiamos o conteúdo verbal das postagens para mapearmos os principais assuntos debatidos e interações promovidas nesta rede social. Também buscamos compreender de que modos os perfis selecionados têm pressionado os gestores universitários, além de outras instituições e organizações (educacionais, científicas, etc.) para que desenvolvam políticas de inclusão, permanência e progresso maternos nas universidades.

Apresentação e análise do *corpus* de pesquisa

O período de levantamento dos perfis e coleta de dados para análise foi de fevereiro a abril de 2025. Foram analisadas as postagens do *Feed* dos cinco perfis (figura 1) durante os últimos três anos, procurando entender os principais eixos temáticos e assuntos abordados nos perfis.



Coletivo MãEstudantes UFSC
@maestudantes.ufsc



Maternâncias Pluraris
@maesdaufba



Coletivo Mães Universitárias
Permanência
@maesuniversitarias.permanencia



GMATER UnB
@gmater.unb



Mães na Universidade - UFRJ
@projeto maesuniversidadeufrj

Figura 1: perfis analisados
Fonte: Instagram, compilação das autoras (2025)

Perfil Maternâncias Plurais: @maesdaufba

Iniciou suas postagens no Instagram em 14 de abril de 2023. A descrição da bio apresenta o perfil como “Coletivo pautado na maternagem, políticas de ingresso e permanência universitária”. A maioria das postagens do @maesdaufba consiste na divulgação dos encontros presenciais que as administradoras organizam. Além disso, também há postagens relativas às suas participações em eventos (como o 1o. Fórum Regional sobre a Realidade Materno-Parental Estudantil nas Instituições de Ensino Superior do Nordeste) e reivindicações dos direitos enquanto mães estudantes, servidoras ou docentes da Universidade Federal da Bahia. Em 4 de abril de 2025, o perfil apresentava 90 publicações e 825 seguidores.

Perfil GMATER UnB: @gmater.unb

Iniciou suas postagens no Instagram em 21 de maio de 2021. A descrição da bio apresenta o perfil como “Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Maternidades, Parentalidade e Sociedade Projeto de Extensão ‘Eu, mãe na UnB’”. A maioria das postagens do @gmater.unb está centrada nas atividades de estudos e pesquisa. Em segundo plano, também há postagens sobre o projeto de extensão “Eu, mãe na UnB”. No total de postagens, os títulos mais frequentes *Feed* são “GMATER CITA” (usado em postagens de divulgação de citações diretas a autoras dos estudos maternos); “GMATER INDICA” (usado em postagens relativas a indicação de artigos, livros e filmes sobre maternidade e maternagem); “GMATER NEWS” (usado em postagens para divulgação de notícias científicas e governamentais). Em 4 de abril de 2025, o perfil apresentava 202 publicações e 804 seguidores.

Perfil Coletivo MÃEstudantes UFSC: @maestudantes.ufsc

Iniciou suas postagens no Instagram em 17 de setembro de 2019. A descrição da bio apresenta o perfil como “Coletivo de mães estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina”. O perfil apresenta como principal foco o ativismo estudantil, por isso as postagens relatam articulações das participantes do coletivo com atores governamentais, mas também registros dos encontros das mães integrantes do coletivo, assim como a divulgação da participação do coletivo em eventos acadêmicos. Em 4 de abril de 2025, o perfil apresentava 119 publicações e 1.869 seguidores.

Perfil Coletivo Mães Universitárias pela Permanência: @maesuniversitarias.permanencia

Iniciou suas postagens no Instagram em 18 de novembro de 2022. A descrição da bio apresenta o perfil como “Somos mães na luta pelo ingresso e pela permanência nas universidades”. O primeiro post do perfil já apresenta seus principais objetivos e indica espaços que a Universidade

Federal do Pará deverá dar mais atenção, destacando a Creche Universitária e a Brinquedoteca. As postagens compartilhadas no perfil são, em grande parte, registros de atos organizados pelas estudantes da UFPA para reivindicar seus direitos, incluindo a produção de cartazes e abaixo-assinados produzidos nessas atividades. O coletivo também compartilha postagens sobre a organização de eventos na universidade, nos quais elas organizam feirinhas, brechós e atividades de recreação infantil. Em 4 de abril de 2025, o perfil apresentava 98 publicações e 898 seguidores.

Perfil Mães na Universidade UFRJ: @projeto maes na universidadeufrj

Iniciou suas postagens no Instagram em 24 de março de 2021. A descrição da bio apresenta o perfil como “Projeto de Extensão da UFRJ - Mães na Universidade: acesso, permanência e progresso de mães”. A maioria das postagens do @projeto maes na universidadeufrj estão centradas nas atividades de estudos e pesquisa, por ser um projeto de extensão, assim como a divulgação das participações que o projeto faz em eventos acadêmicos. Há também, o compartilhamento da ação anual que o projeto promove em parceria com o Coletivo Mães da UFRJ, o “OcupaMãe!”, que desenvolve encontros temáticos para estimular as trocas de experiências maternas, promover um espaço de escuta e diálogo entre elas. Em 4 de abril de 2025, o perfil apresentava 258 publicações e 1.962 seguidores.

Análise dos perfis no Instagram

A partir da análise dos perfis coletados, observamos que quatro dos cinco perfis foram criados durante ou após a pandemia. Este marcador temporal nos indica o quanto as mães universitárias se sentiram sobrecarregadas e isoladas socialmente no período pandêmico. O que, por um lado, gerou impactos na saúde mental que permanecem até hoje, mas, por outro, estimulou que elas se articulassem informalmente via grupos de WhatsApp, Facebook e perfis do Instagram a partir daquela época. Dessa maneira, os coletivos passaram a funcionar como redes de apoio

virtuais, abordando postagens sobre diversos temas, dentre eles a solidão e a saúde mental maternas, por exemplo.

É necessário pontuar que as desigualdades socioeconômicas, presentes nas cinco regiões do Brasil, foram observadas em alguns aspectos da análise do nosso *corpus* de pesquisa. Ao mapear os coletivos brasileiros de mães universitárias, Silva (2024) destacou que haviam mais perfis de coletivos maternos ativos nas regiões Sul e Sudeste do país, as quais destacamos que são mais ricas e mais populosas do que o Norte e o Nordeste, por exemplo. Logo, coletivos do Sul e Sudeste se articularam pioneiramente e encaminharam reivindicações para os gestores de suas universidades e já conseguiram o atendimento de parte delas, como ocorreu nas Universidades Federais de Santa Catarina, do Rio de Janeiro ou do Rio Grande do Sul. Em contrapartida, na região Norte, encontramos apenas o perfil de um coletivo materno no Pará. E, no Nordeste, o coletivo mais articulado que encontramos foi o da Universidade Federal da Bahia.

Considerações finais

Os desafios enfrentados pelas mães universitárias revelam desigualdades de gênero nas trajetórias acadêmicas, mas também reafirmam a urgência de repensarmos as estruturas institucionais e culturais que historicamente inviabilizam a maternagem no ambiente acadêmico. A conciliação entre as demandas da vida acadêmica e os cuidados com as filhas e filhos ainda recai, desproporcionalmente, sobre as mulheres, impactando diretamente sua permanência, produtividade e ascensão nas carreiras universitárias.

Nesse cenário, o ciberativismo materno tem se mostrado importantíssimo para sensibilizar a comunidade acadêmica e reivindicar mudanças concretas. Mães acadêmicas têm se articulado por meio de coletivos e redes sociais digitais para compartilhar vivências, criar alianças e reivindicar políticas de inclusão e permanência que atendam às suas necessidades. A força dessas conexões também se manifesta na ocupação

de espaços institucionais, na formulação de propostas e no diálogo com representantes do poder público e da gestão universitária.

O engajamento coletivo, tanto no *campus* quanto nas redes sociais, reforça a legitimidade das pautas maternas e evidencia que a construção de uma universidade mais justa e inclusiva depende do reconhecimento da maternidade e maternagem como temas políticos, que atravessam várias interseccionalidades. Por esse motivo, é fundamental que as instituições de ensino superior, os órgãos governamentais e a sociedade civil se envolvam na transformação dessa realidade, o que exigirá mudanças infraestruturais e culturais para se garantir igualdade de oportunidades para pessoas que maternam, ao longo de sua formação universitária e atuação na carreira acadêmica.

Agradecimentos

A primeira autora deste capítulo agradece à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Pernambuco (ProExt UFPE), pela bolsa PIBEXT que lhe foi concedida com recursos do Edital PIBExt nº 03/2024.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. Este capítulo foi previamente apresentado no GT Cultura e Mídias com previsão de publicação nos anais eletrônicos do evento on-line do 21º Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult), promovido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Resulta de estudos desenvolvidos pela estudante voluntária PIBIC Maria Nina Carreiro, sob orientação de Maria Collier de Mendonça no projeto de pesquisa “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação”.
2. Disponível em: <https://nucleoniem.wixsite.com/niem/mapadecoletivos>. Acesso em: 4 abr. 2025.

Referências

CARREIRO, Maria Nina Santana; COLLIER DE MENDONÇA, Maria. título. In: ENECULT, XXI, 2025, Salvador. [Anais eletrônicos...]. Salvador: UFBA, 2025. Disponível em: <https://cult.ufba.br/enecult>. Acesso em: 04 abr. 2026.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ, Milena. The Challenges of Being a Mother and an Academic Researcher during the COVID-19 Pandemic in Brazil. *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://jarm.journals.yorku.ca/index.php/jarm/article/view/40621>. Acesso em: 4 abr. 2025.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; FIGUEIREDO, Carolina Dantas de, *et al.*. *Relatório de aprendizados: inclusão, permanência e progresso das mães na UFPE*. Recife, 8 de mar. 2023. Disponível em: <https://tr.ee/iOjrnFpCJG>. Acesso em: 28 mar. 2025.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. Lugar de Mãe é na Universidade: o Papel da Comunicação para Dar Visibilidade aos Problemas Maternos nas Vivências Acadêmicas. In: *Anais do Congresso Internacional em Comunicação e Consumo - VOL.1 2023*, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos..., Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/comunicon-2023/trabalhos/lugar-de-mae-e-na-universidade-o-papel-da-comunicacao-para-dar-visibilidade-aos?lang=pt-br> Acesso em: 04 Abr. 2026.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria *et al.* Rodas de conversas na ação extensionista do Maternagem, Mídia e Infância: ampliando o diálogo sobre permanência materna na UFPE . In: XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, INTERCOM NE, 24, 2024, Natal. [Anais eletrônicos...]. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2024/listaJornada.php> Acesso em: 28 mar. 2025.

DELLA BARBA, Mariana. *Mariana, seus filhos atrapalham: a exaustão e o sofrimento psíquico-social das mães no imaginário coletivo brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2024.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. e83260, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n383260>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SANTOS, Juliana Márcia Santos. *A partir do momento que eu vi que não estava sozinha que eu consegui avançar*: Coletivos de mães universitárias do Estado do Rio de Janeiro sob as narrativas de suas fundadoras. Tese (Doutorado em Serviço Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2024.

Influenciadores digitais mirins: do brincar ao empreender

RAPHAELLA ALMEIDA COSTA

Em 2023, Flavinha Louise foi considerada a melhor influenciadora do Brasil na categoria infantil pelo júri popular no prêmio iBest,¹ prêmio anual oferecido aos melhores criadores de conteúdo, profissionais e empresas do mercado digital. Flávia Louise é uma criança de aproximadamente quatro anos e já conta com milhões de seguidores e visualizações.² Esse é um exemplo do novo panorama social no qual os influenciadores digitais mirins apresentam o “brincar” como produto, um tema que se mostra complexo e que pede um olhar cuidadoso, pois levanta questionamentos que tratam de infância, saúde infantil, ética e outros assuntos relevantes para a sociedade e a comunidade acadêmica.

O quarto episódio da quarta temporada do programa promovido pelo projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância, veiculado na Rádio Universitária Paulo Freire, teve como convidadas a pós-doutoranda da Universidade Federal do Ceará (UFC), doutora e mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brenda Guedes, e a mestra em Comunicação pela UFPE, Nirvana Lima, ambas integrantes

do Grupo de Pesquisa Publicidade Híbrida e Narrativas de Consumo (GP PHiNC) e da Rede de Pesquisa em Comunicação, Infância e Adolescências (Recria), para falar sobre o cenário atual em que crianças são tidas como influenciadoras digitais, como também para mostrar resultados dos últimos estudos sobre a temática.

Estavam na condução do programa a estudante de psicologia da UFPE, Maria Luíza França, e o estudante de graduação em Ciências Sociais, Ikaro Reis, ambos bolsistas de iniciação acadêmica do Programa BIA/FACEPE.

Iniciando o debate, foi indagado a Nirvana sobre o fenômeno dos influenciadores digitais mirins, mais precisamente sobre “o que diferencia, por exemplo, um influenciador digital mirim de uma celebridade?”. Ela esclarece que há uma diferença clara, conforme abaixo destacado:

Se ancora na transformação da visibilidade que essas crianças e adolescentes têm no digital, em uma carreira remunerada ou em uma fonte de renda propriamente dita. Então, ambos, tanto celebridades da internet quanto influenciadores-mirins, são sujeitos midiáticos. Porém, os que possuem uma forte exposição, buscam fortalecer a sua reputação positiva nas redes, mas os influenciadores-mirins, eles trabalham em torno dessa fonte de capital econômico digital (Lima, 2023, informação verbal).

Ao refletir sobre a situação e adentrar em tais questões, visualizam-se intrigantes cenários, como o fato do cotidiano infantil (brincadeiras, ambiente familiar) estar sendo produto de comercialização e consumo. Piaget (1978, apud Oliveira, 2021) menciona que “a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança e coloca o jogo e o brincar como atividades indispensáveis na busca do conhecimento do indivíduo”. Partindo dessa relação na qual a criança experimenta com a atividade lúdica em um regime de visibilidade (em se tratando da internet), há o questionamento sobre a existência da separação efetiva entre o que é brincadeira e o que é trabalho para os influenciadores mirins. A esse respeito, Brenda menciona:

A separação e a distinção entre o que é brincadeira e o que é trabalho para essas figuras, que são os influenciadores digitais infantis, passa muito pela dificuldade de entender o direito à participação das crianças e o direito à proteção do qual as crianças também gozam. (...) Então, o trabalho artístico infantil, por exemplo, é um trabalho que só pode acontecer em regras de exceção (Brenda Guedes).

Logo, a dinâmica entre intimidade, exposição, brincadeira e trabalho infantil, gera certa confusão. Por isso, perguntamos como identificar ou pontuar as exceções em uma sociedade extremamente midiática, tecnológica e consumista? Brenda explanou:

Deveria haver regras e modos de funcionamento e desenvolvimento dessas plataformas, desde o seu design, desde o seu processo de desenvolvimento, que pensassem a circulação de crianças nesses contextos de formas seguras, sem que a sua proteção tivesse ficado em risco” (Guedes, 2023, informação verbal).

Entretanto, na prática, isso é difícil. De acordo com Brenda, a atividade de trabalho infantil condiciona uma autorização judicial, com a participação obrigatória do Ministério Público (art. 406 da Consolidação das Leis do Trabalho- CLT).³ Como a maioria dos conteúdos desses influenciadores mirins são gerados na esfera doméstica, buscar o judiciário para emitir um alvará para a geração deste tipo de conteúdo torna-se impraticável.

Outra dificuldade que Brenda trouxe foi a inexistência da condição propícia para a fiscalização dos órgãos responsáveis e por familiares, pois na maioria dos casos, os pais são os maiores interessados pela monetização do conteúdo dessas crianças. Além disso, é preciso levar em consideração que as expressões das crianças, a forma de viver delas e de se relacionar com o mundo, partem daquilo que seus pais e familiares orientam. E aí está o detalhe:

Quando nós falamos de influenciadores digitais mirins, dentro desse contexto de mídia, a gente precisa levar em conta que toda essa produção de conteúdo passa também por critérios e organizações de pessoas

adultas. (...) Os adultos, eles estão por trás dessa produção toda para as redes sociais, e essas crianças são as protagonistas. No caso, são produtores de conteúdo com esses adultos, mas elas não necessariamente estão colocando a postos a sua agência, uma vez que esse conteúdo não é propriamente perpassado sobre o que a criança quer colocar na internet. Ela perpassa uma visão do adulto que, inclusive, pode tomar a liberdade de criar uma persona midiática para essas crianças no ambiente digital (Lima, 2023, informação verbal).

Essa exposição e gestão das vidas das crianças pelos seus pais nas mídias digitais é conhecida como *sharenting*. Essa palavra, como explicado pelo Instituto Alana, é a junção dos termos *share* (compartilhar) e *parenting* (parentalidade), e significa a criação e compartilhamento de conteúdo nas mídias digitais por mães, pais ou cuidadores a partir do comportamento ou imagens de seus filhos, de maneira habitual e excessiva.⁴ Eberlim (2017), traz outra situação que também está relacionada a esse fenômeno:

A ideia de *sharenting*, também, abarca as situações em que os pais fazem a gestão da vida digital de seus filhos na internet, criando perfis em nome das crianças em redes sociais e postando, constantemente, informações sobre sua rotina. É o caso da mãe que, ainda grávida, cria uma conta em uma rede social para o bebê que irá nascer (Eberlim, 2017, p. 258).

Nirvana Lima pontuou que, na sua pesquisa de mestrado, pôde observar que o *sharenting*, na prática, apresenta-se de três formas, sendo elas:

1) Influenciadores por Herança: Este termo, idealizado pela pesquisadora Danielle Rodrigues em 2019, trata dos influenciadores-mirins que, por serem filhos de influenciadores digitais ou de artistas, já têm grande visibilidade midiática, como, por exemplo acontece com os filhos da influenciadora Virginia Fonseca, que já nasceram famosos.

2) Apadrinhamento Midiático: nomenclatura desenvolvida por Nirvana Lima. É quando um influenciador já estabelecido no mercado intervém e patrocina um influenciador mirim. Um exemplo dado pela entrevis-

tada foi o da criança Adrielle Mendes, apadrinhada pelo influenciador Carlinhos Maia.

3) Fomento de conteúdo materno: Segundo Nirvana, é quando o conteúdo de influenciadores-mirins alavanca o conteúdo materno. Como exemplo foi citada a criança Alice Secco, que após a popularização dos seus vídeos, conseguiu alavancar o conteúdo produzido por sua genitora, Morgana Secco. Embora Morgana já produzisse conteúdo antes, este não era necessariamente ligado às suas filhas, ainda que as incluísse. Ao assumir a vinculação com as crianças, Alice e a sua irmãzinha, Júlia, tornaram-se produtoras de conteúdo juntamente com a mãe.

Mediante o exposto, percebe-se que os desafios e dificuldades inerentes ao tema são enormes. E incluem desde como isso impacta nas identidades das crianças e na sua identificação como sujeitos perante a si mesmas e à sociedade, como também no caráter normativo (jurídico). Isso porque é dever das famílias, da sociedade e do Estado assegurar às crianças e aos adolescentes a garantia dos seus direitos constitucionais, além de colocá-los a salvo de todas as formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.⁵

O programa finalizou reiterando a importância de se tratar dessa temática. A equipe e entrevistadas também enfatizaram que a academia e a sociedade devem dialogar amplamente, seja no campo da comunicação ou de qualquer outro que atravesse os estudos relacionados à infância e mídia, pois a questão detém uma complexidade que a torna multidisciplinar.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. <https://app.premioibest.com/resultados/2023/infantil>

2. <https://www.tiktok.com/@flavinh Louise>

3. Art. 406 - O Juiz de Menores poderá autorizar ao menor o trabalho a que se referem as letras “a” e “b” do § 3º do art. 405 I - desde que a representação tenha fim educativo ou a peça de que participe não possa ser prejudicial à sua formação moral; II - desde que se certifique ser a ocupação do menor indispensável à própria subsistência ou à de seus pais, avós ou irmãos e não advir nenhum prejuízo à sua formação moral.

4. <https://alana.org.br/glossario/sharenting/>

5. Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010)

Referências

ALANA. Notícia. *Sharenting*. Disponível em: <https://alana.org.br/glossario/sharenting/>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

ANDRADE, Marcelo. *Crianças youtubers: formadores de opinião para além da publicidade*. Artigo apresentado no 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0719202211212962d6bde924c26.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

BRASIL. *Consolidação das Leis do Trabalho*. Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 15 de maio de 2024.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 15 de maio de 2024.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; COVALESKI, Rogério Luiz; LOPES, Rodrigo Phelipe; GUEDES, Brenda; CARVALHO, Marília Félix de; SANTOS, Viviane Maria dos. Maternagem, Mídia e Infância: principais desafios e aprendizados do projeto @mmi. ufpe. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p.140-149, jul. - dez., 2022. Disponível em: <https://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/12082>. Acesso em: 23 maio 2024.

EBERLIN, Fernando Büscher von Teschenhausen. *Sharenting, liberdade de expressão e privacidade de crianças no ambiente digital: o papel dos provedores de aplicação no cenário jurídico brasileiro*. Revista Brasileira de Políticas Públicas, v. 7, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.publicacoes.uniceub.br/RBPP/article/view/4821/0>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

IBEST. *Premiação 2023*. Disponível em: <https://app.premioibest.com/resultados/2023/infantil>. Acesso em: 19 de maio de 2024.

LEMES, Tainá. *Sharenting Comercial: Exposição Da Imagem Infantil Nas Redes Sociais Como Fonte De Renda Familiar E Os Abusos Cometidos No Âmbito Dessa Exposição*. Artigo apresentado na conclusão do curso de Graduação em Direito do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH) da rede Ânima de Educação. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/26008>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

LOUISE, Flávia. *Perfil na rede social TikTok: @flavinhalouise*. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@flavinhalouise>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *Influenciadores Digitais Mirins: Do Brincar ao Empreender*. Entrevistadas: Brenda Guedes e Nirvana Lima. Entrevistadores: Íkaro Reis e Maria Luíza França [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 13 dez. 2023. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/a9L5V-cZC1I?si=H9FSgMsbizh38U8L>. Acesso em: 23 ago. 2024.

OLIVEIRA, Denise Neumann. *Uso de jogos e brincadeiras para o desenvolvimento e aprendizagem*. 2021. Disponível em: [https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/746/USODEJ~1.PDF?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=Piaget%20\(1978\)%20diz%20que%20%E2%80%9C,\(Piaget%201896%2D1980\)](https://repositorio.uninter.com/bitstream/handle/1/746/USODEJ~1.PDF?sequence=1&isAllowed=y#:~:text=Piaget%20(1978)%20diz%20que%20%E2%80%9C,(Piaget%201896%2D1980)). Acesso em: 15 de maio de 2024.

Maternagem, trabalho de cuidado e a redação do ENEM

IKARO JOSÉ FELIX DOS REIS

Tendo como o seu foco principal a redação do Exame Nacional do Ensino Médio, que em 2023 trouxe o tema “Os desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”, o primeiro episódio da quarta temporada do programa de rádio do MMI teve como objetivo discutir a extrapolação do cuidado, enquanto tema, para a sociedade civil em geral.

Foram convidadas para o debate, Milena Freire de Oliveira-Cruz, que é professora do PPGCOM e da especialização em Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e embaixadora do movimento *Parent in Science*, Camila Infanger, que é integrante do *Parent in Science* e doutoranda em Ciência Política na Universidade de São Paulo (USP) e Maria Collier de Mendonça, que é coordenadora do MMI, professora do PPGCOM e DCOM UFPE. Para intermediar a conversa, participaram os extensionistas do projeto Maternagem, Mídia e Infância e estudantes de graduação em Ciências Sociais Ângela Simões e Ikaro

Reis, tendo sido Ângela bolsista via Pró-reitoria de Extensão e Cultura e Ikaro, bolsista de iniciação acadêmica do Programa BIA/ FACEPE.

Nos questionamentos levantados sobre a importância e particularidades do tema do trabalho doméstico, chegou-se a um entendimento a respeito da necessidade da ampliação da discussão, que também aborda as nuances, barreiras e inúmeros desafios que as mulheres enfrentam na construção de uma carreira acadêmica, tendo que conciliar as demandas da universidade com as demandas do trabalho doméstico. Recorrentemente, o trabalho de cuidado realizado pelas mulheres é invisibilizado, além de sofrer desvalorização no sentido de não ser reconhecido como um trabalho e sim como um dever feminino.

A redação do ENEM foi uma excelente oportunidade para dar visibilidade e trazer à tona uma discussão que normalmente não é posta, porque esse trabalho de cuidado, ele não é sequer reconhecido como trabalho, sabe? Eu acho que muitos e muitas estudantes e também muitas pessoas tiveram a oportunidade de pensar sobre isso pela primeira vez (Freire, 2023, informação verbal).

Essa carga de trabalho adicional direcionado à administração familiar, acaba por fazer com que as mulheres tenham que distribuir o seu tempo entre a vida pessoal e atividades domésticas. Voltando o olhar para mulheres na construção de uma carreira acadêmica, o tempo é algo percebido de uma forma muito diferente. Isso porque muitas mulheres além de lidar com as demandas da universidade precisam equilibrar o seu tempo com os trabalhos domésticos ou com atribuições de cuidados que podem envolver pessoas idosas, com deficiência ou os cuidados maternos, que em boa parte das ocasiões são feitos sem nenhuma rede de apoio. Sendo assim, as mulheres cientistas acabam enfrentando uma jornada contínua de trabalho e, conseqüentemente, a produção acadêmica acaba sendo reduzida em termos de volume em relação à dos homens, o que pode ser entendido como uma forma de desigualdade de gênero na academia. Essa assimetria pode desmotivar e criar um mecanismo de periferização de mulheres no ambiente acadêmico. É importante analisar o tema por

diferentes óticas. Durante a conversa, evidenciou-se a necessidade de se observar as políticas públicas que possibilitem que os homens realizem o trabalho de cuidado, dentre elas a licença paternidade, e assim alterar a configuração cultural que desassocia os homens das responsabilidades de cuidados com os próprios filhos.

Então, quando a gente fala que uma mulher, ela produz menos, que ela participa de menos eventos políticos na universidade, ela está em menos grupos. Provavelmente ela dedica mais horas em outros aspectos do trabalho reprodutivo dela, que são mais pertinentes a essa esfera doméstica e não do trabalho produtivo, que é o que acontece fora de casa (Infanger, 2023, informação verbal).

A maternidade e a maternagem são vistas como algo essencialmente feminino, individual, privado e sem a variável política, que é super importante. Porque a partir do momento que cuidar de alguém é função feminina e função materna, a gente desvaloriza esse trabalho porque ele não é pago e a gente vive no mundo capitalista (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

Em uma observação das configurações culturais que visam desassociar os homens do papel de cuidadores e responsáveis pela administração doméstica, a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios* conforme citado por Nery e Britto (2023), as mulheres brasileiras dedicam mais de 21 horas semanais às atividades de trabalho doméstico e cuidado das crianças ou idosos. Já os homens dedicam cerca de 12 horas semanais para essas atividades. Essa diferença é maior ainda se compararmos mulheres pretas com homens brancos, assim como pessoas mais e menos instruídas. Também é possível observar que os homens da região Sul dedicam mais horas aos trabalhos domésticos e de cuidado do que os homens nordestinos. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios fazem pensar nas influências culturais e históricas que rodeiam os papéis socialmente estabelecidos de mulheres e homens, mais especificamente na região Nordeste do Brasil. Dentre as observações feitas, é importante enxergar a construção da estrutura familiar no nordeste com a herança do período colonial e das casas de engenho, em que o homem é posto

com uma figura quase que inerte em relação aos trabalhos de cuidado, organização e administração doméstica.

Esse trabalho, por sua vez é comumente delegado às trabalhadoras domésticas, o que influencia os dados de participação ou não participação dos homens nas atividades no lar, mascarando a inatividade masculina no ambiente doméstico e também moldando as dinâmicas das relações trabalhistas, que são diferentes ao se analisar as particularidades da região Sul e da região Nordeste. No programa a convidada Milena Freire fala sobre essa distinção.

Como a presença maior das trabalhadoras domésticas, que ficam inclusive nos fins de semana, que ocupam esses espaços. Então sempre é delegando quando não, então é uma segunda mulher, então, isso que aparece no IBGE como um dado, que demonstra esses homens participando mais (Freire, 2023, informação verbal).

Nós temos no Nordeste uma relação assim quase como uma herança do engenho, de alguém que permanece nas casas e que é servil aquela família, que quase que deve assim. E aqui no Sul, desde que vim morar eu percebo uma relação que é trabalhista de maneira muito clara, que passa pelas horas de trabalho, pelo descanso remunerado (Freire, 2023, informação verbal).

Ao aprofundar este debate, somos levados a analisar a pesquisa *Esgotadas* publicada em 2023 pelo laboratório Think Olga, em que o tema da sobrecarga feminina foi abordado com amplitude, reunindo dados quantitativos e opiniões de especialistas de várias áreas. As conclusões do estudo confirmaram a importância do desenvolvimento de políticas públicas para se cuidar de quem cuida. É pertinente questionar a importância dessas políticas nas vidas das mães que são estudantes nas universidades públicas federais brasileiras. Inúmeros papéis sociais são atribuídos à mulher, um deles é o papel de cuidadora, no qual é preciso lidar com as incontáveis demandas do trabalho com o cuidado. Esta atribuição, em particular, ocasiona uma desigualdade entre as mulheres estudantes e pesquisadoras e os homens que são estudantes e pesquisadores. Ao longo do período acadêmico é bastante recorrente fazer pausas

na carreira, seja para licença maternidade ou trancamento do curso para conseguir equilibrar a carreira acadêmica com as atividades domésticas quando se é mulher.

Então, como a nossa graduação e esse início da pós graduação, como o início da carreira científica, é importante entender que quando a gente chega lá no topo, e aí a gente tem gráficos que mostram, a gente demora mais, e eu me refiro às mulheres, nós demoramos mais anos do que os homens. Em média de três a cinco anos no mesmo patamar de carreira, é importante entender por que isso acontece, porque a gente tem pausas no meio da nossa carreira (Infanger, 2023, informação verbal).

No decorrer dos diálogos do programa, entende-se que as mulheres estudantes e mães cientistas conseguem ter o acesso à universidade, o que por si só já é algo muito difícil, mas outro problema se torna ainda maior, que é a permanência das mesmas neste ambiente. A falta de políticas públicas que sejam eficientes e voltadas para permanência dessas mulheres no meio acadêmico é evidenciada. Isso acaba, de uma certa forma, mudando o perfil socioeconômico das universidades e dos estudantes, agravando um problema já existente que é a exclusão das camadas mais vulneráveis da sociedade do espaço acadêmico. Essa falta de eficiência das políticas públicas, inexistência de uma rede apoio para mães estudantes e a atribuição do papel de alguém que “nasceu” para cuidar do outro, terminam por produzir uma sobrecarga e exaustão que pode ser tanto física quanto mental. Nesse sentido se torna cada vez mais importante observar e fazer uma escuta ativa sobre as demandas das estudantes.

Porque a gente sabe que 64% das mulheres que trancam a matrícula na graduação é por conta da maternidade. Então tem dificuldade de levar a graduação. Como elas vão seguir para a pós-graduação? E, de repente, uma carreira científica? (Infanger, 2023, informação verbal).

O fato é que a sobrecarga vem acompanhada de um sentimento de se estar soterrada em meio a demandas da universidade e do trabalho doméstico realizado pelas mulheres. A problemática se agrava nas ca-

madras socioeconomicamente mais vulneráveis da sociedade brasileira, gerando sentimentos de ineficiência que não podem ser contabilizados nas planilhas ou postos em números. Mas o sentimento existe diante dessa realidade de estar sendo constantemente invisibilizada, desvalorizada e sem receber reconhecimento ideal. Na realidade da região Nordeste e das mulheres estudantes de graduação na Universidade Federal de Pernambuco, fica entendido e exposto o sofrimento das mães de graduação, evidenciando a inexistência de uma cultura do acolhimento por parte da instituição de ensino e também a sensação de não pertencimento no ambiente universitário, justamente pela falta de políticas institucionais que busquem atender e entender as diversas realidades e dificuldades com que essas estudantes se deparam diariamente.

Aqui no Nordeste, que é a região mais pobre do Brasil, algumas meninas jovens, parte delas que geralmente vêm do interior, engravidam, são mães solo, ou são mães negras, racializadas e o que acontece é que elas não têm rede de apoio nenhuma na cidade grande (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

Elas se sentem invisíveis, elas se sentem não acolhidas pela instituição, elas sentem que não pertencem, como se a universidade não fosse um lugar para mães (Collier de Mendonça, 2023, informação verbal).

A sobrecarga feminina pode ser investigada observando os fatores socioeconômicos, culturais, raciais e regionais, que ocasionam a invisibilização do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres no Brasil. No contexto deste episódio, levamos esse diálogo para a especificidade da pandemia da Covid-19. Analisando os relatos e experiências das entrevistadas, a sensação é de que estamos vivendo um processo de “estresse pós-traumático”, como afirmou Camila Infanger, tendo servido a pandemia para ampliar a discussão de temas como o proposto pela redação do Exame Nacional do Ensino Médio.

Diversos contextos familiares foram alterados, o que ressaltou o sofrimento das mulheres mães para conciliar as demandas profissionais e as atividades domésticas durante esse período. Outro ponto importante,

trazido pelas convidadas, é o do agravamento das desigualdades que já existiam antes do cenário pandêmico em diversos contextos e realidades sociais.

As mulheres negras sendo mães ou não, e as mulheres brancas, que eram mães, elas nem conseguiam considerar fazer qualquer tipo de atividade não reprodutiva (Infanger, 2023, informação verbal).

A gente viu que no Rio de Janeiro aconteceram mortes de funcionárias domésticas, que ninguém cuidava delas (Infanger, 2023, informação verbal).

Essa abdicação do trabalho remunerado ou do trabalho acadêmico em prol dos cuidados domésticos é comumente imposta às mulheres, tendo em vista que o cuidado ainda é pecebido como parte das atribuições femininas. Durante a pandemia da Covid-19 essas mulheres se viram sem as suas redes de apoio, seja por terem que ficar isoladas ou pela sua rede de apoio ser composta por pessoas e parentes que se enquadraram nos grupos de riscos e assim não podiam fornecer ajuda. Isso criou um sentimento de solidão e insegurança e a sensação de que ninguém está cuidando das pessoas que cuidam.

Assim, a redação do ENEM trouxe uma temática muito importante para ser analisada sob diversas óticas. Se considerarmos os relatos das estudantes, pesquisadoras e servidoras que são mães na Universidade Federal de Pernambuco, o sentimento de abandono é recorrente. As realidades discutidas são as mais diversas e não existe um espaço de acolhimento para essas mulheres, de modo que, mais do que a criação de políticas institucionais de apoio, é sempre muito importante fazer o trabalho de escuta ativa das demandas dos mais diversos grupos de estudantes. As discussões levantadas pela redação do ENEM muitas vezes levam toda a sociedade a fazer questionamentos pela primeira vez sobre uma determinada temática.

O trabalho de cuidado ainda é imposto de maneira predominante às mulheres, o que confirma sua desvalorização na sociedade capitalista,

por se tratar de um trabalho não remunerado. No meio acadêmico, os trabalhos domésticos e de maternagem acabam interferindo na produção acadêmica das mulheres. Desse modo, as mulheres cientistas necessitam manejar múltiplas tarefas e jornadas. Inúmeras lições são aprendidas com esse debate, porém, o aprendizado-chave deste episódio foi a possibilidade de enxergarmos a educação como um investimento verdadeiramente eficaz de transformação social. Junto à educação, é importante existirem políticas públicas efetivas de inclusão, permanência e progresso de mães nas universidades, o que durante o programa se evidenciou como aspectos essenciais, a partir das falas das entrevistadas, para a valorização das mães e mulheres nas universidades do país.

Agradecimentos

O autor deste capítulo agradece à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco e à Pró-reitoria de Extensão da UFPE (PROEXT UFPE) pela bolsa BIA/ FACEPE e ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UFPE pela bolsa PIBIC Propesqi-Af que lhes foram concedidas.

Referências

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *Maternagem, Trabalho de Cuidado e a Redação do ENEM*. Entrevistadas: Camila Infanger, Maria Collier de Mendonça, Milena Freire de Oliveira-Cruz. Entrevistadores: Ângela Simões, Ikaro Reis. [S. l.]: 22 nov 2023. Programa de rádio e podcast. Disponível em: https://www.youtube.com/live/_V6Z0jp-Ebk?si=jUHuhNmnKNCV4DBk. Acesso em: 02 maio 2024.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinícius. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. *Agência de Notícias*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>>. Acesso em: 02 maio 2024.

THINK OLGA. *Esgotadas*. Disponível em: <<https://lab.thinkolga.com/esgotadas/>>. Acesso em: 02 maio 2024.

Homens maternam?

JOÃO VICTOR FERNANDES SANTANA DE OLIVEIRA

MARIA LUIZA DE MEDEIROS PEREIRA DA SILVA

MARIA NINA SANTANA CARREIRO

No atual cenário em que vivemos, não há como negar que a sociedade é marcada por uma cultura patriarcal, na qual o trabalho de cuidado e os afazeres domésticos são atividades protagonizadas por mulheres, apesar dos esforços para quebrar esses estereótipos. Dessa forma, quando um homem é visto exercendo tais funções, o espanto costuma ser a primeira reação das pessoas. O quinto episódio da segunda temporada do programa “Maternagem, Mídia e Infância”, veiculado na Rádio Paulo Freire no dia 26 de outubro de 2022, trouxe um debate de extrema importância, que é o ato de maternar, realizado pela figura masculina.

O diálogo foi conduzido pelos extensionistas Gisele Ramos e Rodrigo Lopes, além da coordenadora do projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância (MMI), Maria Collier de Mendonça. Foram convidados Jorge Lyra, professor do departamento de Psicologia Social da UFPE, cofundador do Instituto PAPAI, projeto social desenvolvido pelo Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (GEMA), e líder do grupo de pesquisa GEMA UFPE/CNPq; a assistente social e cofundadora do grupo de apoio à adoção ACOLHER, Beatriz Amado Sette e Brenda

Guedes, pós-doutoranda em Comunicação na Universidade Federal do Ceará (UFC), doutora em Comunicação pelo PPGCOM UFPE e cofundadora da Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências (RECRIA).

Inicialmente, foi levantada a pauta de gênero e o preconceito enraizado como um reflexo para a sociedade atual, quando se trata da masculinidade frágil, principalmente quando há demonstração de sentimentos pelos homens (como o choro), além da pressão para que determinados comportamentos sejam normalizados. Nesse momento, Jorge Lyra foi questionado sobre como as ações do Instituto PAPAI trazem a ressignificação do que é ser pai. Com isso, o professor destacou que

Esse é o foco principal do nosso trabalho. E ao trabalhar com pais adolescentes, a gente foi cada vez mais questionando não só a discussão de paternidade, mas também a masculinidade. Partindo com o embasamento da discussão de gênero feminista, não é necessariamente a ideia dos homens maternando, e sim a partir da ideia dos homens em cuidado, abrindo a discussão para os homens cis e transgêneros (Lyra, 2022, informação verbal).

A partir das palavras de Lyra, é possível perceber a importância das ações promovidas pelo Instituto. Elas se mostram imprescindíveis para que haja a ruptura dos estereótipos criados pela sociedade. Ao encorajar a ideia dos homens em cuidado, é colocada em questão o exercício de atividades que costumam ser impostas às figuras femininas. Faz-se necessário então, dentro do modelo de sociedade machista, algumas mudanças neste padrão, e, consequentemente, nos conceitos que definem o que é a masculinidade nos dias atuais. Isso abre espaço para discussões que corroboram com a ideia de que é imprescindível normalizar a expressão sentimental masculina e romper o ideário do “sexo frágil”, que ainda hoje é perpetuado para reforçar a ideia de submissão das mulheres no imaginário social.

O tema da adoção e a trajetória percorrida pelas famílias adotivas também foi debatido com os convidados deste episódio. Segundo dados

do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM), mais de 50 mil crianças foram registradas por casais homoafetivos no Brasil nos últimos três anos, revelando o crescimento exponencial do interesse em assumir legalmente uma criança que necessita de acolhimento. Além disso, a busca realizada por homens solteiros também vem aumentando, um movimento interessante e pouco comentado nos dias de hoje.

Nesse contexto, a assistente social Beatriz Amado Sette ressaltou que ainda existe muito preconceito social quando se trata da adoção no Brasil, por isso, é preciso combater manifestações racistas, homofóbicas e xenofóbicas que tanto crianças quanto pais adotivos continuam sofrendo no país. Em seguida, Beatriz salientou a importância do afeto e da sensibilidade nas práticas de maternagem para além do vínculo biológico. Nas palavras da assistente social: “A maternagem dos homens nada deve, em termos de qualidade, à maternagem das mulheres” (Sette, 2022, informação verbal). Segundo a entrevistada, não há impedimentos reais para que os homens possam realizá-la. Sendo assim, a troca de experiências é indispensável quando há o desejo de desmistificar os preconceitos arraigados, e incentivar a prática de adoção (*ibid.*).

As representações da paternidade na mídia, especialmente na publicidade, desempenham um papel crucial na forma como os papéis familiares são percebidos e reinterpretados ao longo do tempo. Isso foi trazido à tona pela pesquisadora Brenda Guedes ao dar o exemplo de uma campanha publicitária dos anos 80 da pomada Gelol, na qual a figura paterna é mostrada em uma situação de lazer e cuidado ao acompanhar o filho em um campeonato de futebol. O slogan da campanha, “Não basta ser pai, tem que participar”, se tornou um bordão culturalmente relevante, refletindo o desejo da sociedade de ver uma paternidade mais ativa e envolvida. Assim, a campanha da pomada Gelol rompeu com a imagem de figura paterna que prevalecia no imaginário coletivo, segundo Lyra, como uma imagem que até então estava fortemente associada à ausência ou negligência.

Naquele momento, o surgimento de uma campanha que promovia a ideia de um pai presente e engajado, como o da Gelol, representava um contraponto importante. A publicidade, então, desempenhou o papel de modelar uma nova imagem de masculinidade, desafiando o estereótipo do “pai ausente” e apresentando o ideal de um pai que participa ativamente da vida dos filhos. Essa mudança, como Lyra observou, foi significativa especialmente para homens que, em meio à construção de suas próprias masculinidades, se questionavam sobre seu papel no processo reprodutivo, no cuidado com os filhos e nas relações afetivas.

No entanto, o contraste com a realidade é algo evidente. Enquanto a publicidade tenta vender a imagem idealizada de uma família feliz, frequentemente exemplificada nos famosos comerciais de margarina, a vida cotidiana raramente reflete essa perfeição. Lyra mencionou que a vida real não é como o cenário utópico das propagandas, onde a figura paterna é sempre presente, e tudo ocorre de maneira harmônica e feliz. A publicidade, ao retratar essas situações idealizadas, pode obscurecer a complexidade das dinâmicas familiares, ao mesmo tempo em que reforça expectativas muitas vezes inalcançáveis.

Por outro lado, ao trazer à tona discussões sobre a paternidade responsável e ativa, a publicidade contribui para uma mudança gradual de percepção. A campanha do Gelol, ao se distanciar do modelo de pai ausente, ajudou a criar um novo espaço para a reflexão sobre o papel do homem na família e no cuidado com os filhos. No entanto, ainda há muito a ser feito para que essa nova representação de paternidade seja amplamente incorporada na cultura, tanto no que diz respeito à mídia quanto na prática cotidiana.

Em suma, as representações da paternidade na mídia refletem tanto os valores idealizados quanto às tensões sociais em torno do papel dos pais. Embora a publicidade tenha o poder de moldar comportamentos e influenciar mentalidades, como demonstrado pela campanha da Gelol, ela também enfrenta o desafio de lidar com as complexidades da vida real. A construção de uma paternidade que seja mais inclusiva, partici-

pativa e presente continua sendo um processo em desenvolvimento, que demanda um olhar crítico sobre as mensagens e os valores que circulam nas mídias atuais.

Mais adiante no episódio, Rodrigo Lopes abordou a questão dos marcadores sociais presentes nos brinquedos infantis que reproduzem os papéis de gênero aceitos socialmente já na infância. Lopes citou resultados da pesquisa realizada na sua monografia de conclusão de curso de graduação, na qual mostrou que as embalagens de brinquedos direcionados para as meninas reforçam o território doméstico e materno, enquanto para os meninos se incentiva a exploração do mundo livre, por meio de atividades mais radicais. Nesse momento da conversa, Rodrigo perguntou ao professor Jorge Lyra sobre como podemos incentivar a desconstrução desses papéis de gênero tão permeados por valores patriarcais, que influenciam tão fortemente às infâncias.

Em seguida, Lyra respondeu, posicionando brinquedos e brincadeiras infantis como atores importantes no processo de aprendizagem e socialização. De tal forma que, a falta do incentivo para que meninos brinquem de bonecas e ludicamente se coloquem no lugar de pai que cuida de uma criança, como muitas vezes se espera que as meninas ajam, é um dos responsáveis pela ausência paterna quando se trata de questões relacionadas ao cuidado e aos afazeres domésticos. O professor destacou a importância durante a formação das crianças, do uso de dinâmicas que remetam ao ato de cuidar de si mesmo ou do outro, e do quanto se deve desestimular o uso de brinquedos que remetam à violência, especialmente quando estão relacionados a armas. Este último pode ser considerado um passo fundamental na luta pelo desarmamento.

É possível perceber a necessidade de um movimento que envolva toda a sociedade, no que diz respeito à criação de uma próxima geração de pais que queiram e assumam a posição de provedores de cuidados, sendo indispensável a dissociação de exclusividade entre os afazeres domésticos e de manutenção familiar às figuras femininas, principalmente porque hoje em dia as diferentes configurações familiares não se enquadram mais

em uma visão binarista e biológica dos gêneros. A partir das discussões abordadas, conclui-se a importância que as representações midiáticas também incorporem essas famílias que não se enquadram no padrão, promovendo uma maior diversidade e auxiliando em um movimento de mudança social.

Agradecimentos

Os autores deste capítulo agradecem à Pró-reitoria de Extensão da UFPE às bolsas Pibext concedidas às alunas Maria Luiza de Medeiros e Maria Nina Carreiro e ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UFPE pela bolsa PIBIC Propesqi-Af concedida ao aluno João Victor Fernandes.

Referências

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, p. 809–840, set. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>. Acesso em: 25 set. 2024

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DE FAMÍLIA (IBDFAM). *Mais de 50 mil crianças foram registradas por casais homoafetivos no Brasil nos últimos três anos*. 01 mar. 2024.. Disponível em: <<https://ibdfam.org.br/noticias/11607/>>. Acesso em: 29 set. 2024.

MATERNAGEM, MÍDIA E INFÂNCIA: *Homens maternam?* Entrevistados: Beatriz Amado Sette, Brenda Guedes e Jorge Lyra. Entrevistadores: Gisele Ramos, Maria Collier de Mendonça, Rodrigo Lopes. [S. l.] : Rádio Paulo Freire UFPE, 26 out. 2022. Programa de rádio e podcast. Disponível em: https://www.youtube.com/live/2JP5KFxqLy8?si=FLW0Jt1E0r_t9dmw. Acesso em: 19 set. 2024.

Rodas de conversas na ação extensionista do Maternagem, Mídia e Infância: ampliando o diálogo sobre permanência materna na UFPE¹

MARIA COLLIER DE MENDONÇA

CAROLINA DANTAS DE FIGUEIREDO

MARÍLIA FELIX DE CARVALHO

IKARO JOSÉ FELIX DOS REIS

ALINE ENATALLY DE MELO MENEZES

GISELE MARIA DA SILVA RAMOS

Introdução

O projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância teve início em 2021 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e ficou conhecido nas redes sociais como MMI UFPE. Ao longo do tempo, nossas ações têm ampliado debate sobre maternidade, maternagem e infância nas mídias para além dos muros da universidade, também promovemos continuamente discussões sobre a temática da inclusão, permanência e progresso das mães nas universidades. O público-alvo é formado por estudantes, docentes e servidores da UFPE e outras instituições; mães, pais, educadores, ONGs e órgãos governamentais (Collier de Mendonça *et al.*, 2022).

Nossas primeiras atividades foram debates (*lives*) veiculados no canal do YouTube de Extensão e Cultura da UFPE. Em seguida, passamos a apresentar o programa de rádio Maternagem, Mídia e Infância na Rádio Universitária Paulo Freire, emissora escola da UFPE, também disponibilizado nas plataformas de *streaming* no formato de *podcasts*, enquanto

vivenciávamos a pandemia da Covid-19. Nessa época, criamos perfis do projeto no Instagram e Facebook.

Com o retorno à presencialidade, realizamos a primeira reunião com mães estudantes, professoras e pesquisadoras da UFPE em dezembro de 2022, no miniauditório do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM UFPE). Nessa reunião, escutamos como as participantes se sentiam no ambiente universitário, percebido por elas como um lugar hostil, nada acolhedor, nem inclusivo para mães e crianças (Collier de Mendonça; Figueiredo, 2023).

Seus relatos nos sensibilizaram de tal forma que resolvemos montar a exposição “Lugar de Mãe é na Universidade” e inaugurá-la estrategicamente no dia internacional da mulher, 8 de março de 2023, no Centro de Artes e Comunicação da UFPE, com a presença do reitor, vice-reitor, vários servidores da gestão universitária, docentes e estudantes. Exibimos cartazes com relatos das mães e dados secundários evidenciando dificuldades, desafios e aspectos positivos experienciados por mães na UFPE, mas também compondo um amplo panorama sobre a maternidade na universidade. Para atrair a atenção da comunidade universitária, apresentamos trabalhos artísticos, criados por estudantes-mães e coletivos de mães-artistas. A exposição foi um convite, estético e simbólico, para darmos visibilidade e ampliarmos o debate sobre os problemas maternos e a necessidade de criação de políticas de apoio às mães na UFPE (Collier de Mendonça; Figueiredo, 2023).

Sabemos que a maternagem e as tarefas domésticas afetam o desempenho acadêmico e a saúde mental das mães e, conseqüentemente, reduzem o acesso à igualdade de oportunidades para as mulheres em geral. Neste sentido, a falta de vagas nas creches é um problema sério, pois aumenta dificuldades de conciliação dos estudos com a maternagem e o trabalho remunerado; resultando em exaustão e desestimulando as mães brasileiras a continuarem estudando (Vieira; Souza; Rocha, 2019).

Os resultados da PNAD Contínua² (2023) indicam que os principais motivos das mulheres de 14 a 19 anos terem abandonado os estudos,

em 2023, foram a necessidade de trabalhar (para 25,5% delas), a gravidez (para 23,1%) e o trabalho doméstico ou o cuidado de pessoas (para 9,5%). Conforme o IBGE, existem 11 milhões de mães solo no Brasil: sendo que 12% delas são universitárias e um quarto desses 12% são estudantes negras (Nunes, 2023).

Frente a tantas carências, desigualdades e invisibilidades, o objetivo deste texto é relatar aprendizados e desdobramentos decorrentes das cinco rodas de conversas, organizadas pela equipe do projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância em julho de 2023 na comunidade acadêmica da UFPE.

Fundamentação teórica, objetivos e metodologia

O referencial teórico-metodológico que embasa o projeto Maternagem, Mídia e Infância reúne uma bibliografia interdisciplinar dos estudos maternos e dos estudos sobre mídia e infância (ver Collier de Mendonça *et al.*, 2022). As cinco rodas de conversa ocorreram de 24 a 31 de julho de 2024, on-line no Google Meet, sendo quatro delas com participantes do campus Recife e uma delas com mulheres do campus Caruaru-PE. As reuniões foram mediadas pelas professoras Maria Collier e Carolina Figueiredo. E as metodologias que inspiraram as conversas foram as Rodas Maternas e a Pedagogia Matricêntrica (em tradução livre) de Andrea O'Reilly (2013).

O'Reilly (2013) argumenta que a Pedagogia Matricêntrica incentiva as mães a se ouvirem e a compartilharem suas experiências umas com as outras nas Rodas Maternas, para compreenderem, criticarem, questionarem e desafiar a maternidade patriarcal, bem como estruturas de poder e desigualdades mais amplas que enfrentam cotidianamente. O suporte coletivo é essencial para construírem um ambiente encorajador, se apoiarem e valorizarem diferentes experiências, sentimentos e ideias sem julgamentos; promovendo conexões, aprendizados e até desabafos coletivos (*ibid.*).

Para lidarmos com a invisibilidade das mães nas universidades, escolhemos essa metodologia. Por outro lado, a oportunidade de criarmos um novo espaço para escuta solidária foi uma experiência emocionante. Os encontros foram gravados e transcritos com permissão das participantes para que pudéssemos relatar os aprendizados e, assim, compartilhamos o conhecimento coletivamente construído com a comunidade e gestão acadêmica.

Principais aprendizados

Conversamos com mulheres de diferentes centros, áreas, etapas da vida e carreira acadêmica: graduandas, pós-graduandas, docentes e servidoras técnicas. Elas compartilham sentimentos e dificuldades comuns mesmo pertencendo a distintas formações familiares e realidades socioeconômicas. A sobrecarga de tarefas domésticas, maternas, remuneradas e acadêmicas destacou-se desde o começo: “É muito desafiador ser mãe e estudante, a vontade de desistir vem todos os dias” (Estudante de graduação); “Invisibilidade, cansaço mental e físico” (Servidora técnica).

Aprendemos que elas necessitam de apoios distintos (psicológicos, financeiros, infraestruturais e científicos). Muitas participantes sentem-se desamparadas no campus, reclamam da falta de vagas nas creches e da necessidade de apoio institucional. Assim, as sensações de inadequação, desconforto, falta de empatia e pertencimento ao ambiente universitário são frequentes entre elas: “O professor não compreende a mãe que não tem rede de apoio... A universidade é um espaço que não foi feito para você” (Mestranda).

Estudantes de graduação relataram mais fragilidades de saúde mental, dificuldades econômicas e necessidades de assistência geral. Mães que estudam à noite demonstraram maior propensão ao trancamento e à evasão universitária. Mães-solo, de baixa renda, que estudam no Recife, vieram do interior do estado, moram em bairros ou municípios mais

distantes do campus, verbalizaram ainda mais dificuldades quanto às redes de apoio.

Sugestões de soluções

Levantamos sugestões, a partir de reivindicações que estão sendo discutidas e/ou implementadas em várias universidades brasileiras. Também agrupamos os problemas apontados pelas mães da UFPE em dois grandes grupos: o primeiro concentrado em soluções relacionadas a recursos humanos e decisões institucionais; e o segundo, em soluções que dependem de recursos financeiros.

No primeiro grupo, sugerimos as seguintes ações:

1. Grupos de escuta qualificada para tratar da saúde mental e outras questões maternas;
2. Elaboração de diretrizes de conduta (portarias, normativas, boletins informativos) para professores, orientadores, coordenadores de cursos e diretores de centro lidarem melhor com as demandas das estudantes-mães;
3. Extensão de prazos para entregas de trabalhos em casos de adoecimento infantil;
4. Simplificação de linguagem nas portarias, editais e comunicação das políticas de apoio às mães
5. Licença-maternidade para estudantes de graduação;
6. Reconhecimento institucional e diálogo contínuo com o Coletivo Maternidades da UFPE;
7. Apoio a projetos de pesquisa e extensão que promovam a transformação cultural, para engajar os homens no trabalho de cuidado e maternagem;
8. Comunicação efetiva do direito à licença-maternidade para mães bolsistas da pós-graduação e da prorrogação de prazos das defesas para pós-graduandas não-bolsistas;

9. Acolhimento das pós-graduandas e das docentes que engravidam para que retornem às pesquisas, considerando a necessidade incentivo aos seus potenciais científicos;

10. Aplicação de fatores de correção para garantir a inclusão das mães em editais científicos: extensão de prazos e ajustes para corrigir assimetrias na queda de produtividade após o parto, que dura, em média, de quatro a cinco anos.

No segundo grupo, sugerimos as seguintes ações:

1. Levantamento quantitativo para saber quantas são as mães universitárias, servidoras e docentes na UFPE e quais são suas necessidades;

2. Levantamento de dados sobre trancamento de matrículas e evasão estudantil devido à gravidez e à maternidade na UFPE;

3. Construção de infraestruturas de suporte à maternagem na universidade: fraldários, banheiros familiares, salas para amamentação e ordenha de leite materno em todos os centros.

4. Aumento significativo de vagas nas creches municipais mais próximas da universidade;

5. Acesso das crianças ao restaurante universitário e à moradia estudantil;

6. Criação de espaços para as crianças no campus,

7. Auxílios financeiros para mães em vulnerabilidade socioeconômica;

8. Criação de editais e bolsas para financiar pesquisas - desde a iniciação científica - para estudantes e pesquisadoras que são mães.

Encaminhamentos e considerações finais

Consideramos necessária uma transformação social na cultura institucional, aliada ao desenvolvimento e implementação das políticas de apoio para as mães na UFPE. Para tanto, desde 2023, temos participado de reuniões com a equipe de gestão da UFPE para ampliarmos o diálogo e estimularmos a elaboração de políticas de permanência para mães na

UFPE. Podemos concluir afirmando que o Projeto Maternagem, Mídia e Infância tem contribuído para o avanço das discussões sobre a temática escolhida dentro e fora da UFPE. Mas estamos cientes de que temos uma longa jornada de extensão e pesquisa pela frente, para seguirmos colaborando para a transformação das universidades em lugares mais acolhedores e inclusivos para as mães.

Agradecimentos

Às mães participantes das rodas de conversa. A todos integrantes, colaboradores e extensionistas, atuais ou egressos do Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância. À equipe da Rádio Paulo Freire. À Brenda Guedes e Rogério Covalski do GP PHINC PPGCOM UFPE/ CNPq. Ao DCOM e PPGCOM UFPE. À Camila Infanger do Parent in Science. Ikaro Reis agradece às bolsas recebidas do Programa BIA/ FACEPE e depois da Propesqi PIBIC-Af. Marília Felix agradece à bolsa de iniciação à criação cultural da Pró-reitoria de Cultura da UFPE.

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. Este capítulo foi previamente apresentado no XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, INTERCOM NE 2024 e publicado nos anais eletrônicos do evento. Resulta da análise das ações de rodas de conversa realizadas pelo MMI até então.

2. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Referências

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; FIGUEIREDO, Carolina Dantas de *et al.* Lugar de Mãe é na Universidade: o Papel da Comunicação para Dar Visibilidade aos Problemas Maternos nas Vivências Acadêmicas. In: *Anais do Congresso Internacional Comunicação e Consumo* 2023, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023.

Disponível em: <<https://proceedings.science/comunicon-2023/trabalhos/lugar-de-mae-e-na-universidade-o-papel-da-comunicacao-para-dar-visibilidade-aos?lang=pt-br>>
Acesso em: 22 Mar. 2024.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria; COVALESKI, Rogério Luiz; LOPES, Rodrigo Phelipe; GUEDES, Brenda; CARVALHO, Marília Félix de; SANTOS, Viviane Maria dos. Maternagem, Mídia e Infância: principais desafios e aprendizados do projeto @mmi. ufpe. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p.140-149, jul. - dez., 2022. Disponível em: <https://seer.unirio.br/raizesrumos/article/view/12082>. Acesso em: 23 maio 2024.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria *et al.* *Rodas de conversas na ação extensionista do Maternagem, Mídia e Infância*: ampliando o diálogo sobre permanência materna na UFPE. In: XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, INTERCOM NE, 24, 2024, Natal. [*Anais eletrônicos*]. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2024/listaJornada.php> Acesso: 20 jul. 2024.

NUNES, C. A luta de mães-solo para se manter nas universidades brasileiras

Segundo o IBGE, maternar, estudar e trabalhar é um desafio para mais de um milhão de mulheres no Brasil, que às vezes precisam escolher entre o cuidado com os filhos e os estudos *Terra*. 28 mar. 2023. Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/a-luta-de-maes-solo-para-se-manter-nas-universidades-brasileiras,b06f58320525d685edf7e84f4ba4de180xhv7czdc.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 22 mar. 2024.

O'REILLY, Andrea. "It Saved My Life": The National Association of Mothers' Centres, Matricentric Pedagogy and Maternal Empowerment. *Journal of the Motherhood Initiative for Research and Community Involvement*, 2013.

VIEIRA, A. C.; SOUZA, P. B. M. de; ROCHA, D. S. da P. Vivências da maternidade durante a graduação: uma revisão sistemática. *Revista Cocar*, [S. l.], v. 13, n. 25, p. 532-552, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2172>. Acesso em: 22 mar. 2024.

Maternagem, Mídia e Infância: um panorama da quinta temporada na Rádio Paulo Freire¹

JÚLIA MONTEIRO CARDOUZO

A quinta temporada do programa de rádio e podcast produzido pelo projeto de extensão Maternagem, Mídia e Infância (@mmi.ufpe) contou com seis episódios pautados em temas atuais e atrelados à relação das crianças com a tecnologia, discussões e relatos de experiências de mães na universidade e reflexões a respeito das representações das personagens maternas no cinema brasileiro contemporâneo.

No primeiro episódio da temporada, *Infâncias nas plataformas digitais*, recebemos Rodrigo Lopes para conversar com a professora Carolina Dantas (PPGCOM UFPE) e os extensionistas João Victor Fernandes e Ikaro Reis. Rodrigo é professor infanto-juvenil, pesquisador de mídia e infância, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE, integrante da Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências e membro do grupo de pesquisa PHINC UFPE/CNPq. Questionado sobre como enxerga a participação das crianças nas redes sociais, ele levantou aspectos fundamentais sobre privacidade e segurança digital, especialmente no contexto da plataformização da infância.

O crescente envolvimento de crianças e adolescentes nesses ambientes exige medidas que fortaleçam espaços digitais seguros, garantindo a proteção de seus direitos. Nesse contexto, Lopes mencionou que o Projeto de Lei 2628/2022² surgiu como uma proposta relevante para regulamentar o uso de plataformas digitais pelo público infantil, estabelecendo diretrizes que visam minimizar riscos e assegurar um ambiente online mais responsável ao responsabilizar as grandes plataformas. Além disso, o pesquisador destacou o papel essencial que a educação midiática pode desempenhar na proteção das crianças e adolescentes, capacitando-os a compreender e enfrentar os desafios do mundo digital de forma crítica e segura.

Mariana Della Barba, jornalista e mestra em Psicologia Social na PU-C-SP, foi a convidada do segundo episódio da temporada, intitulado *Burnout materno*. Nina Carreiro e Ikaro Reis apresentaram o programa que debateu o sofrimento psíquico-social das mães e os modos como a imprensa aborda o chamado *burnout* materno em um diálogo que contou com a participação das professoras Maria Collier de Mendonça (PPG-COM UFPE) e Ana Paula Campos Lima (DCOM UFPE).

A conversa partiu de dados preocupantes, como os levantados pela consultoria Think Olga em 2023, que indicam que 7 a cada 10 diagnósticos de depressão são de mulheres, sendo que quase metade das entrevistadas relatou viver com estresse, fadiga, irritabilidade e tristeza, muitas vezes relacionados às relações familiares. Mariana analisou como a sobrecarga mental e a pressão pela perfeição materna, impostas pela sociedade, contribuem para o cansaço extremo das mães. Além disso, refletiu sobre o papel da imprensa na disseminação de discursos que orientam o auto diagnóstico e tratamento do *burnout* materno, sem considerar os diversos marcadores sociais que afetam as mulheres no Brasil e no mundo. O episódio ressaltou a importância de continuarmos debatendo o tema, já que a concentração do trabalho de maternagem nas mulheres aumenta a exaustão materna, evidenciada em situações

cotidianas que vão desde a divisão desigual das tarefas domésticas até a pressão para equilibrar carreira e maternidade sem falhas.

O MMI, enquanto projeto de extensão da UFPE, foi criado com o objetivo de levar o conhecimento e os debates gerados na universidade para um público mais amplo. O terceiro episódio da temporada, *Mães na universidade: ontem, hoje e amanhã*, abordou uma das principais causas de luta do grupo: as dificuldades enfrentadas pelas mães universitárias, as mudanças já implementadas e as perspectivas para um futuro mais inclusivo. Participaram da conversa as professoras do DCOM e PPGCOM UFPE, Maria Collier e Carolina Dantas, a pró-reitora da PROAES (Pró-Reitoria para Assuntos Estudantis), Cinthia Kalyne Alves, que também é terapeuta ocupacional especializada em assuntos estudantis na UFPE, e a professora Kássia de Oliveira, docente de anatomia humana na UFPE, fisioterapeuta, doutora em Neurociência e coordenadora do projeto de extensão Amamentar (PROAMA), que oferece suporte à amamentação em diversos locais. O episódio também contou com os depoimentos de Raquel Gomes e Mayara da Silva, mães e graduandas da UFPE.

Durante o programa, discutimos as iniciativas voltadas para a inclusão e permanência de mães na UFPE, abordando as atividades da PROAES e do projeto de extensão PROAMA, que oferecem suporte essencial para estudantes com filhos. O MMI tem promovido, nos últimos quatro anos, debates sobre como a maternagem afeta o desempenho acadêmico e a saúde mental de estudantes, professoras e servidoras. Para entender melhor essas dificuldades, ouvimos o depoimento oral de uma mãe, estudante de terapia ocupacional, que compartilhou sua experiência no campus Recife.

Muitas vezes a gente enfrenta mais olhares de julgamento do que senso de coletividade, e pouca compreensão em relação às nossas necessidades específicas, como por exemplo, lidar com a imprevisibilidade que é cuidar de uma criança. Um filho pode adoecer a qualquer momento e exige que a gente falte ou adeque nossas atividades, no entanto, nem sempre a gente encontra essa flexibilidade por parte da instituição. Isso cria barreiras que nos desmotivam e dificultam ainda mais nossa permanência na universidade. Por isso é importante ressaltar que quando

a gente é ouvida e acolhida, a gente consegue desempenhar esses papéis com mais tranquilidade e contribui ainda mais para o ambiente acadêmico (Silva, informação verbal, 2024).

Mayara sugeriu a ampliação do diálogo entre a gestão da universidade com as estudantes mães e a implementação de políticas de suporte, assim como a adequação da infraestrutura do campus, como a implementação de salas de amamentação, banheiros familiares e trocadores de fraldas, além da necessidade de uma transformação na cultura institucional. Muitas mães ainda enfrentam dificuldades para acessar informações sobre os auxílios disponíveis, e Raquel, estudante de serviço social, relatou os desafios que encontrou nesse processo.

Um dos desafios mais evidentes para permanecer na UFPE é a ausência de recursos para que eu me mantenha nesse espaço, eu vivo perrengues fora de cogitação para a maioria das pessoas que convivem comigo [...]. Na minha vivência, o café da manhã do restaurante universitário ajudaria bastante, só que além de ser um absurdo de caro, ele é para um grupo seletivo de alunos. Como se só eles tivessem fome. Nós temos creche, nos temos auxílio também, mas as vagas das creches são limitadas e o auxílio creche é só para bolsistas do PROAES. O MMI chegou pra mim nesse momento que eu estava me sentindo encurralada, [...] pelo fórum materno estudantil, eu percebi que tem sim uma movimentação materna muito grande, muito presente na universidade (Gomes, informação verbal, 2024).

No entanto, mudanças importantes estão acontecendo na UFPE, incluindo a criação do Grupo de Trabalho sobre Parentalidade (GT Parentalidade) comentada por Cinthia, que terá o objetivo de elaborar um plano institucional para apoiar estudantes na maternagem e paternagem, reduzir a evasão e melhorar o desempenho acadêmico. Além disso, destacou os auxílios já oferecidos pela PROAES e explicou como as estudantes podem se informar e acessar esses benefícios.

Uma outra perspectiva a respeito da relação entre crianças e tecnologia foi abordada no programa de número quatro, *Crianças, uso de telas e celulares*, que contou com a volta da participação de Rodrigo Lopes

para conversar com os extensionistas Ikaro Reis e Luiza Medeiros e a professora Carolina Dantas. A conversa sobre o uso de telas e celulares, contou também com a participação das pesquisadoras Débora Santos e Brenda Guedes, que complementaram o debate com depoimentos de seus trabalhos.

Foram discutidos os impactos do tempo que as crianças passam em frente às telas, considerando tanto os possíveis riscos da exposição infantil nos ambientes digitais quanto os benefícios e oportunidades de aprendizado que essas plataformas oferecem. A literacia midiática foi apontada como uma ferramenta essencial para garantir que as crianças possam desfrutar da internet de forma segura. Para aprofundar o debate, ouvimos Débora Santos, mãe, doutora em Comunicação pela UFPE e integrante do grupo de pesquisa PHINC UFPE/ CNPq e da Rede Recria, que explicou como os pais podem monitorar o uso das mídias digitais por seus filhos. Também destacamos a importância de um guia com orientações e recomendações que envolvam toda a sociedade na proteção das crianças nesses ambientes.

Brenda Guedes, mãe, pós-doutoranda na Universidade Federal do Ceará (UFC), doutora em Comunicação pela UFPE, integrante do grupo PHINC e cofundadora da Rede Recria, reforçou a necessidade de políticas públicas eficazes para lidar com esse tema. Nesse sentido, Brenda destacou a ampla participação social na iniciativa anunciada pelo Governo Federal Brasileiro, referente ao lançamento do guia *Crianças, adolescentes e telas: guia sobre o uso de dispositivos digitais e telas* (Brasil, 2024). A elaboração do Guia contou com uma consulta pública organizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), na qual 602 contribuições foram registradas na plataforma Participe Mais Brasil. Além disso, o Governo brasileiro também instituiu um grupo de trabalho (GT) composto por especialistas de diversas áreas para elaborar diretrizes mais seguras para orientar o uso das mídias digitais pelas crianças e adolescentes. No entanto, mesmo com essas iniciativas tão importantes, ainda prevalece a percepção geral de que a sociedade

brasileira não está plenamente consciente da gravidade dos riscos presentes nos meios digitais quando utilizados sem controle por crianças e adolescentes, o que reforça a urgência de ações educativas e medidas regulatórias mais efetivas.

No quinto episódio dessa temporada, o programa Maternagem, Mídia e Infância debateu *Personagens maternas no cinema brasileiro*. As apresentadoras, e extensionistas do @mmi.ufpe, Luiza Medeiros e Nina Carreiro convidaram as pesquisadoras Nina Velasco e Clarissa Azevedo, do PPG-COM UFPE, para conversar sobre como são retratadas essas mulheres.

Enquanto expressão artística, o cinema possibilita que as experiências de grupos minorizados socialmente sejam visibilizadas para um público mais amplo. Por isso, é fundamental que essas representações sejam feitas de maneira respeitosa, evitando reforçar estereótipos e contribuindo para uma maior diversidade narrativa. Um dos exemplos mais recentes do cinema nacional é o filme *Ainda Estou Aqui*, que traz como protagonista Eunice Paiva. A professora Nina Velasco mencionou a construção dessa personagem e como sua trajetória, ao longo da narrativa, reflete aspectos importantes das representações femininas no audiovisual brasileiro.

Uma mãe que está representada de uma forma muito fidedigna, apesar de ela ter um aspecto meio heroína, um pouco idealizado dessa mulher forte, que não pode falhar e vai ter que segurar tudo. Mas, a gente também percebe um aspecto, que no livro do Marcelo Rubens Paiva é ainda mais importante, que é uma certa distância que ela cria com os próprios afetos para poder lidar com aquela situação difícil. Então ela não se permite chorar na frente dos filhos nem quando tem uma notícia realmente muito impactante, que faria qualquer um desmoronar. [...] Por outro lado, ela é uma figura que eu acho que é retratada de uma forma bem realista. Essa mulher de classe média-alta, que tem um certo conforto, que tem uma empregada doméstica, e que dá conta de criar esses cinco filhos, mas não exatamente sozinha. E quando essa notícia chega ela tem que reconfigurar toda a vida dela. Isso mostra que as mulheres não estão presas em apenas um papel. Ela se redescobre, ela vai fazer uma formação, se torna advogada, se torna dona da própria vida e ela deixa esse lugar também, que é um lugar tradicional da mãe que não trabalha, que fica em casa, que tá sempre bonita pro ma-

rido e que abre mão da carreira para cuidar dos filhos (Velasco, 2024, informação verbal).

Outro exemplo marcante quando falamos sobre personagens mães no cinema brasileiro é Val, do filme *Que Horas Ela Volta?* Nina analisou como essa personagem carrega diversos marcadores sociais que vão além da maternidade, abordando também questões de classe, raça e trabalho doméstico. Além disso, exploramos a forma como cineastas pernambucanos tratam a maternidade em suas obras. Clarissa Azevedo destacou a abordagem de Kleber Mendonça Filho, cujos filmes frequentemente trazem experiências maternas como eixos centrais, construindo personagens complexas e multifacetadas.

Clarissa começou explicando os termos maternidade como instituição e maternidade como experiência, de Adrienne Rich (2021). A “maternidade-instituição” é definida pelo patriarcado e por sistemas de poder e que afetam a forma como se vive e como escrevemos nossos roteiros de vida. A “maternidade experiência” é criar das próprias metodologias enquanto mãe, maternar de uma maneira completamente autoral. Em seguida ela exemplificou como esses conceitos aparecem na obra de Mendonça Filho

Bia, uma das mães protagonistas do filme [*Som ao redor*], é sempre apresentada a partir de grades, ela mal sai de casa e todas as vezes são para resolver questões maternas ou da própria casa. A grande crise que ela tem é com o cachorro do vizinho, pois sendo a pessoa que está mais dentro de casa, ela se incomoda muito com os latidos do cachorro, mas só ela percebe. Mostra como ela vive aprisionada nessa maternidade tecida por regras externas à própria pessoa que está encarnando a maternidade. Em contraponto a essa personagem, em *Aquarius*, Clara é chamada por todos de louca por não querer sair do apartamento onde mora, enquanto tem uma imobiliária querendo comprar esse apartamento, para derrubar o prédio e construir outro maior. Dessa forma, ela acaba encarnando a “maternidade experiência” porque não aceita que ditem o roteiro de vida dela. Em uma cena que eu acho belíssima, os filhos estão conversando com ela justamente sobre a venda do apartamento em um almoço em família, a filha tem uma espécie de revolta com a mãe e reclama porque a mãe passou dois anos longe trabalhando

e quem cuidou dos filhos foi o pai. Um outro filho pega o livro que ela escreveu nesse período e mostra a dedicatória aos filhos “pelas horas de lazer roubadas”. Foi difícil para ela sair de casa para ter uma carreira profissional, sofreu com a distância dos filhos, mas ao mesmo tempo ela não podia abdicar da própria vida e da própria existência para ser só mãe (Azevedo, 2024, informação verbal).

O trabalho do diretor Gabriel Mascaro no filme *Boi Neon* foi analisado, com destaque para o retrato uma cena de sexo casual envolvendo uma mulher grávida. Essa representação dialoga com temas relacionados às identidades maternas, erotismo e os tabus em torno da sexualidade feminina. A conversa reforçou a importância de ampliar e diversificar as formas como a maternidade é retratada no cinema, evitando reduzi-la a papéis convencionais e permitindo que as personagens mães sejam mostradas em toda a sua complexidade.

O último episódio da temporada, *Feminismo matricêntrico no doutorado sanduíche*, foi uma conversa com as pesquisadoras de maternidade Juddy Garcez e Stefany Feniman, que compartilharam suas experiências no programa de Doutorado Sanduíche no Canadá, e as investigações que têm empreendido em torno do feminismo matricêntrico. A apresentação ficou a cargo da professora do DCOM/PPGCOM UFPE Maria Collier de Mendonça e do extensionista, e bolsista PIBIC Propesq-Af, João Victor Fernandes.

Juddy é doutoranda em Relações Internacionais na PUC-Rio e pesquisa política materna, explorando o poder e a resistência das mães a partir das margens do internacional. Já Stefany é doutoranda em Sociologia e investiga as (im)possibilidades de maternagem em processos de destituição do poder familiar e adoção. Ambas estavam vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Feminismos e Mulheres da Universidade de York, com bolsa da Capes, onde trabalhavam sob a supervisão da professora Andrea O'Reilly.

Referência mundial nos estudos maternos e criadora do feminismo matricêntrico, Andrea é autora de importantes obras teórico-metodoló-

gicas utilizadas nos estudos da maternidade em diferentes países e áreas de pesquisa. Durante a conversa, discutimos o conceito de feminismo matricêntrico, que argumenta que a categoria mãe é distinta da categoria mulher, pois os desafios enfrentados pelas mães – sejam sociais, econômicos, políticos, culturais ou psicológicos – são específicos das identidades e dos papéis maternos. Para O'Reilly, as mães são oprimidas tanto por serem mulheres quanto por serem mães, e, por isso, necessitam de um feminismo que tenha como ponto de partida suas necessidades e preocupações, possibilitando o desenvolvimento de uma teoria e política de empoderamento materno.

Além de falarmos sobre suas pesquisas, Juddy e Stefany compartilharam como foi o processo de obtenção da bolsa Capes e os passos necessários para viabilizar o doutorado sanduíche na Universidade de York. Também refletiram sobre a experiência de trabalhar com O'Reilly e o que esperam aprender sob sua supervisão. Juddy, por exemplo, explicou sua pesquisa sobre o clube das mães, detalhando como esse espaço funcionava e de que maneira as participantes atuavam.

Ela contextualizou os clubes das mães como um movimento de mulheres ativistas que atuaram na Zona Sul paulistana, entre as décadas de 1970 e 1980, auge da nossa ditadura. Eram mulheres, mães, donas de casa, que buscavam aprender ofícios como corte e costura, e por isso passaram a frequentar salões de igreja, principalmente católicas, para aprender com as mulheres da Lions Club, um grupo assistencialista. Romperam com o grupo ao perceber que suas necessidades não seriam satisfeitas e se organizaram para solicitar apoio à população em geral e aos políticos por meio para reduzir o custo de vida da maternagem, como as creches, por exemplo. Estabeleceram uma comunidade de cuidado mútuo, algumas construíram creches com as próprias mãos. Dois grandes movimentos que conhecemos hoje são fruto desse primeiro momento: o movimento do custo de vida e a luta por creches. Com essa ampliação do movimento e a chegada de novos atores, tanto sindicalistas quanto feministas, o movimento das mães foi perdendo a força e elas retornaram

a discussões mais vinculadas ao espaço doméstico, o que não significa que tenham perdido a relevância.

Foram mulheres pioneiras nesse ativismo, mas são mulheres completamente invisibilizadas hoje em dia. [...] Durante o mestrado eu consegui fazer entrevistas com algumas delas por telefone, considerando que a gente tava na pandemia e que hoje em dia elas têm cerca de 80 anos, mas eu trabalho também com análise documental e isso a gente tem bastante, tanto no centro da Unesp, o CEDEN, quanto no Memorial da Resistência, a gente uma série de documentos, inclusive a gente teve uma mostra sobre as lutas dessas mulheres. Então eu coletei os documentos, faço uma análise conceitual sobre os termos patriarcado, maternidade e maternagem. No âmbito de interagir com elas, eu consegui até mesmo fazer uma entrevista com Amelinha Teles, ela também foi uma militante de esquerda, militante feminista, para tentar entender essas nuances distintas (Garcez, 2024, informação verbal).

Já Stefany abordou o conceito de “mães órfãs”, ou seja, aquelas destituídas do poder familiar.

Meu uso desse conceito veio a partir do coletivo de mesmo nome, coletivo Mães Órfãs, identificado a partir do trabalho de pesquisadoras como Alzira de Oliveira Jorge e Mônica Garcia Pontes. Esse conceito fala sobre o ciclo de violência e de exclusão social de mulheres que estão perdendo, sistematicamente, seus filhos. Estão sendo afastadas deles pelo poder público, por um regime de verdade e por uma prática de dominação muito específica, sob a justificativa de que as condições de vida dessas mulheres - marcadas pela experiência de rua, pelo uso de substâncias psicoativas, pela falta de acesso à cuidados pré-natais, um histórico de negligência ou violência, que as torna inaptas para a maternidade. E muitas dessas mulheres foram, na sua infância, separadas das suas famílias e ao longo da adolescência passaram por gestações repetidas, sempre acompanhadas pela perda dos seus filhos e isso vai perpetuando um ciclo de sofrimento e desamparo (Feniman, 2024, informação verbal).

Feniman complementou seu relato de pesquisa contando aprendizados obtidos com as experiências das mães adotivas.

Elas nos ensinam sobre a necessidade de superação da família apenas por laços de sangue. Também a necessidade de cultivar vínculos afetivos honestos, sem romantizações e respeitosos. Tanto com a origem das crianças e adolescentes adotivos, a história que eles possuem, quanto também com maternar que seja construído a partir de conexões emocionais profundas e práticas de cuidado (Feniman, 2024, informação verbal).

Além das descobertas acadêmicas, elas contaram sobre as vivências no Canadá, especialmente em Toronto, uma das cidades mais multiculturais do mundo. Relataram como a experiência de morar em outro país tem ampliado suas perspectivas não apenas sobre maternidade e feminismo, mas também sobre diferentes formas de organização social e cultural. A conversa reforçou a importância de pesquisas sobre maternidade e maternagem e como essas experiências internacionais podem contribuir para o desenvolvimento desses estudos no Brasil.

Ao longo da quinta temporada do programa de rádio do @mmi.ufpe, exploramos temas fundamentais que atravessam o cotidiano e a sociedade, trazendo discussões sobre maternidade, feminismo, representatividade materna no cinema, impactos das tecnologias na infância e desafios da vida acadêmica para as mães. Conversamos com pesquisadoras que investigam a atuação das mães na política e os desafios da maternagem em contextos de adoção, refletimos sobre como o cinema brasileiro retrata a maternidade e debatemos as complexidades do uso de telas por crianças e adolescentes. Também discutimos iniciativas voltadas para a inclusão de mães no ensino superior e políticas públicas que buscam garantir espaços digitais mais seguros. Em todas essas conversas, ficou evidente a importância de darmos visibilidade a experiências frequentemente marginalizadas, promovendo um debate crítico e ampliando perspectivas sobre temas essenciais. Em síntese, a quinta temporada do Maternagem, Mídia e Infância na Rádio Paulo Freire reforçou nosso compromisso em trazer reflexões que dialogam com diferentes realidades e contribuem para a construção de um futuro mais inclusivo para todas e todos.

Agradecimentos

A autora deste capítulo agradece à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM UFPE) pela bolsa de mestrado (BPG/FACEPE).

Notas

Clique sobre o número para retornar ao texto

1. Este capítulo foi adaptado de texto previamente apresentado no INTERCOM NE, 25, 2025 e publicado nos anais do evento.
2. Após a veiculação deste episódio, o Projeto de Lei 2628/2022 foi transformado na Lei Ordinária 15211/2025, publicada no dia 17 de setembro de 2025 no Diário Oficial da União, que dispõe sobre a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais (Estatuto Digital da Criança e do Adolescente).

Referências

- AINDA estou aqui. Direção: Walter Salles Júnior. Rio de Janeiro: Sony Pictures Releasing, 2024. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/ainda-estou-aqui/t/rJrXxvJ2s8/> (135 min). Acesso em: 08 abr 2025.
- AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Recife: Vitrine Filmes, 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80113667?source=35> (145 min). Acesso em: 08 abr 2025.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais*. Brasília, DF: SECOM/ BR, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/guia-de-telas_sobre-usos-de-dispositivos-digitais_versaoweb.pdf. Acesso em: 4 abr. 2026.
- BRASIL. Lei nº 15.211, de 17 de setembro de 2025. Dispõe sobre a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais (Estatuto Digital da Criança e do Adolescente). *Diário Oficial da União, Brasília*, DF, 17 set. 2025. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=600&pagina=1&data=17/09/2025>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- BOI Neon. Direção: Gabriel Mascaro. Produção: Rachel Ellis. Recife: Imovision, 2015. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Boi-Neon/0NKYX77ACKTFSQTGFZTEGLIEQ9> (101 min). Acesso em: 08 abr 2025.
- COLLIER DE MENDONÇA, M. *et al.* Maternagem, Mídia e Infância: Conexões e Interações a partir da Rádio Paulo Freire, emissora escola da UFPE. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (25. : 2025 : Fortaleza/CE). *Anais do 25o Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, de 24 a 26 de junho de 2025, E [recurso eletrônico] : Organizado por Ariane Carla Pereira, Maria do Carmo Silva Barbosa - São Paulo : Intercom, 2025. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2025/listaJornada.php>. Acesso em: 15 Jul. 2025.
- MATERNAGEM MÍDIA E INFÂNCIA: Burnout Materno. Entrevistadores: Nina Carreiro e Ikaro Reis. Entrevistadas: Mariana Della Barba, Maria Collier de Mendonça e Ana Paula Campos Lima [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 21 nov. 2024. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://youtu.be/C81b0FIkSg?si=rsf8oXdGmzcoI7Yx>. Acesso em: 10 abr 2025.
- MATERNAGEM MÍDIA E INFÂNCIA - Crianças, uso de telas e celulares. Entrevistadores: Carolina Dantas de Figueiredo, Ikaro Reis e Luiza Medeiros. Entrevistado: Rodrigo Lopes. [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 05 dez. 2024.

Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/EbTP1IoanmI?si=AEK0NoCU1MSPr3x8>. Acesso em: 10 abr 2025.

MATERNAGEM MÍDIA E INFÂNCIA - Feminismo matricêntrico na doutorado sanduíche. Entrevistadores: Maria Collier de Mendonça e João Victor Fernandes. Entrevistadas: Juddy Garcez e Stefany Feniman. [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 12 dez. 2024. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/q-w2g4HJX4U?si=jW5hWJ1EEDeusLVE>. Acesso em: 10 abr 2025.

MATERNAGEM MÍDIA E INFÂNCIA - Infância nas Plataformas. Entrevistadores: Carolina Dantas de Figueiredo, João Victor Fernandes e Ikaro Reis. Entrevistado: Rodrigo Lopes. [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 24 out. 2024. Programa de rádio e podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/3hn7DNYtlN0?si=nsM8zcJeKH2nRGeI>. Acesso em: 10 abr 2025.

MATERNAGEM MÍDIA E INFÂNCIA - Mães na Universidade: Ontem, Hoje e Amanhã. Entrevistadoras: Maria Collier de Mendonça e Carolina Dantas de Figueiredo. Entrevistadas: Cinthia Kalyne Alves, Kássia de Oliveira, Raquel Gomes e Mayara da Silva. [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 28 nov. 2024. Programa de rádio e podcast. Disponível em: https://www.youtube.com/live/LGYJ0aNFcjM?si=rrhUf8quwsSwi1M_. Acesso em: 10 abr 2025.

MATERNAGEM MÍDIA E INFÂNCIA - Personagens maternas no cinema brasileiro. Entrevistadoras: Luiza Medeiros e Nina Carreiro. Entrevistadas: Nina Velasco e Clarissa Azevedo. [S. l.]: Rádio Paulo Freire UFPE, 12 dez. 2024. Programa de rádio e podcast. Disponível em: https://www.youtube.com/live/3qegpEOoiYk?si=BsseIe4_yDHkwUVQ. Acesso em: 10 abr 2025.

O SOM ao redor. Direção: Kleber Mendonça Filho. Recife: Vitrine Filmes, 2013. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/70245247?source=35> (131 min). Acesso em: 08 abr 2025.

O'REILLY, Andrea. *Matricentric Feminism: Theory, Activism, and Practice*. Bradford: Demeter Press, 2016.

QUE HORAS ela volta?. Direção: Anna Muylaert. São Paulo: Pandora Filmes, 2015. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80039527?source=35> (114 min). Acesso em: 08 abr 2025.

RICH, Adrienne. *Of woman born: motherhood as experience and institution*. WW Norton & Company, 2021.

Produção simultânea do curso de extensão e da sexta temporada do programa Maternagem, Mídia e Infância na Rádio Paulo Freire em 2025

LEILA MARIA FIALHO
IZABELI SOARES DOS SANTOS
MARIA COLLIER DE MENDONÇA
JÚLIA CARDOUZO
EDUARDA MICAELY
CAROLINA DANTAS DE FIGUEIREDO
JOÃO VÍCTOR FERNANDES
AINOÃ OLIVEIRA
LILIAN SANTIAGO
HALLENA LEMOS E SILVA
GUSTAVO LIMEIRA DE LACERDA

Neste capítulo, relatamos a produção simultânea do primeiro curso de extensão e da sexta temporada do programa *Maternagem, Mídia e Infância*, que ocorreram no período de outubro a dezembro de 2025. A ideia de oferecermos um curso de extensão on-line surgiu quando algumas mães estudantes nos disseram que participar de um projeto de extensão ou iniciação científica era um sonho inviável para elas porque já lhes era muito difícil lidar com as disciplinas (obrigatórias e eletivas) o trabalho materno, doméstico e remunerado ao mesmo tempo.

Ao longo de cinco anos, o nosso projeto de extensão possibilitou a participação da nossa equipe em vários fóruns de discussão, eventos presenciais e on-line; inspirou a criação do projeto de pesquisa PIBIC *Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação* em 2024 e do Grupo de Pesquisa *Mídia, Maternagem e Cultura do Consumo* PPGCOM UFPE/ CNPq em 2025. Dessa maneira, nossas atividades de extensão integraram-se às atividades de iniciação científica, às nossas

pesquisas docentes e de pós-graduação no PPGCOM UFPE. E, assim, continuamos ampliando as trocas de experiências com pesquisadoras, redes nacionais e internacionais dedicadas aos estudos maternos e sobre as infâncias nas mídias. Nesse processo de amadurecimento do grupo, em 2025 oferecemos o primeiro curso de extensão on-line noturno, de 30 horas/ aula, desenhado justamente para atender às necessidades das mães estudantes e conectar mais pessoas que pesquisam sobre os nossos temas de interesse.

Também em 2025, as professoras Maria Collier de Mendonça e Carolina Dantas de Figueiredo participaram do Grupo de Trabalho Parentalidade na Assistência Estudantil da UFPE, liderado pela professora Cinthia Kalyne Alves, pró-reitora de assistência estudantil, que foi nomeado pelo reitor Alfredo Gomes por meio da Portaria nº 1542 de 24 de abril de 2025. Formado por docentes de várias áreas, servidoras técnicas e técnicos administrativos dos três *campi* da UFPE, o grupo elaborou um relatório técnico que descreveu os principais desafios enfrentados pelas mães, pais e demais estudantes responsáveis por atividades parentais. O objetivo do relatório foi subsidiar o desenvolvimento de políticas institucionais de apoio ao ingresso, permanência e progressão de estudantes responsáveis por filhas e filhos na UFPE. Para tanto, o grupo levantou dados sobre o perfil desses estudantes e suas principais dificuldades relacionadas à maternidade/ parentalidade; listou normativas legais a serem cumpridas, mapeou políticas e projetos de extensão existentes na UFPE e outras instituições relacionados à essa temática; como também, apontou boas práticas e recomendações estratégicas considerado a importância das políticas de apoio à maternidade/ parentalidade para a UFPE considerando seus impactos diretos na permanência, produção acadêmica e equidade de gênero na universidade.

Nesse contexto, o primeiro resultado socialmente impactante do grupo do trabalho, liderado pela Pró-reitoria de Assuntos Estudantis, foi a inauguração da Cuidoteca da UFPE. Este projeto piloto contou com a colaboração da equipe do Projeto Maternagem, Mídia e Infância, que

realizou uma roda de conversa no dia 22 de julho de 2025 com mães estudantes e professoras de diferentes cursos e turnos e representantes do GT de Parentalidade, para lhes apresentar o conceito da Cuidoteca e debater sugestões de atividades para o futuro espaço universitário. Alguns meses depois, no dia 19 de março de 2026, a Cuidoteca foi inaugurada no Complexo de Convenções, Eventos e Entretenimento do *campus* Recife da UFPE.

Conforme notícia publicada no website da UFPE, a Cuidoteca contará com recursos financeiros do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome e uma equipe especializada oferecerá atividades culturais, recreativas e lúdicas gratuitamente para crianças de 3 a 10 anos:

A Cuidoteca é um serviço público que integra o Plano Nacional de Cuidados – Brasil Que Cuida. A iniciativa, construída de forma colaborativa, articula pesquisa, extensão e mobilização institucional em torno do reconhecimento do cuidado como dimensão estruturante da vida universitária. Mais do que um espaço físico, ela representa um passo estratégico para reduzir os impactos da maternidade e da paternidade nas trajetórias acadêmicas e profissionais de estudantes e servidores da UFPE, promovendo equidade de gênero, ampliando as condições de permanência e reafirmando o compromisso da universidade com uma comunidade mais inclusiva, justa e corresponsável pelo cuidado. Na UFPE, a Cuidoteca vai funcionar de segunda a sexta-feira, das 17h às 22h, no CCEE. Serão atendidas até 40 crianças, com ou sem deficiência, filhas de estudantes e servidores (UFPE, 2026, on-line)

Metodologia de trabalho: aproximando ensino, pesquisa e extensão

O desenvolvimento do curso de extensão possibilitou a participação expressiva de mães-estudantes e pesquisadoras de todo o Brasil nas aulas on-line. A produção simultânea da sexta temporada do programa de rádio Maternagem, Mídia e Infância compartilhou essas experiências e conhecimentos para uma audiência ampla, pois cada episódio espelhou a temática de cada aula do curso, integrando o conteúdo programado

para o curso à veiculação dos programas, transmitidos ao vivo no canal do YouTube da Rádio Paulo Freire.

Os extensionistas do @mmi.ufpe participaram do curso, acompanharam todas as aulas e providenciaram o suporte necessário para seu andamento. Também redigiram os roteiros, apresentaram os episódios na rádio, criaram o material para divulgação do curso e da sexta temporada para o Instagram do @mmi.ufpe. Ao final, a nossa equipe cuidou da emissão de certificados das participantes e palestrantes do curso e disponibilizou os episódios no formato de *podcasts* e *videocasts* no *Linktree* do @mmi.ufpe.

O curso de extensão e a sexta temporada de rádio

O Curso de Extensão Maternagem, Mídia e Infância foi realizado online via Google Meet, no período de 4 de novembro a 2 de dezembro de 2025, sempre às terças-feiras das 19 às 21 horas. Contou com a participação de cerca de 40 estudantes e pesquisadoras de diferentes universidades brasileiras, de várias áreas de estudos, desde graduandas até professoras doutoras. O programa do curso envolveu as seguintes temáticas:

Data	Aula, tema e palestrantes
04/11/2025	Aula 1: maternidade nas mídias e feminismo matricêntrico. Professoras: Maria Collier e Carolina Dantas (Universidade Federal de Pernambuco) Convidada externa: professora Milena Freire de Oliveira-Cruz (Universidade Federal de Santa Maria, RS).
11/11/2025	Aula 2: Infâncias nas mídias. Convidadas externas: Brenda Guedes (Universidade Federal do Ceará) e Débora Santos (ambas doutoras em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco).

18/11/2025	Aula 3: políticas de inclusão e permanência maternas. Professoras: Maria Collier e Carolina Dantas (Universidade Federal de Pernambuco) Convidadas externas: Ana Paula Nunes (pedagoga pela UFBA e integrante do Coletivo de Mães da UFBA), Vanessa Suany (mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina) e Camila Infanger (pesquisadora do Parent in Science e doutoranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo).
25/11/2025	Aula 4: abordagens decoloniais e interseccionais da maternidade. Professoras: Maria Collier e Carolina Dantas (Universidade Federal de Pernambuco) Convidadas externas: Luana Fontel (doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro) e Mithaly Corrêa (mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro), ambas pesquisadoras do Núcleo Materna da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
02/12/2025	Aula 5: apresentações e orientações dos trabalhos das alunas. As estudantes matriculadas no curso apresentaram seus trabalhos (resumos de futuros projetos ou textos em andamento) em salas simultâneas, em seguida as professoras Juliana Márcia Santos Silva (doutora em Serviço Social pela PUC-RIO), Maria Collier e Carolina Dantas (MMI UFPE) orientaram o desenvolvimento dos trabalhos.

Quadro 1: curso de extensão Maternagem, Mídia e Infância

Fonte: elaborado pelos autores (2026)

A veiculação dos episódios da sexta temporada do programa de rádio *Maternagem, Mídia e Infância* aconteceu de 6 de novembro a 11 de dezembro de 2025. Ela foi composta por cinco episódios, veiculados e disponíveis no canal do YouTube da Rádio Paulo Freire, que seguiram as pautas dos temas das aulas, conforme descritos no quadro a seguir.

Data	Tema
06/11/2025	Episódio 1: Maternidade nas mídias e feminismo matricêntrico. Convidadas: professora Maria Collier de Mendonça (PPGCOM e MMI UFPE) e bolsista PIBIC Eduarda Micaely (MMI UFPE). Apresentadoras: Júlia Cardouzo e Izabeli Soares (MMI UFPE)
13/11/2025	Episódio 2: Infâncias nas mídias. Convidados: professores Rogério Covaleski e Maria Collier de Mendonça (PPGCOM e MMI UFPE). Apresentadoras: Eduarda Micaely e Leila Fialho (MMI UFPE)
27/11/2025	Episódio 3: Políticas de apoio às mães nas universidades. Convidadas: professoras Maria Collier de Mendonça e Carolina Dantas (PPGCOM e MMI UFPE). Apresentadoras: Izabeli Soares e Leila Fialho (MMI UFPE)
04/12/2025	Episódio 4: Abordagens decoloniais e interseccionais da maternidade. Convidados: João Victor Fernandes, Júlia Cardouzo, Izabeli Soares e Leila Fialho (MMI UFPE). Os quatro extensionistas conversaram sobre as abordagens decoloniais e interseccionais da maternidade e compartilharam os aprendizados sobre o curso de extensão e sua importância para conectarmos mulheres-mães, pesquisadoras/es, estudantes e docentes.
11/12/2025	Episódio 5: Mesa Nordeste do I Seminário Nacional Maternidade e Universidade. Convidadas: professora Cinthia Kalyne Alves (pró-reitora da PRO-AES UFPE), Bruna Patrícia (mãe e doutoranda em educação na UFPE), Kamila Brito (mãe, estudante de pedagogia e representante do Coletivo Maternidades UFPE) e teve a mediação da professora Maria Collier (MMI UFPE e PPGCOM UFPE).

Quadro 2: sexta temporada programa de rádio Maternagem, Mídia e Infância
Fonte: elaborado pelos autores (2026)

Em síntese, os quatro episódios iniciais desta temporada ampliaram o diálogo sobre os temas e questões abordados nas respectivas aulas que os antecederam. Já o quinto e último episódio correspondeu à participação do @mmi.ufpe no I Seminário Nacional Maternidade e Universidade. Nele apresentamos a Mesa Nordeste, que integrou a programação deste evento. Realizado remotamente, o Seminário ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de dezembro de 2025 em formato híbrido. O evento foi organizado por cinco universidades (UFRJ, UERJ, UFF, UFRGS e UFPE), através do Núcleo Materna, do Grupo de Estudos da Maternidade, dos Projetos de Extensão Mães na Universidade da UFRJ e do Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância (@mmi.ufpe), com o apoio de vários coletivos de mães-estudantes (Mães da UFRJ, Movimento Mães da UFF, Mães F3P-EFICE da ESEFID/UFRGS, Mães na UFRGS, Mães e Pais da UERJ, Mães Ayend Nascimento da Unirio, Mães da PUC Rio, Pais e Mães da UFRRJ, MãEstudantes da UFSC e Mães da UFBA) e da APG PUC Rio, com transmissões das mesas e apresentações dos grupos de trabalho via YouTube.

A Mesa Nordeste foi transmitida ao vivo no *YouTube* pelos canais da Rádio Paulo Freire, do Núcleo Materna e da plataforma Even. E suas debatedoras (Maria Collier de Mendonça, Bruna Patrícia, Kamila Brito e Cinthia Alves) conversaram sobre o tema da Maternidade e Universidade, destacando especialmente as vulnerabilidades socioeconômicas da Região Nordeste.

Resultados, contribuições e aprendizados

O curso de extensão introduziu novas temáticas, aprofundou conhecimentos, mas também funcionou como um espaço de acolhimento e troca de experiências entre as mães universitárias. Ao final, solicitamos avaliações sobre o curso às participantes e elas destacaram sentimentos de pertencimento e partilha de experiências. Além disso, sugeriram

novas edições e ressaltaram a importância da extensão na promoção de interações relevantes entre universidade e sociedade:

Esse curso foi de extrema importância, tanto quanto mãe e graduanda, quanto cidadã [...] Se enxergar na outra e se sentir acolhida dentro das vivências particulares é muito bom (participante 1, depoimento oral, 2025).

Os impactos altamente positivos, fomentados pelas parcerias de outras que, assim como eu, desvelam essa estrada que é maternar e resistir no espaço universitário (participante 2, depoimento oral, 2025).

O curso me fez sentir pertencente, embora minha participação tenha sido discreta. [...] esse momento final de troca pode ser cada vez mais ampliado nos futuros cursos, [...] entrarei em contato para novas trocas e para poder beber um pouquinho mais dessa fonte tão vasta! (participante 3, depoimento oral, 2025).

Em nossa percepção, a sexta temporada de rádio compartilhou experiências e conhecimentos discutidos do curso, ao mesmo tempo fortaleceu as conexões da equipe do projeto Maternagem, Mídia e Infância com o Núcleo Materna, com o grupo Estudos da Maternidade, vários coletivos de mães universitárias, estudantes e pesquisadoras que se dedicam aos estudos da maternidade no país inteiro.

Agradecimentos

As estudantes de graduação Leila Fialho e Izabeli Soares agradecem às bolsas PIBEXT UFPE. Os estudantes de graduação João Victor Fernandes, Eduarda Micaely, Leila Fialho e Izabeli Soares agradecem às bolsas PIBIC Propesq-Af e CNPq. As mestrandas Júlia Monteiro Cardouzo e Lilian Santiago agradecem, respectivamente, às bolsas de pós-graduação da FACEPE e CAPESS. As professoras Maria Collier de Mendonça e Carolina Dantas de Figueiredo agradecem às palestrantes convidadas e mães-estudantes que participaram do curso de extensão, aos entrevistados

e entrevistadas do programa de rádio Maternagem, Mídia e Infância; à Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (Propesqi/UFPE), à Pró-Reitoria de Extensão (Proext/UFPE), ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFPE), à equipe da Rádio Paulo Freire, emissora escola da UFPE e à pró-reitora Cinthia Kalyne, líder do GT de Parentalidade na Assistência Estudantil da UFPE.

Referências

COLLIER DE MENDONÇA, Maria *et al.* *Relatório técnico: aprendizados da roda de conversa sobre o projeto piloto da Cuidoteca da UFPE*. Recife: UFPE, 2025. Disponível em: <https://linktr.ee/mmi.ufpe>. Acesso em: 02 abr. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Portaria nº 1542, de 24 de abril de 2025. Designa os membros indicados para compor o Grupo de Trabalho Parentalidade na Assistência Estudantil da UFPE. Recife: UFPE, 2025. Disponível em: <https://share.google/9dr8yQDtLmg19fIIIO>. Acesso em: 02 abr. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. *UFPE lança o projeto Cuidoteca, espaço de acolhimento gratuito para filhos de estudantes e servidores*. UFPE, Recife, 20 mar. 2026. Disponível em: <https://bit.ly/cuidotecaufpe>. Acesso em: 26 mar. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS ESTUDANTIS. *Parentalidade UFPE*. Relatório Final do Grupo de Trabalho Parentalidade na Assistência Estudantil da UFPE. Recife: UFPE, 2026. Disponível em: <https://linktr.ee/mmi.ufpe>. Acesso em: 02 abr. 2026.

COLLIER DE MENDONÇA, M. et al. Produção simultânea do curso de extensão e da sexta temporada do programa de rádio Maternagem, Mídia e Infância em 2025. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (26. : 2026: Caruaru, PE). *Anais do XXVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, 8 a 10 de julho de 2026, na Universidade Federal de Pernambuco — UFPE — Centro Acadêmico do Agreste. Recurso eletrônico. – São Paulo : Intercom, 2026. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/25/5117/051720261845166a0a36eccfaa4.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2026.

| SOBRE AS AUTORAS E AUTORES

Ainoã Oliveira Santos

Graduanda em Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi extensionista voluntária no projeto Maternagem, Mídia e Infância e PIBIC voluntária no projeto de pesquisa “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação” em 2025, sob orientação de Maria Collier de Mendonça. Tem experiência no terceiro setor e em produções audiovisuais universitárias.

<http://lattes.cnpq.br/4694210168073629>

<https://orcid.org/0009-0005-6491-2425>

ainoa.oliveira@ufpe.br

Aline Enatally de Melo Menezes

Jornalista formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi extensionista do projeto Maternagem, Mídia e Infância de 2022 a 2023. Neste período, participou da produção e apresentação do programa de rádio e podcast do @mmi.ufpe na Rádio Paulo Freire e de rodas de conversa sobre permanência materna na UFPE.

<https://lattes.cnpq.br/4253464059631826>

<https://orcid.org/0009-0008-9091-8275>

aline.mmenezes@ufpe.br

Bruna Patrícia Ferreira da Silva

Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Psicóloga com atuação em formação humana, arte e riso, com interesse em processos educativos, subjetividades e práticas formativas. Integrante do Coletivo Maternidades UFPE.

<https://lattes.cnpq.br/9251279093743612>

<https://orcid.org/0000-0002-6746-5844>

bruna.patricia@ufpe.br

Eduarda Micaely da Silva Melo

Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integrante do Grupo de Pesquisa Mídia, Maternagem e Cultura do Consumo (PPGCOM UFPE/CNPq). Participa do projeto de pesquisa “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação”, como bolsista PIBIC/Propesq-Af IC e PIBIC/CNPq sob orientação de Maria Collier de Mendonça. Extensionista voluntária do projeto Maternagem, Mídia e Infância (@mmi.ufpe).

<http://lattes.cnpq.br/5707727068643574>

<https://orcid.org/0009-0004-4737-6037>

eduarda.micaely@ufpe.br

Gisele Maria da Silva Ramos

Radialista formada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi extensionista do projeto Maternagem, Mídia e Infância de 2022 a 2023. Neste período, participou da produção e apresentação do programa de rádio e podcast do @mmi.ufpe na Rádio Paulo Freire e de rodas de conversa sobre permanência materna na UFPE.

<http://lattes.cnpq.br/8534603706051758>

<https://orcid.org/0009-0007-2434-6902>

gisele.silvaramos@ufpe.br

Gustavo Limeira de Lacerda

Mestrando em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduado em Comunicação Social/Publicidade pelo UNIESP (2025). Participa do Grupo de Pesquisa Mídia, Maternagem e Cultura de Consumo e do Projeto Maternagem, Mídia e Infância. É redator publicitário e escritor.

<http://lattes.cnpq.br/1001655194099215>

<https://orcid.org/0009-0006-6202-5467>

gustavo.limeira@ufpe.br

Hallena Alves Lemos e Silva

Graduação em andamento em Pedagogia (UFPE). Foi extensionista voluntária do Projeto Maternagem, Mídia e Infância em 2025.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4366166681921308>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0793-8180>

E-mail: hallena.alsilva@ufpe.br

Ikaro José Felix dos Reis

Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atuou como bolsista BIA/FACEPE no Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância e como bolsista PIBIC/Propesqi-Af UFPE no projeto “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação”, sob orientação de Maria Collier de Mendonça.

<https://lattes.cnpq.br/4366166681921308>

<https://orcid.org/0009-0005-8272-7573>

ikarojfreis@gmail.com

Izabeli Soares dos Santos

Graduanda em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi bolsista PIBEXT do Projeto Maternagem, Mídia e Infância. Participa do Grupo de Pesquisa Mídia, Maternagem e

Cultura do Consumo (PPGCOM UFPE/CNPq). Foi bolsista PIBIC Pro-pesqi-Af UFPE, tendo participado do projeto de pesquisa “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação”, ambos liderados por Maria Collier de Mendonça.

<http://lattes.cnpq.br/8123584000867369>

<https://orcid.org/0009-0005-4351-8664>

João Victor Fernandes Santana de Oliveira

Graduando em Publicidade e Propaganda (UFPE). Foi extensionista voluntário do Projeto Maternagem, Mídia e Infância e bolsista PIBIC/Propesqi-Af UFPE, tendo participado do projeto de pesquisa “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação”, sob orientação de Maria Collier de Mendonça.

<http://lattes.cnpq.br/0885415831246559>

<https://orcid.org/0009-0002-9982-6007>

victorfernandes029@gmail.com

Júlia Monteiro Cardouzo

Bolsista Facepe. Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM UFPE). Jornalista formada pela UFPE (2023). Atualmente integra o Grupo de Pesquisa Mídia, Maternagem e Cultura do Consumo e é extensionista voluntária do Projeto Maternagem, Mídia e Infância.

<https://lattes.cnpq.br/0873471534807089>

<https://orcid.org/0009-0000-8489-6964>

julia.cardouzo@ufpe.br

Juliana Fernanda Carvalho de Melo

Mestranda em Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Gênero, Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Fundaj. Graduada em Ciências Geográficas pela UFPE. Atualmente, coordena o Núcleo de Políticas da Mulher, da Diretoria de Ações

Afirmativas da UFPE. Foi co-fundadora do Coletivo Maternidades da UFPE e colaboradora do Projeto de Extensão Maternagem, Mídia e Infância.

<http://lattes.cnpq.br/6705693686369709>

<https://orcid.org/0009-0003-0217-2818>

juliana.cmelo@ufpe.br

Leila Maria Fialho Gomes Almeida

Graduanda em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi bolsista PIBEXT UFPE atuando como extensionista no projeto Maternagem, Mídia e Infância. Atualmente é bolsista PIBIC CNPq no projeto de pesquisa “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação” e participa do Grupo de Pesquisa Mídia, Maternagem e Cultura do Consumo (PPGCOM UFPE/ CNPq), ambos liderados por Maria Collier de Mendonça.

<http://lattes.cnpq.br/0838786542669541>

<https://orcid.org/0009-0006-9893-1330>

leila.fialho@ufpe.br

Lilian Ellen de Souza Santiago

Graduanda em Publicidade e Propaganda na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi bolsista PIBEXT UFPE atuando como extensionista no projeto Maternagem, Mídia e Infância. Atualmente é bolsista PIBIC CNPq no projeto de pesquisa “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação” e participa do Grupo de Pesquisa Mídia, Maternagem e Cultura do Consumo (PPGCOM UFPE/ CNPq), ambos liderados por Maria Collier de Mendonça.

<http://lattes.cnpq.br/0838786542669541>

<https://orcid.org/0009-0006-9893-1330>

leila.fialho@ufpe.br

Maria Luiza de Medeiros Pereira da Silva

Graduação em andamento na licenciatura em Ciências Sociais (UFPE). De meados de 2024 à meados de 2025 atuou no projeto Maternagem, Mídia e Infância como bolsista PIBEXT UFPE e pesquisadora PIBIC voluntária no projeto “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação”, sob orientação de Maria Collier de Mendonça.

<http://lattes.cnpq.br/7327372910230734>

<https://orcid.org/0009-0003-9665-899X>

maria.mlmps@ufpe.br

Maria Luiza França da Silva

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi extensionista do projeto Maternagem, mídia e infância enquanto bolsista do Programa de Incentivo Acadêmico (BIA) de 2023 a 2024. Atualmente, atua em trabalho supervisionado no Grupo de Pesquisa Frestas, na linha de pesquisa Trabalho, Saúde e Subjetividade na UFPE.

<https://orcid.org/0009-0007-2287-1025>

<http://lattes.cnpq.br/5294938072537983>

luiza.franca@ufpe.br

Maria Nina Santana Carreiro

Graduanda em Ciências Sociais (UFPE). Foi bolsista PIBEXT UFPE atuando como extensionista do Projeto Maternagem, Mídia e Infância. Também foi voluntária PIBIC, tendo participado do projeto de pesquisa “Mães, crianças, mídias digitais e a cultura de consumo: significados em circulação”, ambos sob orientação de Maria Collier de Mendonça.

<http://lattes.cnpq.br/0292366421785247>

<https://orcid.org/0009-0006-1596-7806>

nina.santana@ufpe.br

Marília Felix de Carvalho

Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE e graduada em Jornalismo pela mesma universidade. Foi bolsista de iniciação à criação cultural (BICC) durante a produção do e-book “Narrativas maternas na universidade: relatos das mães do CAC - UFPE”, lançado em 2022, sob orientação de Maria Collier de Mendonça. No mestrado, está pesquisando as interseções entre o jornalismo e o direito à moradia.

<http://lattes.cnpq.br/8967404784964930>

<https://orcid.org/0000-0001-6921-6430>

marilia.felix@ufpe.br

Raphaella Almeida Costa

Bacharela em Direito e graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Constrói sua trajetória entre direito, saúde e comunicação, com ênfase em questões sociais contemporâneas. Participou do projeto Maternagem, Mídia e Infância como voluntária no ano de 2025.

<http://lattes.cnpq.br/4616471815667451>

<https://orcid.org/0009-0001-2918-5876>

raphaella.costa@ufpe.br

Declaração do uso de inteligência artificial generativa:

Os capítulos baseados em episódios do programa de rádio e podcast Maternagem, Mídia e Infância foram inteiramente elaborados pelas autoras e autores, mas contamos com o auxílio da ferramenta de inteligência artificial generativa Sonix.ai (versão gratuita, disponível online) para execução das transcrições das gravações dos programas. As autoras e autores revisaram e editaram o conteúdo transcrito em conformidade com o uso ético da inteligência artificial na pesquisa acadêmica e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

A presente obra foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil /CAPES),
por meio de recursos do PROAP alocados ao
Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM)
da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Maria Collier de Mendonça

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), com estágio sanduíche na Universidade de York, Canadá. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM UFPE). Líder do GP Mídia, Maternagem e Cultura do Consumo (PPGCOM UFPE/CNPq). Coordenadora do projeto Maternagem, Mídia e Infância. Pesquisa maternidade, mídia, consumo, semiótica e netnografia.

<http://lattes.cnpq.br/5812490857110564>

<https://orcid.org/0000-0003-2352-4520>

maria.cmendonca@ufpe.br

Carolina Dantas de Figueiredo

Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM UFPE). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM UFPE). Integrante do GP Mídia, Maternagem e Cultura do Consumo (PPGCOM UFPE/CNPq). Vice-coordenadora do projeto Maternagem, Mídia e Infância. Pesquisa sobre comunicação, ambientes virtuais e IA.

<http://lattes.cnpq.br/9786861294557962>

<https://orcid.org/0000-0001-6611-2038>

carolina.figueiredo@ufpe.br